

DM

**A Cultura Baleeira na Madeira**  
**Estudo lexical e comparação com os Açores**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Ana Teresa Menezes de Nóbrega**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

outubro | 2021

**A Cultura Baleeira na Madeira**  
**Estudo lexical e comparação com os Açores**  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Ana Teresa Menezes de Nóbrega**  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS

ORIENTAÇÃO  
Naidea Nunes Nunes

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Professora Doutora Naidea Nunes Nunes, um agradecimento muito especial por toda a orientação e amizade que tive o privilégio de receber, durante este percurso.

Aos informantes, um imenso agradecimento pela enorme entrega e envolvimento na partilha das suas memórias.

Ao Museu da Baleia da Madeira, agradeço a disponibilização das fotografias e todos os ensinamentos que me tem proporcionado.

À minha família, agradeço pela presença constante e apoio incondicional, que comigo embarca nestas aventuras.

## EPÍGRAFES

« Não menos que os destinos das “coisas”, têm os destinos das “palavras” uma íntima dependência com a vida cultural dos povos. Segui-los nos seus diversos caminhos, através do tempo e do espaço, é penetrar um pouco mais fundo no conhecimento da mesma vida dos povos. »

José Gonçalo C. Herculano de Carvalho, 1953, p. x.

« Les monstres ont toujours hanté l'imagination des hommes, et comme rien de plus gros n'existe au monde que le cachalot et les baleines, on comprend que depuis des siècles ces animaux aient été entourés d'un halo de mystère et de respect. »

Jacques Soulaire, “*À la recherche de Moby Dick*”, 1959, p. 5.

« After two hours at sea we finally near a pod of whales. What a fascinating sight, these giants in their element! Playfully yet full of elegance their silver-grey bodies leap out of the water, cutting back into the surface with each breach. »

Petra Deimer, “A «whale» of an Island”, *Islenha*, 1988, p. 50.

« É a sensibilidade humana e o amor à língua que nos leva a empreender este tipo de estudos (...). »

Naidea Nunes Nunes, 2016, p. 17.

## RESUMO

A cultura baleeira na Madeira é a temática alvo de estudo desta investigação lexical, numa perspetiva terminológica. A baleação, atualmente extinta, decorreu no arquipélago da Madeira durante 40 anos e encerra um património cultural imaterial que merece ser estudado e registado para que não caia no completo esquecimento. A caça à baleia chegou à Madeira através dos baleeiros açorianos que, por sua vez, a aprenderam com os baleeiros norte-americanos. Trata-se de uma atividade especializada, cujos termos associados às profissões, técnicas, objetos e processos apenas são conhecidos por quem a pratica. Muitos deles são formas aportuguesadas de empréstimos do Inglês, recebidos dos Açores.

A recolha dos termos da baleação na Madeira foi realizada sobretudo com base na documentação oral resultante de entrevistas (com um questionário onomasiológico, partindo do conceito para recolher o termo) realizadas a cinco informantes que foram profissionais ou estiveram ligados àquela faina, mas também em escassa documentação escrita publicada em papel e digital. A partir destes *corpora* foi elaborado o glossário da cultura baleeira, com os respetivos termos, apresentando variantes fonéticas e morfológicas, assim como sinónimos (variação denominativa dos conceitos) e apenas um termo polissémico. Inclui também o registo dos termos açorianos correspondentes, sempre que possível, permitindo a realização de um pequeno estudo comparativo da terminologia da atividade nos dois arquipélagos.

Posto isto, o glossário compila e sistematiza o léxico da baleação na Madeira e o correspondente da atividade nos Açores, enquanto património linguístico e sociocultural destes arquipélagos. Trata-se de uma terminologia constituída principalmente por nomes (simples, derivados e compostos), sobretudo formados com complementos determinativos que especificam os termos como pertencentes à baleação. A terminologia açoriana revelou apresentar muitos anglicismos, enquanto na Madeira apenas foram documentadas nove formas destes empréstimos. Conclui-se que o conhecimento do vocabulário açoriano associado a esta herança cultural permite compreender melhor os termos da atividade na Madeira, que merecem ser conservados e valorizados como testemunho do passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico da baleação, Glossário terminológico, Património cultural imaterial, Património linguístico, Madeira, Açores.

## ABSTRACT

The whaling culture in Madeira is the subject of study of this lexical research, focusing on a terminological perspective. Whaling, now extinct, took place in the Madeira archipelago for 40 years and contains an intangible cultural heritage that deserves to be studied and registered so that it does not consign to complete oblivion. Whaling arrived in Madeira through the Azorean whalers, who, in turn, learnt it from the North American whalers. It is a specialized activity, whose terms associated with professions, techniques, objects and processes are only known by those who practice it, many of them Portuguese forms of English words received from the Azoreans.

The gathering of whaling terminology in Madeira was carried out mainly on the basis of oral documentation attained from interviews (with an onomasiological questionnaire, giving the concept to collect the term) carried out with five informants, who were professionals or were connected with whaling, but also on scarce written published on paper and digital documentation. Using these *corpora*, the glossary of whaling culture was created with its respective terminology, presenting phonetic and morphological variations, as well as synonyms (denominative variations of the concepts) and only one polysemic term. It also includes a registry of the corresponding Azorean terms, whenever possible, allowing for a comparative study of the terminology used in both archipelagos.

The glossary compiles and systematizes the whaling lexicon of Madeira and the equivalent one of the Azores as a linguistic and sociocultural heritage of these archipelagos. It is a terminology consisting mainly of nouns (simple, derived and compound), mainly formed with determinative complements that specify the terms as belonging to the whaling activity. The Azorean terminology was found to contain many anglicisms, while in Madeira only nine forms of these linguistic loans were documented. We conclude that the knowledge of the Azorean vocabulary associated to this cultural heritage allows us to better understand the whaling lexicon employed in Madeira, which deserves to be preserved and valued.

**KEY WORDS:** Whaling lexicon, Terminological glossary, Intangible cultural heritage, Linguistic heritage, Madeira, Azores.

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>i</b>
<b>EPÍGRAFES</b> .....	<b>ii</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>iii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>iv</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Contextualização cultural, histórico-geográfica e socioeconómica</b> .....	<b>5</b>
1. A Baleação .....	6
1.1. Estados Unidos da América: New Bedford .....	8
1.2. Açores .....	9
1.3. Madeira .....	11
<b>Capítulo II - Enquadramento teórico-conceitual e metodológico</b> .....	<b>15</b>
1. O Património Linguístico da baleação madeirense.....	15
2. O método “palavras e coisas” e a terminologia .....	17
2.1. O método “palavras e coisas” .....	17
2.2. A terminologia .....	19
3. Recolha terminológica em documentação escrita e oral.....	23
3.1. A Linguística de <i>Corpus</i> .....	23
3.1.1. Fontes escritas.....	26
3.1.2. Fontes orais .....	27
3.2. Metodologia da entrevista com questionário .....	31
<b>Capítulo III – Elaboração do glossário da cultura baleeira</b> .....	<b>33</b>
1. Elaboração do glossário e respetivas abreviaturas.....	33
2. Glossário da cultura baleeira.....	36
<b>Capítulo IV - Discussão dos Resultados</b> .....	<b>106</b>
1. Resultados das entrevistas .....	106
2. Resultados do glossário .....	109
2.1. Vocabulário específico.....	113
2.2. Vocabulário geral.....	114
3. Comparação com documentação dos Açores .....	115
<b>Conclusões e considerações finais</b> .....	<b>124</b>
<b>FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>129</b>
1. Fontes documentais.....	129

1.1. Madeira .....	129
1.2. Açores .....	130
2. Bibliografia .....	130
3. Recursos da internet.....	133
<b>Índice de Tabelas .....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>135</b>
Apêndice I - Questionário da entrevista.....	135
Apêndice II - Modelo da Ficha do informante.....	139
Apêndice III – Modelo da autorização de gravação de entrevista e tratamento de dados .....	140
<b>ANEXOS .....</b>	<b>141</b>
Anexo I - Álbum fotográfico .....	141

## Introdução

O mar faz parte da vida e do imaginário do povo português, intrinsecamente associado à identidade nacional, é uma referência que desde sempre teve um importante papel no desenvolvimento do país, quer a nível histórico quer a nível comercial. Essa importância assume um valor acrescido, quando se trata dos espaços insulares, distantes das grandes metrópoles e com o acesso dificultado a bens de primeira necessidade.

No início dos anos 40 do século XX, o povo da Madeira, habituado às lides do mar desde muito cedo, assistiu à introdução de uma nova atividade, a caça à baleia. Os primórdios da caça na Ilha da Madeira foram governados por açorianos, familiarizados com as manhas dos animais, dominavam as técnicas herdadas dos americanos e dos bascos. Na Madeira, a baleação teve início em 1941 e decorreu até ao ano de 1981. Sobre a história recente dos 40 anos da atividade, atualmente extinta, é ainda possível recolher testemunhos, na primeira pessoa, de homens que encontraram o ganha-pão para as suas famílias na caça à baleia.

Pelas influências a que esteve sujeita e pelas particularidades dos equipamentos e ferramentas utilizados no combate a animais de tão grande porte, a caça à baleia reunia um conjunto de especificidades de grande valor para a Língua, a História, a Sociedade e a Cultura regional e local, que deverá ser abordada e compreendida com a respetiva contextualização cultural, histórico-geográfica e socioeconómica.

A memória da baleação madeirense é salvaguardada pelo Museu da Baleia da Madeira (MBM), criado em 1990, nove anos depois do fim da atividade. Este teve como objetivo principal a “Divulgação das artes e tradições da caça artesanal do cachalote, com incidência principal na actividade exercida na região da Madeira.”<sup>1</sup>, como é possível ler no documento que constituiu os estatutos daquela Instituição. Foi um dos pilares sobre o qual se construiu o Museu que, naturalmente, conquistou outra dimensão, ao longo dos anos. Imprimiu inovação ao discurso museológico, mantendo-se fiel à sua identidade e aos objetivos que deram lugar à sua atual missão: “Preservar o património e o conhecimento histórico sobre a caça à baleia na Madeira, gerar e divulgar conhecimento sobre os cetáceos e o meio marinho, através de uma política integrada, ambientalmente

---

<sup>1</sup> Estatutos da Criação do Museu da Baleia, na freguesia do Caniçal, datados de 26 de fevereiro 1990.

responsável, assente na museologia, na educação e na investigação científica, contribuindo para aproximar as pessoas do mar.”<sup>2</sup>.

Enquanto trabalhadora do MBM, desde o ano 2000, com uma função diferente da atual, a proximidade da população local era grande e a curiosidade era facilmente estimulada pelas conversas com os antigos baleeiros, num misto de admiração e incredulidade. A visita ao antigo Museu fazia parte da rotina de alguns destes homens que o sentiam também como sua pertença. Falar do tempo era muitas vezes o mote que inevitavelmente precedia o olhar para o mar e o deambular pelas memórias do tempo em que se caçavam baleias. Um passeio pela exposição, que então se resumia a uma sala, dava para tema de conversa durante uma tarde e as pormenorizadas explicações dos registos fotográficos eram imensas, assim como as menções a alcunhas, alusivas a colegas de profissão, que tinham protagonizado episódios dignos de se referenciar. Alguns ficaram registados, outros perderam-se com a partida da maior parte daqueles que um dia tiveram uma das profissões mais perigosas, concretizadas pelo homem no mar.

É ponto assente que a baleação se desenvolveu globalmente, apesar de em períodos distintos e divergindo nas técnicas utilizadas, tendo, em qualquer um dos casos, um indiscutível impacto socioeconómico e cultural nas comunidades onde ocorreu. São muitos os registos da atividade baleeira a nível mundial, sobressaindo tanto pelo incrível como pelo assombroso e muitas vezes revelando a vertente mais temida pelo homem, contudo sempre presente: a morte.

Pese embora a sua existência na atualidade não seja aceitável nem tão pouco justificável, e por isso proibida e abolida na grande maioria dos países, é inequívoca a importância do seu conhecimento e a sua valorização enquanto património cultural e como objeto de investigação, quer seja numa perspetiva histórica, etnográfica, cultural ou linguística. Não obstante a relevância de qualquer umas das áreas atrás referidas e da importância do MBM, como testemunho da história, o presente trabalho foca-se neste último âmbito, o da linguística, mais propriamente no estudo do léxico associado à atividade baleeira na Madeira.

Se a admiração pelas pessoas e pelas suas histórias da caça à baleia foi o ponto de partida para o despertar do interesse pela investigação desta temática, a assunção da Direção do Museu, em 2015, foi a consciencialização da necessidade de alargar o âmbito dos conhecimentos e a exploração e comparação da realidade baleeira da Madeira com a

---

<sup>2</sup> Missão do Museu da Baleia da Madeira. Disponível em: <https://www.museudabaleia.org/pt/o-museu/missao-e-vissao.html>.

de outras áreas geográficas. Surgiram, então, as questões a que se pretende responder com esta investigação. Existirá algum glossário da baleação ou estudo referente à Madeira e aos Açores? Considerando que a falta de documentação escrita é uma lacuna no que se refere ao registo da caça à baleia madeirense, poderá a documentação oral ser um contributo para colmatar essa falha? Face à sua importação tardia dos Açores para a Madeira, terá mesmo assim apresentado alguma inovação? Essa inovação trará associada alguma alteração denominativa ou de significado do vocabulário? Ou o vocabulário utilizado na caça à baleia, na Madeira, ter-se-á mantido fiel ao utilizado nos Açores? Que termos conseguiremos identificar como se mantendo originais dos açorianos? E quais serão os de origem inglesa? O seu uso manter-se-á na Madeira? Apresentarão variação fonética, sinónimos e/ou polissemia? Poderemos falar de linguagem de especialidade? Ou será uma linguagem popular? Até que ponto alguma da documentação lexicográfica existente regista e dá conta dos termos e expressões da cultura baleeira, enquanto testemunho da memória linguística deste património cultural?

Pelo atrás exposto, impera a necessidade e o dever de resgatar e registar o património cultural imaterial associado à atividade baleeira, para que seja uma forma de compreender o passado e um contributo para a identidade e memória coletivas. Trata-se de um trabalho que visa sobretudo salvaguardar a língua como expressão viva da baleação local e regional já extinta. Um património que é uma herança comum, recebida dos açorianos, presente no léxico que abarca e denomina todas as realidades da cultura baleeira, palavras carregadas de significados e memórias que exprimem a relação entre homem e natureza, como ato de sobrevivência necessário no passado. O título escolhido para este estudo, *A Cultura Baleeira na Madeira*, surge desta visão holística, não limitando o estudo aos termos técnicos, porque esta teve grandes implicações na sociedade e na cultura do Caniçal, procurando assim um enquadramento sociocultural.

O património cultural da atividade, proveniente das memórias, encontra-se em vias de extinção, motivado pelo seu fim, pela idade avançada e morte de quem desempenhou as várias tarefas de caça à baleia no mar e em terra, na vigia e transformação da baleia nos seus produtos derivados. Por isso, importa preservar, conservar e manter a autenticidade e a integridade deste património cultural imaterial, tal como é um dos objetivos do MBM, valorizando todos os seus aspetos, através do reconhecimento, registo, proteção e valorização das técnicas e dos termos utilizados. Neste sentido, esta investigação pretende sistematizar todo o conhecimento desta área de atividade, elaborando um glossário da sua terminologia. Para o efeito, parte-se da escassa

documentação escrita existente para a recolha de documentação oral junto de quatro indivíduos do Caniçal e um do Caniço que exerceram as várias profissões associadas à baleação, como forma de resgatar o seu léxico patrimonial em risco de se perder.

As entrevistas permitem recolher os termos e as expressões orais das técnicas artesanais da caça à baleia e dos processos industriais da sua transformação na fábrica construída no Caniçal. Garante-se, assim, o registo das suas manifestações linguísticas e culturais, contribuindo para garantir a preservação do referido património: a sua identificação, documentação, investigação, proteção, valorização e transmissão ou divulgação sobretudo do vocabulário da atividade, recuperado através dos testemunhos e relatos de memória dos informantes.

Posto isto, os principais objetivos deste estudo são: recolher e registar o vocabulário associado à caça da baleia na Madeira; dar conta da sua influência na realidade sociocultural e linguística da freguesia do Caniçal; salvaguardar e divulgar o património cultural imaterial baleeiro, enquanto património linguístico madeirense e açoriano, uma vez que foram os açorianos que introduziram a baleação na Madeira; conhecer os vocábulos com variantes sobretudo fonéticas, os sinónimos e a existência de monosemia ou de polissemia na terminologia da cultura baleeira da Madeira; identificar as particularidades terminológicas da caça à baleia na Madeira, comparando os seus termos e expressões com os dos Açores (na medida do possível); consultar documentação lexicográfica pertinente que permita enriquecer o vocabulário da atividade e confirmar o seu significado; sistematizar todo o conhecimento das tarefas associadas à caça da baleia e das respetivas denominações na Madeira; elaborar um glossário com a terminologia específica da atividade na Madeira e comparar com os Açores, reunindo toda a informação recolhida, incluindo termos comuns à pesca e à náutica em geral.

Tendo em conta os objetivos apresentados, a estrutura da dissertação está organizada da seguinte forma: no capítulo I, faz-se a contextualização cultural, histórico-geográfica e socioeconómica da atividade baleeira, partindo dos Estados Unidos da América, nomeadamente de New Bedford, para os Açores, até chegar à Madeira; no capítulo II, apresenta-se o enquadramento teórico-conceitual e metodológico do estudo; no capítulo III, elabora-se o glossário terminológico da cultura baleeira, com a sistematização da informação lexical recolhida (vocabulário específico e geral); no capítulo IV, expõe-se a discussão dos resultados das entrevistas, do glossário e a comparação com a documentação dos Açores. Seguem-se as conclusões e considerações finais, a bibliografia com as fontes documentais, os apêndices e os anexos.

## Capítulo I – Contextualização cultural, histórico-geográfica e socioeconómica

A História dá conta da importância que o mar teve no desenvolvimento mundial, onde Portugal conquistou um lugar de destaque. O Mar era e continua a ser fundamental para o desenvolvimento das sociedades e da sua economia, principalmente para os povos insulares, pela sua presença constante e incontornável, sem que de outra forma concebiam a sua existência, senão perto do mar. Podemos assim afirmar que a relação do homem com o mar envolvente traduz as condições socioeconómicas de cada época.

O Caniçal é uma freguesia do concelho de Machico, a localidade situada mais a leste da Ilha da Madeira, onde o peso da insularidade vinca as particularidades regionais, levando a população a se adaptar e a rentabilizar aquilo que a natureza oferece. Machico é conhecida como uma terra de povo orgulhoso e trabalhador. Lê-se em várias obras que foi aqui que desembarcaram os primeiros habitantes da ilha, no século XV. Ainda nesse século, foi constituído como concelho (Ribeiro, 2001: 11) e, no século XIX, ficaria com os territórios e delimitações ainda hoje conhecidos.

No *Elucidário Madeirense* (Silva e Meneses, 1998: 237), o Caniçal é referido como:

(...) pequena e solitaria freguesia. É uma aldeia de pobres pescadores, que demora entre as alcantiladas rochas que a separam de Machico e os terrenos de caprichoso recorte e de acidentado relêvo que formam a ponta de São Lourenço. Pode afirmar-se que fica isolada do resto da ilha, embora não esteja dela separada pelo oceano, em virtude da dificuldade das comunicações, que, apenas em circunstâncias de extrema necessidade e somente quando o estado do mar o não permite, se estabelecem com a vizinha freguesia de Machico, através dum estreito carreiro praticado na rocha.

Esta era a realidade do Caniçal retratada nos anos 20 do século XX e que se prolongou por ainda mais 35 anos, aproximadamente, até à altura da abertura do túnel do Caniçal, conhecido pelos habitantes locais como o furado. Só em 1955 (Alves, 2012: 107) foi possível estabelecer ligação rodoviária ao resto da ilha, dando acesso à freguesia que até então se encontrava isolada. Se eram muitas as dificuldades da população da Madeira, mais ainda eram sentidas no Caniçal, cuja principal fonte de rendimento vinha do mar.

Em 1940, a freguesia mais a leste da Ilha da Madeira tinha uma população de 996 habitantes que viviam quase exclusivamente da pesca. A aridez dos terrenos não permitia grandes cultivos, ao contrário do que se passava no resto

da ilha, onde a produção agrícola era o principal motor da economia. As más condições do estado do mar eram sinónimo de fome para os habitantes do Caniçal, cuja ligação à freguesia vizinha fazia-se por mar ou através de veredas entre as rochas.” (Nóbrega, 2021: 17)

A meados do século XX, em pleno Estado Novo, as dificuldades provenientes do isolamento, imposto pela insularidade, sentiam-se intensamente na Madeira, onde a escassez de alimentos, de ligações e de contactos com o continente português era uma realidade que não ajudava as difíceis condições de vida que algumas zonas enfrentavam. O povo das zonas costeiras voltou-se para o mar, já habituados às suas manhas, explorando um recurso há muito praticado em outras partes do Mundo: a caça à baleia.

Apesar deste trabalho não ter como alvo de estudo a baleação, propriamente dita, para o enquadramento do mesmo, será feita uma breve contextualização dessa atividade para que melhor se compreenda a sua influência na caça à baleia insular.

## **1. A Baleação**

A baleação é uma atividade extrativa que consiste na captura de baleias. Foi desenvolvida em muitas áreas do globo e continua a ser praticada em algumas delas, ainda hoje. As razões que levaram uma atividade tão perigosa como a caça à baleia a ter tanta expressão mundial são muitas e variadas e decerto as motivações foram-se alterando ao longo dos tempos, assim como as espécies alvo da caça, algumas delas pelas piores razões: a extinção da espécie.

As primeiras representações alusivas à atividade baleeira remontam a seis mil anos a.C., encontradas no Sul da Coreia e na Noruega, onde também foram encontradas imagens, datadas de dois mil anos a.C. Como supõe Roman (2006) em *Whale*, os primeiros humanos a comerem carne de baleia eram provavelmente necrófagos que aproveitavam as carcaças dos animais que naturalmente encalhavam na costa, desenvolvendo o gosto pela carne de cetáceo e atraindo os homens para o mar em busca desse alimento. A caça à baleia e o seu elevado potencial económico transformou sociedades ao lhes proporcionar uma fonte de alimento estável, viabilizando a fixação de populações em zonas antes inabitadas, como é o caso do Pacífico Norte, onde os ossos das baleias foram usados na construção de abrigos.

Segundo o mesmo autor (Roman, 2006), os vikings foram os primeiros a comercializar produtos provenientes de cetáceos, havendo registos desta prática já no século VIII. No entanto, foi o povo basco que desenvolveu uma indústria que se estendeu

a todo o oceano Atlântico, onde os seus métodos de caça permaneceram até aos anos 80 do século XX, nomeadamente nas ilhas açorianas. Foram os bascos que encetaram a construção de postos de vigia espalhados pela costa da Biscaia e dominaram o comércio da carne e do óleo, extraídos da baleia franca, da Europa Medieval. A intensa captura desta espécie conduziu à sua extinção, naquela zona, levando os bascos a optarem pela baleação pelágica, recorrendo à costa unicamente para processar os animais em instalações criadas para o efeito em zonas como as Ilhas Faroé, Islândia e Labrador, no Canadá.

A crescente procura dos produtos obtidos de baleia, despertou nos ingleses o interesse pela exploração da atividade, levando a rainha a conceder o seu monopólio a uma companhia inglesa, no século XVI, e a recrutar baleeiros bascos que ensinassem o domínio das técnicas da caça à baleia. O seu interesse foi direcionado para o Norte, onde o maior perigo não eram as baleias, mas o gelo. Instalou-se uma grande competição entre os ingleses e os holandeses que exploraram a atividade em diversas zonas, como a Nova Zelândia e a África do Sul.

A cidade de Nantucket, nos EUA, também revelou interesse na baleação, no século XVII, convidando experientes baleeiros para que fossem ensinar os locais. Foi ali que se presenciou a uma grande inovação da atividade, primeiro pelo interesse nos cachalotes e conseqüente baleação oceânica, motivada pela necessidade de se distanciarem da costa para caçarem aquela espécie, em detrimento da caça costeira (Roman, 2006).

De acordo com o New Bedford Whaling Museum (NBWM), a partir do século XIX, designadamente em 1823, New Bedford ultrapassa Nantucket como maior porto baleeiro, assumindo a liderança da baleação pelágica ianque. Foi nestas longas viagens e a bordo dos navios baleeiros que surgiram as primeiras obras artísticas, recorrendo à gravação de imagens em dentes de cachalote, como forma de superar o tédio dos dias passados em alto mar em que não havia baleias para caçar.

A caça comercial foi impulsionada pela grande procura dos produtos provenientes das baleias, principalmente o óleo, utilizado para a iluminação, primeiro extraído das baleias francas e mais tarde do cachalote. O óleo desta espécie era mais resistente à degradação e iluminava de forma mais clara e intensa, já o óleo da cabeça ou espermacete era a matéria-prima de eleição para a produção de velas de elevada qualidade. O âmbar cinzento, inicialmente, era usado como afrodisíaco e cosmético e, mais tarde, na indústria

de perfumes. As barbas extraídas das baleias tiveram várias utilizações, como por exemplo os corpetes, chicotes e armações de saias, entre outras.

Na caça à baleia americana nunca se assistiu a uma grande modernização da atividade, o que poderá ter como causa as sucessivas guerras internas. No entanto, o desinteresse pela atividade foi provocado pela descoberta de petróleo na Pensilvânia, no final do século XIX, associada à mudança dos hábitos de consumo ditados pela moda.

Pelo contrário, na Noruega, a invenção do canhão adaptado à baleação abriu portas para dar luta a qualquer espécie de baleia, mesmo as mais rápidas e difíceis de caçar, conduzindo a uma captura em grande escala que colocava em risco muitas espécies. Segundo informação do NBWM, em 1910, a Noruega torna-se a nação líder da atividade baleeira mundial.

A meados do século XX, as águas costeiras encontravam-se regulamentadas, por iniciativa de determinados países, mas só protegia as espécies da costa. Numa tentativa de contrariar esta limitação, em 1946, teve lugar a International Convention for the Regulation of Whaling (ICRW)<sup>3</sup>, em português Convenção Internacional para a regulamentação da baleação, em que (numa cooperação sem precedentes entre alguns países) foi estabelecida a International Whaling Commission (IWC), em português Comissão Baleeira Internacional. Esta acreditava na necessidade de recuperar as espécies oceânicas, alvo de caça. Foi o início de um entendimento que não deu resultados imediatos, pois as medidas tomadas ao longo dos tempos, que envolveram definição de quotas, nunca foram suficientes para terminar a caça à baleia no Mundo, que, nos dias de hoje, sob várias justificações, ainda acontece em determinados lugares.

### **1.1. Estados Unidos da América: New Bedford**

New Bedford é uma cidade dos Estados Unidos da América, localizada a Sudeste do Estado de Massachusetts, integrada na área denominada como Nova Inglaterra.

Herman Melville, na sua obra literária *Moby Dick* (2005), imortaliza esta cidade, também conhecida como a cidade baleeira ou a cidade que ilumina o Mundo, onde é frequente encontrar referências à baleação, que constituem marcas da sua identidade, reflexo da dimensão e da importância que a caça à baleia teve para o povo americano, daquela área.

---

<sup>3</sup> International Convention for the Regulation of Whaling. Disponível em: <https://archive.iwc.int/pages/view.php?ref=3607&k>

A cidade situada junto ao mar é conhecida como a capital dos portugueses na América, cuja ligação teve início no Século XVIII com a expansão da baleação americana. Os ventos predominantes favoreciam a rota até às ilhas açorianas, fazendo dos Açores o primeiro porto de escala, onde eram adquiridos mantimentos e tripulações.

Clarke, na sua obra *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores* (1954), traduzida por Fernando Jorge da Silva, em 2001, aponta as ilhas açorianas como frequentadas pelos navios baleeiros americanos para balear, desde o século XVIII: “os baleeiros penetraram cada vez mais longe no Atlântico Norte, descobrindo sucessivamente novas e lucrativas zonas de caça”, até que “foram considerados definitivamente como zonas de exploração, tornou-se prática corrente aportar às ilhas e embarcar os habitantes como recrutas para a pescaria. Os navios abasteciam-se ainda de víveres frescos, nos Açores, e de sal, nas ilhas de Cabo Verde.” (Clarke, 2001: 8).

Os ilhéus eram sempre referidos como excelentes profissionais que aprendiam facilmente “as artes e os métodos da baleação ao cachalote” (Clarke, 2001: 11). Muitos deles optaram por fixar residência em New Bedford, chegando a constituir um terço do número de baleeiros daquela cidade, em 1880 (Clarke, 2001). Desta forma, era colmatada a falta de mão de obra sentida na baleação americana, provocada pela descoberta do ouro na Califórnia, a meados do século XIX, levando a uma onda de migração em massa dos muitos que procuravam melhores condições de vida e levando ao abandono da atividade baleeira. A indústria baleeira nas longas viagens, que oscilavam entre dois e três anos, virou-se assim para o recrutamento de mão de obra estrangeira, o que faziam nos portos onde paravam para reabastecer: Porto Pim, nos Açores e Cabo Verde (Mendonça, 2007).

Nesta cidade, acolhedora de muitos imigrantes, “Os primeiros contactos de madeirenses com New Bedford ocorreriam no século XIX” (Mendonça, 2007:13), onde a indústria da caça à baleia dominava. Todavia, as primeiras ligações de portugueses com aquela cidade remontam à década de 30, com a ida de açorianos (Mendonça, 2007).

## **1.2. Açores**

A caça à baleia nas ilhas açorianas ocorre desde o século XVIII, havendo registos da atividade desde o ano 1765, “quando começam a chegar ao mar dos Açores as baleeiras da Nova Inglaterra, que vão sendo mais frequentes ao longo do século XIX” (Costa, 2011). Segundo Dutra (2008), os portos açorianos eram ponto de paragem das embarcações baleeiras vindas de New Bedford, Nantucket e de outros locais de Nova

Inglaterra. Este movimento aumentou significativamente ao longo do século XIX, elevando as ilhas dos grupos Central e Oriental a importantes entrepostos de abastecimento, mas também de recrutamento de baleeiros: “A ilha do Faial era a mais importante no que dizia respeito ao fornecimento de provisões. Este facto deve-se a John Bass Dabney, que se fixou na cidade da Horta em 1806” (Dutra, 2008: 11).

A garantia de um porto seguro, onde tinham o apoio do Cônsul dos Estados Unidos, associada à abundância de cetáceos no mar dos Açores, criavam as condições ideais para a vinda das embarcações de Nova Inglaterra, o que concedeu ao Porto da Horta a “posição de primeiro porto de trasfega e abastecimento” (Clarke, 2001: 11).

A atividade baleeira nas ilhas açorianas sob o domínio local, iniciou-se na segunda metade do século XIX, “precisamente no ambiente das crises de produção de vinho e laranja” (Costa, 2011: 417), sob a influência direta da baleação americana. O sucesso que a atividade alcançara e o fim do monopólio da caça à baleia no reino de Portugal, entregue até então às armações baleeiras do Brasil, através de um alvará régio que “declarou livre a pesca das baleias e o conseqüente fabrico de azeite” (Ribeiro: 1998: 98), foram condições determinantes para que os açorianos ambicionassem lucrar também com a atividade. Foi na ilha do Faial, segundo Clarke (2001), que se fixou a primeira instalação, mas com grandes diferenças e ao contrário da evolução que se vinha a assistir a nível mundial.

(...) a história da baleação costeira só começa propriamente com os ilhéus açorianos que aprenderam a arte a bordo desses navios e que depois trouxeram os métodos americanos para terra, onde, “sem sair de casa”, podiam continuar a caçar a partir das escarpadas costas a mesma baleia cujos hábitos pelágicos os haviam já atraído em longas viagens por todos os mares do mundo.” (Clarke, 2001: 5).

Os açorianos, conhecedores das técnicas e dos equipamentos usados na caça à baleia e com poucos recursos para investir, adotaram a atividade, adaptando-a à realidade local, onde os cachalotes eram abundantes e as características orográficas do arquipélago, nomeadamente a profundidade do mar envolvente, lhes permitia balear sem perder as ilhas de vista, a partir da costa e de forma artesanal. A atividade rapidamente se estendeu a outras ilhas do arquipélago.

A primeira empresa foi registada em 1876, mas a laboração já tinha começado muitos anos antes. O primeiro documento refere-se à importação de duas baleeiras americanas, em 1857 (Scheer e Cymbron, 2015). Foi o início de uma forte tradição de

baleação que ao longo dos tempos foi sofrendo mudanças que passaram pela construção das ferramentas, das baleeiras e de unidades fabris necessárias à rentabilização dos animais e fundamentais para o desenvolvimento e melhorias na laboração.

No quadro regional, destacou-se o dinamismo baleeiro do Pico, que se disseminou por muitas das localidades desta ilha, não só na vertente da pesca, mas igualmente no desenvolvimento de actividades industriais afins que foram surgindo: os estaleiros, na freguesia de Santo Amaro; as fábricas de óleo e farinha, nas zonas do Cais e Lajes do Pico; e ainda a manufactura de objectos de osso e marfim, fundamentalmente alimentada pelo labor de vários particulares. (Costa, 2011: 418).

Durante a segunda guerra mundial, as ilhas açorianas foram os principais fornecedores de óleo de baleia, devido à grande procura para uso na indústria do armamento e pela escassez no mercado (Scheer e Cymbron, 2015), por um lado pela diminuição de produção em algumas zonas, por outro pela destruição de frotas provocada pela própria guerra. A caça à baleia nos Açores terminou em 1987, por imposições ambientais e num contexto mundial de protecção dos cetáceos (Costa, 2011).

### **1.3. Madeira**

Existem muitas referências à presença de animais marinhos na Madeira, ao longo dos séculos. Em Ribeiro (1991: 23), lê-se que “A primeira menção que possuímos referente a baleias na Madeira é datada de 1595”, relativa a um animal que “atrapalhou por alguns dias os barcos de cabotagem vindos com as suas mercadorias para a cidade”, sem que se falasse da exploração desses animais de forma organizada na ilha. Menciona também a ocorrência de um animal capturado em 1682, mas vendido a um mercador inglês, por falta de recursos na ilha para o processamento de animais do género. Ainda dá conta do primeiro pedido, em 1741, para “concessão de um privilégio para estabelecer uma fábrica de pescar baleias na Madeira” (Ribeiro, 1991: 26), o qual foi recusado pelo reino, devido à resistência da Capitania da Baía que detinha a concessão da exploração da baleação no reino.

Também no *Elucidário Madeirense* (Silva e Meneses, 1998: 117) estão registadas ocorrências da existência de baleias na Região:

Ao largo das ilhas deste arquipélago passam de vez em quando enormes cetáceos a que comumente chamam baleias (...) Embora não seja muito rara

a passagem destes mamíferos, especialmente no verão, não existe nestas ilhas a indústria da caça da baleia, nem tão pouco a de qualquer outro cetáceo.

Apesar da presença de cetáceos, a captura era esporádica e resumia-se a situações de encalhe na costa, como descrito no *Elucidário Madeirense*: “foi fácil aos moradores do sítio a captura do animal, cujo toucinho produziu dezenas de galões de óleo.” (Silva e Meneses, 1998: 117).

A exploração sistemática tardou na região, não havendo exploração organizada até aos anos 40 do século XX, ao contrário do que acontecia nas ilhas vizinhas, os Açores. A caça à baleia foi introduzida na Madeira, trazida por um grupo de açorianos, munidos da experiência e do conhecimento apreendido nas suas ilhas, resultante de séculos de exploração desta atividade. Começaram por construir duas vigias, em 1940, com o objetivo de confirmarem a existência de cachalotes nas águas em redor da ilha da Madeira.

O primeiro cachalote foi capturado em 1941, marcando o início da caça à baleia, numa altura em que já tinha acabado em outros lugares que registaram intensa atividade. O primeiro animal foi desmanchado no Calhau das Pedras Vermelhas, na Ribeira da Janela, no Porto Moniz<sup>4</sup>, onde foram construídas as primeiras instalações para processar as baleias. Rapidamente, as alterosas condições de mar, que frequentemente se faziam sentir a norte da ilha, levaram a que fossem experimentadas novas instalações no Garajau, em 1942, onde, à semelhança do que acontecia no Porto Moniz, o principal produto extraído era o óleo da gordura e da cabeça.

A luta desigual entre homem e baleia não era para qualquer um, carecia de anos de aprendizagem até atingir a perícia que era exigida, para trancar uma baleia, arremessando o arpão, através da força humana. Nos primeiros anos em que a atividade se processava de forma artesanal, mesmo para o trabalho considerado mais básico, como era o de remador, a coragem tinha de estar sempre presente a par com a força exigida para o desempenho dessa e de outras tarefas. O sucesso da baleação só era atingido com trabalho de equipa, principalmente na primeira fase rudimentar em que encontrar os animais necessitava de muita coordenação e confiança nos envolvidos. A bravura advinha

---

<sup>4</sup> Nesta vila, ainda é possível observar, de forma muito ténue, a ligação à atividade baleeira, nomeadamente no Restaurante Cachalote, cujo nome é por si só uma referência, onde existe uma pequena exposição alusiva à caça daqueles animais na localidade.

sobretudo da necessidade de sobrevivência da população local, como podemos ler em Nóbrega (2021: 11):

Nem todos os ofícios são sublimes, nem todas as ações extraordinárias são belas e quem se acha capaz de julgar se tamanhos atos de coragem serão acertados ou atroz? há batalhas que se travam e nunca têm fim, há monstros que se derrubam e matam, mas não se esquece o mar de sangue nem o cheiro a revolver as entranhas, para simplesmente vencer o inimigo mais temido: a fome. Há feitos gloriosos que nada têm de glorioso, senão a sobrevivência.

Foi essa necessidade que contribuiu para o vingar da atividade na Madeira, levando a um crescimento que se estendeu também às ilhas do Porto Santo e, mais tarde, Desertas, nomeadamente com a fixação de vigias. Como refere Freitas (2016), no seu artigo sobre a caça à baleia:

As primeiras vigias foram construções em madeira com telhado em chapa ondulada de fibrocimento. Estas vigias foram construídas pela armação baleeira de Pedro Cymbron entre 1940 e 1943. Eram um total de 8 na Madeira, designadamente no Porto Moniz, São Jorge, Caniçal, Machico, Garajau, São Martinho, Ponta do Sol e Ponta do Pargo, e uma no Porto Santo.

O progresso da caça à baleia levou a vários investimentos, incluindo a construção de uma unidade fabril que começou a laborar em 1949. A fábrica localizada no sítio da Cancela, no Caniçal, reunia os equipamentos e as condições necessárias para que os animais fossem totalmente aproveitados.

Familiarizados que estavam com as artes do mar, segundo Ribeiro (2001: 48), “A população do Caniçal subia de uma forma assustadora e, quando a pesca era diminuta, os seus moradores viam-se mergulhados na miséria”. Os caniçalenses facilmente se adaptaram à nova atividade que, durante os quarenta anos de existência, foi o sustento de muitas famílias madeirenses. Como explica Nóbrega (2021: 17):

Os madeirenses rapidamente aprenderam as técnicas de caça dos grandes cetáceos e em pouco tempo as equipas eram constituídas exclusivamente por naturais da ilha, onde as condições atmosféricas permitiam exercer a atividade durante todo o ano, em oposição ao carácter sazonal que afetava as ilhas açorianas.

O fim da atividade baleeira na Madeira, em 1981, foi voluntário. Pois, a legislação que a proibiu foi publicada em 1986<sup>5</sup>. Como se pode ler em Nóbrega (2021), a caça à baleia na Madeira foi uma realidade, porém “Durante os quarenta anos de atividade foram capturados cerca de seis mil cetáceos, especialmente cachalotes e uma pequena percentagem de baleias de barbas.” (Nóbrega, 2021: 17).

---

<sup>5</sup> Decreto Legislativo Regional n.º 6/86/M

## Capítulo II - Enquadramento teórico-conceptual e metodológico

### 1. O Património Linguístico da baleação madeirense

São inúmeras as obras que representam a baleação e que são referências da literatura, nacional e internacional, a título de exemplo podemos referir *As Ilhas Desconhecidas* de Raul Brandão, *Mau Tempo no Canal* de Vitorino Nemésio ou ainda *Moby Dick* de Herman Melville que afirma usar as palavras para “pintar, o melhor que me for dado fazê-lo sem tela nem tintas, a verdadeira forma de baleia (...) tal como a avista o baleeiro (...)”. Contudo, esta atividade foi inspiração para várias áreas, nomeadamente para as artes plásticas com a criação da arte baleeira, não podendo ser esquecida a história ou a investigação que tem sido feita em torno desta atividade.

Os estudos desenvolvidos, muitas vezes, são impulsionados pelos museus e núcleos museológicos da baleia e da baleação espalhados pelos quatro cantos do Mundo que expressam o impacto que esta atividade teve no quotidiano. Estas entidades são responsáveis por cuidar e perpetuar as coleções que constituem um valioso património cultural material, a par com o respetivo património cultural imaterial. São indubitavelmente testemunhos da história e da herança cultural através dos quais é possível seguir elos de ligação que ajudam a compreender o passado e a reconciliá-lo com o presente, em respeito pela identidade de cada comunidade e criando conexões identitárias entre as comunidades.

Assim, há cada vez mais consciência comunitária do valor histórico e identitário do património coletivo de uma localidade ou território, bem como da necessidade de conservação dos bens culturais a ele associados. Existem normas e diretrizes internacionais e nacionais elaboradas por organismos que visam salvaguardar a identidade histórica e cultural das comunidades, sobretudo pela UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), pelo Conselho da Europa e pelo ICOMOS (International Council on Monuments and Sites), entre outros. Não há dúvidas sobre o enquadramento da temática do presente estudo na categoria de Património Cultural, material e imaterial, conceitos apresentados pela UNESCO, que, com a Convenção de 2003, retificou uma lacuna existente no sistema legal de proteção internacional do património cultural, cujos instrumentos, até então, não previam o património cultural imaterial (PCI). Assim, a Convenção de 2003 foi um ponto de mudança no que respeita à salvaguarda do PCI, definindo-o como:

(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, incutindo-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.<sup>6</sup>

Rebelo (2012: 106) reflete sobre a definição de PCI proposta, que faz uma “referência explícita à língua”, como meio para registar e perpetuar as tradições e expressões orais de uma comunidade. Considera esta definição reduzida e insuficiente, por defender que “do património imaterial da Humanidade, por constituir uma das principais realidades da actividade Humana, fará parte o património linguístico por si só.”. Segundo Rebelo (2016), o conceito de património amplamente conhecido, num sentido lato, remete para “legado dos antepassados” e etimologicamente para “passado” e “numa sociedade moderna, as duas vertentes congregam-se e pode considerar-se a herança (material e imaterial) dos progenitores legada aos filhos, independentemente de serem rapazes ou raparigas” (Rebelo, 2016: 285). Porém, dada a especificidade deste estudo, cujo foco é o léxico da baleação madeirense, esta classificação generalista também não será a mais adequada. Trata-se de um património linguístico, social e cultural, de uma atividade técnica específica recebida de especialistas, os baleeiros açorianos, cujo conhecimento especializado, na Madeira, foi transmitido ao longo de 40 anos, até à sua extinção. Este saber fazer inclui os nomes das técnicas e artefactos usados na caça à baleia, no mar (na perseguição) e em terra (nas vigias e na transformação da baleia).

Rebelo tem-se dedicado a estudos em torno do Património Linguístico, com a preocupação de encontrar uma definição que agregue as suas valências e lhe confira a importância que merece, no sentido de clarificar o seu domínio, perante a indefinição que considera existir. Rebelo (2016) aprofunda este tema, expondo argumentos sobre a abrangência que o Património Linguístico alcança. Fundamenta ser inapropriada a sua limitação à noção avançada pela UNESCO, unicamente como “suporte do Património

---

<sup>6</sup> Cf. Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, UNESCO, 2003. Disponível em Disponível em <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

Cultural Imaterial”. É por esta razão que propõe a seguinte definição de Património Linguístico:

(...) conjunto de bens verbais, orais e/ou escritos, próprio de uma comunidade porque a identifica e distingue das restantes, nas suas formas de comunicar ou de vivenciar a própria experiência. Manifesta-se a diversos níveis, nomeadamente fonético, fonológico, morfológico, lexical e semântico. Inclui também a sintaxe e as especificidades fráscas, nomeadamente diomásticas. Comporta várias vertentes relacionadas com a linguagem: geográfica, histórica, social e cultural. É transmitido de geração em geração e, se não o for, pode desaparecer. Deixando de ser utilizado pela comunidade deve ser preservado. Porém, os bens linguísticos comuns também se podem incrementar, pela produção ou aquisição contínua dos falantes herdeiros, que transmitirão às gerações futuras o que os antepassados lhe legaram, se o conservaram, e o que eles próprios criaram. (2016: 287).

Neste contexto, enquanto património histórico, o léxico da baleação madeirense poderá ser entendido como Património Linguístico, um tesouro lexical ou léxico patrimonial que é importante valorizar e preservar, principalmente por ser relativo a uma atividade que já não existe e que, por essa razão, não será passado às gerações futuras. Se, atualmente, é lembrado e usado pelos mais velhos, quando na oralidade contam histórias, em breve esse vocabulário cairá em desuso e só restarão os registos salvaguardados para memória futura.

## **2. O método “palavras e coisas” e a terminologia**

Por se tratar do léxico de uma área específica de atuação, o estudo do vocabulário associado à cultura baleeira pode ser efetuado numa perspetiva tradicional dos nomes das coisas, segundo o método *Wörter und Sachen*, traduzido para português como “palavras e coisas”. No entanto, o conjunto dos termos que denominam a atividade pode ser considerado uma terminologia. Neste caso, tratar-se-á de unidades terminológicas de uma área técnica, apenas conhecidas e usadas pelos seus trabalhadores.

### **2.1. O método “palavras e coisas”**

O método “palavras e coisas” foi criado por Rodolfo Meringer e Hugo Schuchardt, no início do século XX. Schuchardt, ao considerar ser a coisa anterior ao seu nome, pois as coisas precedem as suas denominações e podem até existir sem que as tenham, inverte a ordem do binómio conhecido para “Sachen und Wörter”, sendo seguido por Herculano

de Carvalho e Serafim da Silva Neto com “coisas e palavras”. Herculano de Carvalho (1953) aplica o método na sua obra *Coisas e Palavras. Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Carvalho (1953: x) cita Schuchardt: “Em relação às palavras, os objetos é que são primaciais e fixos, as palavras encontram-se-lhes ligadas e movem-se à sua volta”. Por isso, o autor apresenta primeiro uma descrição etnográfica dos primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica e só depois realiza o estudo linguístico das suas designações ibero-românicas.

Carvalho (1953: x-xi) escreve que “O objecto é a realidade – a palavra apenas o sinal que evoca essa realidade. Se começarmos, pois, por analisar e estudar os objectos, como existentes por si, quando daí passarmos ao estudo das palavras, muitos problemas se encontrarão já de antemão resolvidos”. O autor associa o estudo das coisas às palavras e defende que estas últimas estão intimamente dependentes das da vida cultural dos povos:

(...) um objecto qualquer de uso humano é sempre um elemento, embora humilde, de uma cultura, e é só na condição de ser considerado sob esse aspeto que o seu estudo pode permitir alcançar determinadas conclusões, que o transcendem a ele mesmo. Olhando-o a essa luz, o humilde objecto toma então um novo significado e o seu estudo entra no domínio da história cultural. (1953: ix).

Este método foi aplicado a outros estudos como é o caso de *Palavras Doces. Terminologia e tecnologia históricas e actuais da cultura açucareira: do Mediterrâneo ao Atlântico* de Nunes (2003: 37), que faz a ressalva:

Este método justifica-se em áreas etnoculturais que não foram estudadas do ponto de vista linguístico, continuando a ser útil e necessário no estudo de atividades tradicionais e artesanais. Pois, cada ano que passa perdem-se produtos e técnicas tradicionais, substituídos por produtos em série de fabrico industrial, e, conseqüentemente, perdem-se também as palavras ou termos que designam essas realidades tradicionais, manufactureiras ou pré-industriais.

Como a caça à baleia ainda não foi alvo de um estudo linguístico-etnográfico, este trabalho de investigação começa por ser uma recolha que visa salvaguardar as coisas e as palavras da baleação madeirense, uma vez que se trata de uma atividade abolida, que terminou no ano de 1981 (fazendo 40 anos desde que foi desmanchado o último cachalote

na fábrica do Caniçal e do seu encerramento). O património material e imaterial, linguístico e sociocultural da atividade, foi-se degradando e o conhecimento das técnicas a ele associadas foi-se desvanecendo na memória dos baleeiros. Ao contrário de outros estudos de índole tradicional, a extinção da atividade não foi por via da industrialização, mas sim pela necessidade de proteger as espécies, induzida pela mudança paradigmática de mentalidades que ditou o fim da comercialização de produtos provenientes de baleias.

Este período de tempo é o suficiente para se perceber que, embora a memória da do passado ainda seja boa, alguns termos já caíram no esquecimento. Pois, entre a entrevista realizada em 2012 e as realizadas em 2020, para recolha de documentação oral sobre a caça à baleia, nota-se a falta ou perda de alguns termos. Porém, tratando-se de diferentes informantes é difícil saber se a causa dessa omissão se deve ao esquecimento ou à pouca familiaridade com determinadas funções.

## **2.2. A terminologia**

Como proposto por Nunes (2003) para o estudo da terminologia e tecnologia da cultura açucareira, o método “palavras e coisas” ou “coisas e palavras” pode ser associado à terminologia, que oferece uma base teórica e metodológica para descrever, analisar e sistematizar o vocabulário, neste caso, da baleação. A terminologia, enquanto disciplina, pertence à área do léxico, dedicando-se ao conhecimento e organização de um vocabulário científico (de uma ciência) ou técnico (de uma atividade técnica, manual ou industrial) – terminologia científica e terminologia técnica.

A caça e a transformação da baleia são atividades técnicas, simultaneamente manuais e industriais, daí o recurso à terminologia para o estudo dos termos e do seu uso na atividade baleeira (profissões, técnicas, equipamentos, artefactos e produtos da transformação da baleia). Os termos que denominam determinada área de atividade específica, tradicional e/ou industrial, como é o caso da baleação madeirense, fazem parte de uma terminologia ou linguagem de especialidade apenas conhecida e usada pelos seus profissionais. Pois, para conhecer as palavras é preciso conhecer os seus conceitos e, conseqüentemente, as coisas que denominam, ou seja, neste caso, conhecer a tecnologia da cultura baleeira.

Tal como no estudo das “palavras e coisas”, também a terminologia dá conta da variação que faz parte da língua, dada a sua natureza social, apresentando evolução e mudança na forma e significado das palavras. Numa linguagem de especialidade, podem

ser usados termos populares, a par de termos técnicos, dependendo da situação de comunicação mais formal ou informal. Assim, são identificados diferentes tipos lexicais, com diferentes origens, que podem denominar um ou mais conceitos ou objetos na mesma área geográfica e/ou em diferentes territórios. Pois, as terminologias também apresentam sinonímia e polissemia, na medida em que termos tradicionais são conservados e, ao mesmo tempo, podem surgir inovações vocabulares (associadas ou não a inovações técnicas) ou de significado. Um termo pode ser mais técnico ou opaco enquanto outro apresenta menor densidade técnica, sendo que a origem e a difusão dos termos estão intimamente ligadas à origem e difusão das técnicas designadas.

Os estudos da terminologia surgem nos anos 30 do século XX, com a Teoria Geral da Terminologia (TGT), mais precisamente com a publicação da obra *The Machine Tool*, do engenheiro austríaco Eugen Wüster, cuja preocupação era normalizar a comunicação técnico-científica da sua área de formação: a engenharia. Foi uma referência nos estudos que se seguiram e influenciou a formulação de normas internacionais, constituindo as bases da teoria terminológica moderna.

Ainda no século XX, nos anos 90, surge a Socioterminologia, uma nova abordagem fundada por Gaudin (1993), que alia a terminologia ao contexto social, defendendo que os termos não podem ser estudados isoladamente. Em simultâneo, surge a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) que incute um carácter interdisciplinar e transdisciplinar à terminologia. Esta teoria é proposta por Cabré (1993) que considera a TGT prescritiva e normativa, tornando-se redutora pela incapacidade de adaptação a realidades distintas. É nesta ótica que se integra a TCT, que analisa o processo comunicativo como flexível, encarando as variações como fenómenos linguísticos que devem ser incluídos na terminologia e não eliminados, como fazia a TGT. Assim, propõe o estudo das unidades terminológicas sob três princípios: 1. *Princípio da poliedricidade do termo* (as unidades terminológicas integram uma dimensão linguística, social e cognitiva); 2. *Princípio do carácter comunicativo da terminologia* (qualquer termo possui uma função comunicativa, seja direta ou indireta); 3. *Princípio da variação* (o processo comunicativo engloba variações sinonímicas e polissémicas, atribuindo várias aceções a um conceito e vários conceitos a uma designação, respetivamente).

Deste modo, a terminologia permite dar conta do carácter multidimensional dos termos, enquanto unidades que podem ser monossémicas ou polissémicas. Um termo pode sofrer uma banalização do seu significado ou resultar da especialização semântica de unidades lexicais da língua geral, como *cerco (da baleia)*, enquanto técnica de caça à

baleia usada na Madeira. Logo, os termos são palavras usadas num determinado âmbito com um valor específico, representando um conhecimento especializado.

Como afirma Nunes (2003: 44), não existe uma “separação taxativa entre palavras e termos, pois estes participam de muitas das propriedades das unidades lexicais da língua geral, nomeadamente a polissemia, a sinonímia, a homonímia, fenómenos reais dentro da comunicação especializada”. Tradicionalmente, o método de trabalho em terminologia é onomasiológico (atribuição de denominações a conceitos), por oposição ao método semasiológico da lexicografia, que é a descrição conceptual dos significados das palavras, mas, na prática, num estudo terminológico usam-se os dois métodos, como escreve Nunes (2003: 46). Pois, privilegiam-se a natureza do conceito, a relação termo-conceito e as relações conceptuais entre os termos. Posto isto, a terminologia distingue-se da lexicologia porque dá prioridade ao conceito em relação à designação e interessa-se mais pelo nível da unidade terminológica do que por outros níveis de descrição linguística. Como explica Nunes (2003: 48):

O trabalho terminológico, ou seja, a elaboração de uma terminologia ou vocabulário especializado requer uma competência cognitiva do âmbito de especialidade, isto é, um sólido conhecimento do domínio científico ou técnico a que diz respeito; uma competência linguística, ou seja, conhecimento da língua para recolher os termos para a resolução de questões linguísticas de natureza semântica e morfológica – as estruturas morfológicas, as propriedades dos constituintes morfológicos e a ocorrência de duplicações nominais; uma competência socio-funcional, ou seja, conhecer as características que deve ter um trabalho terminológico eficiente, adequado a determinados fins e destinatários; e uma competência metodológica, ou seja, conhecer os princípios a respeitar num trabalho ordenado e sistemático, apresentando os dados de forma eficiente e adequada, seguindo o método onomasiológico, que parte dos conceitos para os termos.

Segundo Dubois (1966), um vocabulário técnico é constituído pela denominação dos objetos de determinada atividade técnica estruturada, em que cada termo contém os elementos que o distinguem dos outros termos do mesmo conjunto. Por sua vez, Alpízar Castillo (1998) afirma que cada termo pertence a uma rede de associações que o ligam a outras unidades, contribuindo para o delimitar e especificar, o que é visível num glossário terminológico. Por isso, uma terminologia é um sistema em que os termos estabelecem relações conceptuais entre si, incluindo a sinonímia, e as remissões de um termo para os termos semanticamente relacionados.

Os termos podem ser simples ou complexos (derivados e compostos). Os termos compostos apresentam complementos de especificação ou determinativos, nominais, adjetivais ou frásicos, que remetem para a atividade técnica específica. Em terminologia, muitas palavras passam a ser classificados como termos específicos, quando apresentam um complemento de especificação que os inclui no sistema terminológico de determinada área de atividade, como é o caso de *fábrica da baleia*. Trata-se de termos que ocorrem com ou sem esse complemento de especificação, ou seja, ora como termos simples ora como termos compostos, sendo usados dentro de um contexto de comunicação especializado.

Registam-se sobretudo muitas unidades terminológicas complexas, que são termos compostos com complementos determinativos de especificação, formados por nome + preposição + nome (N+P+N), por exemplo *óleo da cabeça*, mas também por nome + adjetivo (N+Adj.), *âmbar (cinzento)*, e por nome + nome (N+N), *sócio-gerente*, a par de termos derivados e termos simples. O principal processo de formação do vocabulário técnico é a especialização de uma palavra, através de um complemento introduzido pela preposição *de*, como em *farinha (de baleia)*, em que o nome genérico *farinha* é determinado por um complemento de especificação, *de baleia*. Também ocorrem expressões como *analisar óleo*, formadas a partir de verbos com os respetivos complementos diretos, que constituem sintagmas verbais lexicalizados.

Uma expressão consiste num “grupo de palavras”, enquanto um termo é “uma palavra própria de certo registo da língua, campo de conhecimento ou atividade; unidade lexical de uma terminologia” (DLPC-ACL, 2001). Apesar desta distinção, um conjunto de palavras pode corresponder a um termo e não a uma expressão. Os termos são unidades lexicalizadas que, pela sua especificidade denominativa de um conceito dentro de uma área do conhecimento, podem ser designados unidades terminológicas, distinguindo-se das unidades lexicais da língua geral.

Como escreve Nunes (2003), uma terminologia caracteriza-se sobretudo pela formação de substantivos que designam ações, ofícios ou ocupações. Por exemplo, formas derivadas por sufixação com o sufixo agentivo *-eiro*, em *baleeiro*, estando o significado destes termos relacionado com o da sua base, *baleia*. De acordo com Cabré (1993), os diferentes tipos de termos podem ser classificados por classes de conceitos: em objetos e entidades (substantivos como *tanque de óleo, baleia e baleeira*); processos, operações e ações (através de verbos como *amarrar e arpoar*); propriedades, estados e

qualidades (geralmente com nomes + adjetivos, como *bandeira branca* e *bandeira vermelha*), predominando claramente os substantivos.

Este estudo foca-se no conhecimento da cultura baleeira madeirense, visando a preservação do património linguístico e sociocultural do passado da baleação, através da recolha, registo e estudo dos seus termos. A terminologia associada à caça da baleia desenvolveu-se em diversas partes do globo, situadas em vários continentes, em diferentes países alguns deles de língua portuguesa, como é o caso do Brasil e de Cabo Verde. Neste estudo será estabelecida uma comparação com o arquipélago vizinho dos Açores, iniciando-se um instrumento de trabalho para que no futuro se estabeleçam comparações com outros territórios, nomeadamente aqueles (de) onde (provieram) se desenvolveram as técnicas e os termos da atividade baleeira importados para a Madeira, como é o caso de New Bedford e de Cabo Verde.

Como escrevem Mateus e Correia (1998: 10), os estudos terminológicos constituem “um meio poderoso de impedir o completo afastamento do vocabulário utilizado nas mesmas áreas pelas diferentes variantes da língua. (...) Construir uma terminologia que resulte da colaboração entre representantes dessas variantes significa pôr em comum as diferenças, conhecê-las e aceitá-las.”.

### **3. Recolha terminológica em documentação escrita e oral**

Na realização deste trabalho de investigação, foram utilizadas como fontes principalmente a documentação oral recolhida junto dos informantes, antigos trabalhadores da baleação madeirense, mas também a pouca documentação escrita existente sobre a atividade na Madeira.

#### **3.1. A Linguística de *Corpus***

A Linguística de *Corpus* é uma área da Linguística que se ocupa da recolha e análise de *corpus*, um conjunto de dados linguísticos coletados criteriosamente para serem objeto de pesquisa linguística (Berber Sardinha, 2004). Esta surgiu da necessidade dos linguistas se apoiarem em usos reais da língua para descreverem evidências linguísticas, permitindo fazerem generalizações ou esboçarem teorias sobre o funcionamento linguístico, nomeadamente sobre a variação e a mudança linguísticas. Neste sentido, um *corpus* deve ser constituído de dados autênticos (não inventados),

representativos de uma língua ou variedade da língua que se deseja estudar. No caso do presente trabalho de investigação, os *corpora* reunidos destinam-se ao estudo do vocabulário específico de uma área de atividade.

Na terminologia, a existência de *corpora* visa facilitar todo o trabalho terminológico, sobretudo de base descritiva. Antes de existirem *corpora* eletrónicos e ferramentas computacionais para a pesquisa terminológica, o trabalho era feito manualmente: o terminólogo estudava o domínio, efetuava o levantamento dos termos à mão e coligia-os em verbetes ordenados alfabeticamente. O uso do computador para processamento de *corpora* fornece aos estudiosos maior precisão e eficácia, pois a possibilidade de lidar com grandes quantidades de dados permite a observação e descrição de fenómenos linguísticos recorrentes que antes eram impossíveis de sistematizar na totalidade. No entanto, ainda hoje existem áreas de atividade em que não há acesso a qualquer *corpus* digital e há que fazer todo o trabalho de recolha oral, baseando-se nos dados recolhidos em entrevistas, sendo este o método utilizado neste estudo. Assim, não foi utilizado o tratamento eletrónico ou computadorizado dos dados dos *corpora* escrito e oral, pelo facto de estes serem limitados e poucos extensos, dada a temática do trabalho de pesquisa.

Do ponto de vista da terminologia, a ISO (1087, 1990) define *corpus* como “um conjunto de fontes relativas a uma área”. Mais tarde, os novos recursos, para auxiliar na construção e manipulação de *corpora*, são definidos como “agrupamento sistemático de textos exploráveis por uma máquina ou fragmentos de textos preparados, codificados e armazenados de acordo com regras predefinidas” (ISO 1087-2, 2000: 2). Aqui, entende-se por texto uma amostra de linguagem falada ou escrita delimitada segundo os critérios de compilação do *corpus*.

McEnery e Wilson (1996) definem *corpus* como qualquer coleção de mais de um texto, afirmando que deve respeitar os requisitos de: representatividade (ter uma amostragem suficiente da língua ou variedade de língua que se quer analisar para se obter o máximo de representatividade desta mesma língua ou variedade de língua), tamanho finito (ter um tamanho finito), formato eletrónico (atualmente é uma exigência que os dados estejam em formato eletrónico, tendo a vantagem de serem consultados e manipulados de forma mais rápida e facilmente enriquecidos com informação extra). Deste modo, a definição mais completa de *corpus* é a seguinte:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos) sistematizados segundo determinados critérios suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum dos seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (Sanchez, 1995: 8-9)

Esta definição é a mais completa porque incorpora vários pontos importantes: origem (naturalidade dos dados que devem ser autênticos e não fabricados); propósito (o *corpus* deve ter a finalidade de ser objeto de um estudo linguístico); composição (o conteúdo do *corpus* deve ser criteriosamente escolhido, com critérios de seleção definidos de forma científica ou objetiva); extensão (o *corpus* deve ser vasto para ser representativo); adequação (o *corpus* deve ser adequado aos objetivos da análise linguística, ou seja, deve ser construído com determinadas características que permitam investigar uma ou mais questões linguísticas), além da representatividade, neste caso dos termos da atividade baleeira madeirense.

Posto isto, de forma a garantir a validade e a confiabilidade dos dados da pesquisa, há que cumprir um conjunto de requisitos: autenticidade, representatividade, equilíbrio, amostragem, diversidade e tamanho (Kennedy, 1998; Biber, Conrad e Reppen, 1998; Renouf, 1998; Sinclair, 2005). Tendo em vista que a diferença entre termo e palavra é observada fundamentalmente na situação comunicativa, os termos devem ser observados no seu ambiente natural de ocorrência, e a variação dos conceitos (polissemia) e denominativa (sinonímia) deve ser considerada. Por isso, é importante a diversidade de fontes documentais. Embora haja uma grande preocupação com o tamanho do *corpus*, se este for médio, equilibrado e diversificado, é muito mais representativo. Pois, constitui uma amostra mais fiel das possibilidades comunicativas de determinado domínio. Outro aspeto que justifica a diversidade é a necessidade de encontrar no *corpus* contextos definitórios ou explicativos para a elaboração das definições terminológicas. Após a organização dos *corpora*, extraem-se os candidatos a termos, seguindo-se a elaboração da definição dos respetivos conceitos.

Os *corpora* utilizados, para a Madeira e para os Açores: documentação oral (transcrições de registos orais das entrevistas realizadas) e documentação escrita (excertos de textos publicados em papel e em formato digital), permitem extrair ocorrências de termos nos seus contextos de uso. Neste estudo, trata-se do emprego de vocábulos específicos e de vocábulos gerais ou comuns a outras áreas, sobretudo à náutica e pesca,

usados numa atividade especializada, como foi a baleação, sendo uma terminologia dominada apenas pelos indivíduos que a conhecem. Procurou-se a utilização de fontes diversificadas, de contextos variados, possibilitando a constituição de um conjunto alargado de dados, além da disponibilidade de ocorrências produzidas nas entrevistas feitas aos trabalhadores especializados nas várias tarefas da cultura baleeira. Com os *corpora* utilizados, pretende-se respeitar os critérios de origem, propósito, composição, representatividade, extensão e adequação, na medida do possível. Pois, neste caso, é difícil satisfazer todas as características desejadas, por se tratar de uma atividade desaparecida e pouco documentada.

### **3.1.1. Fontes escritas**

A documentação escrita sobre a temática da caça à baleia na Madeira é pouca, resumindo-se a alguns capítulos de livros sobre a baleação, numa perspetiva histórica, ou a pequenos artigos em revistas. Grande parte do conhecimento e estudos feitos sobre este tema têm sido impulsionados pelo Museu da Baleia da Madeira, que o partilha com todos os que tenham interesse e que o visitem. Recentemente, Nóbrega (2021) apresentou o livro *30 anos de memórias*, dando conta, dentre outros aspetos, da temática baleeira, focando a sua abordagem na descrição de tarefas baseadas em imagens que compuseram a exposição dos 30 anos de existência daquele Museu. No entanto, por essa altura, as entrevistas a antigos baleeiros já tinham sido realizadas, não constituindo por isso um contributo para o levantamento do vocabulário da área de atividade em estudo. Contudo, é possível confrontar determinados conceitos documentados no livro com os dados lexicais recolhidos anteriormente na entrevista realizada para um trabalho académico elaborado no âmbito da unidade curricular de Linguística Portuguesa, na licenciatura em Ciências da Cultura.

O levantamento do vocabulário da baleação madeirense para estruturar o questionário, indicando os conceitos para recolher os termos, foi feito a partir da consulta à documentação escrita existente, incluindo em formato digital. As fontes usadas para a Madeira foram: Carvalho (2008), “Caderno: Contributos apresentados ao Colóquio «O Património Cultural Imaterial de Machico», A Labuta do baleeiro”; Freitas (2016), “Baleia (caça na Madeira)”, no sítio da internet *Aprender Madeira*; Relvas (1984), “Cachalotes – A última pesca nos mares da Madeira – E Depois?”, publicado no *Diário de Notícias*.

Para os Açores, a fonte usada foi a obra de Clarke (2001 [1954]), *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores* (Tradução de Fernando Jorge da Silva).

### 3.1.2. Fontes orais

A documentação oral é uma importante ferramenta de estudo, sendo indiscutível a sua relevância e riqueza para a compreensão de fenómenos linguísticos, mas também de muitas outras áreas. A pesquisa oral constitui, assim, uma fonte de documentação sem balizas rígidas entre campos de estudo que se ligam e, geralmente, está associada a uma entrevista (com ou sem questionário). O falante “abre o coração”, conta histórias, responde a perguntas, partilha as suas experiências, mas é quem faz a recolha que faz a interpretação e o tratamento das informações, de acordo com o estudo que decide enveredar e a disciplina a que pertence, não invalidando que a mesma recolha seja alvo de estudo de diversas disciplinas. Quer isto dizer que a documentação oral e a riqueza do seu conteúdo não se esgotam num único estudo.

Tendo em conta o estudo alvo da presente pesquisa, que se baseia sobretudo na recolha e análise de fontes orais, realizou-se através de entrevistas feitas a cinco pessoas com ligação à atividade baleeira madeirense. Apesar de terminada há 40 anos, ainda é possível encontrar alguns antigos profissionais da baleação com boa capacidade intelectual e boa memória, também suportadas por uma atividade tão intensa que é difícil de ser esquecida. Em qualquer um dos casos, foi possível recolher os testemunhos de pessoas que tiveram diferentes funções na baleação, tentando abranger diferentes tipos de conhecimento (cf. Tabela 1).

**Tabela 1: Perfil sociocultural dos informantes**

<b>Informante (Código)</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Residência</b>	<b>Ano da entrevista</b>
<b>Inf. 1</b>	89	Masculino	Não estudou	Operário da fábrica	Caniçal	2020
<b>Inf. 2</b>	74	Masculino	4ª Classe	Vigia	Caniço	2020
<b>Inf. 3</b>	75	Masculino	4ª Classe	Motorista de lancha	Caniçal	2020
<b>Inf. 4</b>	77	Masculino	4ª Classe	Arpoador	Caniçal	2012
<b>Inf. 5</b>	56	Masculino	4ª Classe	Artesão	Caniçal	2021

As entrevistas começaram a ser feitas no início de 2020. Após a realização de três entrevistas, havia a intenção de ouvir e registar o conhecimento de mais alguns informantes, mas a pandemia e o confinamento em março de 2020 não permitiram que assim fosse. A faixa etária dos informantes, coincidente com o grupo de maior risco atingido pela Covid19, impediu que fossem estabelecidos contactos pessoais, valorizando o que de mais precioso temos: a saúde e a vida.

Face a este constrangimento, não previsível, deu-se início à transcrição das entrevistas já realizadas. Estas foram transcritas na íntegra, de forma minuciosa, dando conta das intervenções quer da entrevistadora, quer do informante, respeitando o seu ritmo no uso da fala. Na escrita, foram reproduzidas as pausas, as repetições, as contrações de palavras e as hesitações manifestadas nas fontes orais, através de uma grafia fonética, fiel à pronúncia e aos fenómenos fonéticos próprios da oralidade e da fala popular dos informantes, bem como de características do Português falado na Madeira. Sempre que necessário, introduz-se, entre parênteses retos, informação necessária à melhor compreensão dos enunciados orais, tornando mais compreensível a informação dada pelos informantes. Deste modo, contextualiza-se o uso dos termos, cujo levantamento foi feito posteriormente na elaboração do glossário.

Na análise da transcrição das fontes orais, foi notada a falta de alguns termos que já tinham sido registados numa entrevista feita em 2012. Por essa razão, foi decidido incluí-la neste estudo. Posteriormente, e com a melhoria das condições originadas pela pandemia, foi alargado o estudo, ouvindo mais um informante de uma faixa etária mais jovem. Esta ordem de decisões, não previstas inicialmente, refletem-se na tabela e nos critérios de apresentação dos informantes, que estão organizados de acordo com a evolução do trabalho.

Neste sentido, a documentação oral deste estudo é composta por um *corpus* recolhido no Caniçal, concelho de Machico, Região Autónoma da Madeira, enquanto amostragem representativa ou coleção de materiais na modalidade falada que permitem conhecer a realidade a estudar. Segue-se alguma informação sobre cada um dos cinco informantes:

i) o informante um (Inf. 1) é natural do Caniçal, no entanto chegou a trabalhar, no âmbito da atividade, no Caniço, quando o processamento das baleias acontecia nas instalações do Garajau. Começou a trabalhar muito cedo, desde que a memória lhe permite recordar. Saía de casa às quatro da manhã para percorrer a pé os cerca de 25 Km que distanciavam da freguesia do Caniçal. Entrou com dezasseis anos e, apesar de

trabalhar consecutivamente sem férias, via o seu rendimento reduzido a oito escudos por mês, até atingir os 18 anos, quando passou a ganhar os 17 escudos devidos a um homem. A necessidade não deixava margem para grandes escolhas e a hipótese de ter um ordenado ao final do mês levou a que este homem quisesse aprender com quem sabia mais do que ele e foi essa vontade que o tornou um trabalhador polivalente com capacidade de resposta a várias situações. Do trabalho mais rudimentar ao domínio das maquinarias da fábrica, experimentou de tudo um pouco e, assim, ganhou a confiança dos encarregados e patrões.

ii) o informante dois (Inf. 2), natural do Caniço, iniciou a atividade naquela localidade, mas foi transferido para a Ponta do Sol, onde trabalhou a maior parte do tempo que dedicou à caça à baleia. Era um apaixonado pelas baleias desde muito jovem e, sempre que havia tempo entre os afazeres que lhe destinavam, era para a vigia que se dirigia para aprender com os profissionais, porque “tinha na cabeça” que queria ser vigia das baleias. Aproveitava o cansaço do vigia, enquanto este descansava, depois de longas horas a observar o mar, para se apoderar dos binóculos e desfrutar do movimento dos barcos que o mar lhe proporcionava. Foi num desses momentos que pela primeira vez detetou um cachalote, primeiro comparou-o às fotografias que decoravam a vigia e só depois deu o alerta de “baleias à vista”. Foi o salto de entrada para a profissão, mostrou ter “aquela visão” que um vigia precisava. Foi colocado na Ponta do Sol, onde “trabalhava-se só sete dias à semana”, porque não havia mais dias para trabalhar. Curioso de natureza, fazia muitas perguntas porque queria saber de tudo, valendo-lhe o conhecimento que adquiriu sobre a atividade, mesmo de tempos idos, em que era criança. Diz que se diferenciava dos outros vigias, porque nunca ia para a vigia de manhã, “já estava na vigia de manhã!”, onde tinha tempo de ajudar também os pescadores de atum. Deixou a atividade de que tanto se orgulha, um ano antes do fim da baleação na Madeira, mas a paixão pelas baleias e pelo trabalho que fez continua presente nas palavras e no brilho do seu olhar.

iii) o informante três (Inf. 3) entrou na fase mais moderna da atividade e residia e trabalhava no Caniçal. Regressou à Madeira em 1975, vindo de Angola. A influência daquele país é perceptível no uso da língua, com marcas distintas dos falantes do Caniçal, não invalidando que conheça e que se tenha familiarizado com o vocabulário da baleação. Foi ali que se instalou e onde rapidamente arranjou trabalho na atividade baleeira, fazendo um pouco de tudo, sem horários estipulados, era chamado pelo “foguetete a rebentar” e logo se ponha a caminho, depois de passar na mercearia e comprar a merenda para o dia: “um pão daqueles grandes, uma garrafa de vinho, duas latas de conserva”. Relembra a intensidade do trabalho, da experiência dos homens que conheciam os comportamentos

do cachalote, conseguindo prever sem falhas o tempo de mergulho dos animais que aguardavam para os “trancar”, dando início à perseguição, a fase mais perigosa da caça.

iv) o informante quatro (Inf. 4), natural do Caniçal, residiu e trabalhou sempre no Caniçal. Começou a trabalhar na caça depois de cumprido o serviço militar, numa altura em que a atividade já laborava a partir do Caniçal, mas as baleeiras ainda eram impulsionadas à força humana. Começou como remador, mas, depois de algum tempo de experiência, passou a arpoador. Recorda-se do início e de quando só podiam se distanciar até duas, três milhas, porque a comunicação estabelecida entre o vigia e as embarcações era visual, através de um lençol que indicava o rumo a seguir no encalce das baleias. A chegada das comunicações e, mais tarde, dos motores instalados nas baleeiras facilitaram a vida da tripulação, que num só dia chegavam a matar 44 cachalotes, e demais trabalhadores da atividade, mas não reduziu o maior perigo, que era a perseguição.

v) o informante cinco (Inf. 5), natural e residente no Caniçal, não trabalhou na baleação, mas desde criança que frequentava a fábrica e acompanhava os trabalhadores. Perdeu os pais muito jovem e a sua vida nunca foi fácil, revelando desde cedo ter talento para os trabalhos manuais. Lembra-se quando, no Caniçal, as poucas casas que existiam eram cobertas a restolho e que, quando não estava na escola, o seu divertimento era jogar à bola, uma bola feita com meias velhas, que com os pés descalços iam pontapeando. A maior parte do seu tempo era passado no calhau ou junto à fábrica das baleias, onde as crianças, como ele, extraíam o primeiro produto do cachalote: a raspa da pele. Desde sempre se lembra de ver matar baleias, de ver o mar azul ficar pintado de vermelho, mas bem presente tem na memória, quando durante um esquarteramento de cachalote, a tristeza apoderou-se dos rostos dos baleeiros e o semblante pesado levou-os a baixar a cabeça, perante uma fêmea que carregava no ventre um feto já com alguns meses de gestação.

Todos os entrevistados laboraram na atividade baleeira, com exceção do artesão, mais jovem, cuja ligação não é proveniente do trabalho, mas do tempo, da sua infância, que passou junto daqueles que lá trabalhavam, adquirindo igualmente conhecimento sobre a baleação. Esse saber é representado na profissão que seguiu, artesão, em que representa objetos com muitos pormenores alusivos à mesma, recorrendo ao osso de baleia que adquire através do mergulho em zonas próximas de onde decorreu a atividade e, mais recentemente, recorrendo a outros materiais como por exemplo a madeira.

O universo dos informantes apresenta diversidade, procurada propositadamente, apesar das muitas limitações em encontrar informantes ainda com vontade e capacidades para concederem a entrevista.

### **3.2. Metodologia da entrevista com questionário**

A metodologia é crucial na realização de um estudo, pois as técnicas e/ou métodos de investigação utilizados são fundamentais para a garantia de qualidade científica da pesquisa.

Começando pelas questões éticas e de proteção dos dados pessoais dos entrevistados, estes foram devidamente informados dos objetivos da pesquisa, do tema e da organização das questões da entrevista, da sua estrutura e duração, tendo sido obtido o consentimento informado para a sua realização e autorização da gravação e uso dos dados recolhidos sobre a atividade baleeira. De forma a proteger os dados pessoais dos informantes, a estes foi atribuído um código numérico de 1 a 5. Deste modo, é possível indicar e analisar os dados fornecidos por cada um dos informantes, correlacionando-os com a idade, o sexo, a escolaridade, a profissão, a localidade e a data, sem expor a respetiva identidade.

Na elaboração do questionário para as entrevistas, utilizou-se o método onomasiológico que permite partir dos conceitos para recolher os termos que os denominam. Este método, segundo Baldinger (1970), permite elaborar repertórios cujas unidades lexicais são classificadas a partir dos respetivos conceitos. Por isso, os repertórios terminológicos, cujos termos são organizados como um sistema conceptual, são repertórios onomasiológicos. No entanto, por vezes, é necessário recorrer ao método semasiológico, invertendo a questão, ao dar o termo para testar o (re)conhecimento do seu significado e/ou uso por alguns informantes, quando estes não indicam nenhum termo para denominar o conceito.

Quanto ao guião da entrevista, foi elaborado um questionário semiestruturado (ver apêndice 1 - Questionário da entrevista), de modo a recolher um *corpus* oral de estudo. Este questionário foi pensado para recolher os termos associados a determinados conceitos ou significados, designadamente para obter os que denominam os vários processos, equipamentos e artefactos da atividade baleeira. O questionário foi organizado, do geral para o particular, com uma sequência lógica de questões, de modo que a

inquiridora não refira a denominação que pretende recolher, antes desta ser usada pelo informante, não influenciando a escolha lexical.

Neste caso em particular e dada a idade avançada de quatro dos cinco informantes, a prioridade foi o seu bem-estar, com o cuidado de os manter à vontade. A entrevista foi realizada numa sala, onde só se encontrava o informante e a entrevistadora, com indicação para não haver interrupções. Antes de se dar início às questões, foi-lhes explicado que se pretendia fazer um registo, de vídeo e voz, das suas memórias, para que o conhecimento da atividade baleeira se perpetuasse no tempo, caso contrário cairia no esquecimento. A entrevista foi iniciada após um momento de conversa descontraída, levando à adoção de um modelo de entrevista semiestruturada, com recolha espontânea de dados para além dos questionados, aproveitando o raciocínio dos informantes que contavam muito mais nas respostas do que era perguntado. Muitas vezes, houve necessidade de adaptar as questões e mesmo de refazê-las e, quando era pronunciado um termo novo, era pedido que o explicassem. De salientar que esta situação aconteceu pontualmente.

Em apêndice, apresenta-se o questionário (semi)estruturado das entrevistas (cf. Apêndice I) aplicado aos informantes, bem como o modelo de ficha do informante (cf. Apêndice II) e o modelo da autorização de gravação da entrevista e de tratamento dos dados (cf. Apêndice III), elaborado para obtenção dos respetivos dados socioculturais e autorização (com consentimento esclarecido) para a gravação e uso dos dados fornecidos. Optou-se por não apresentar em apêndice as transcrições das entrevistas realizadas, de forma a manter o anonimato dos informantes, protegendo os seus dados pessoais.

## **Capítulo III – Elaboração do glossário da cultura baleeira**

### **1. Elaboração do glossário e respetivas abreviaturas**

Este estudo tem um carácter inovador, por não haver nenhum glossário da terminologia da caça à baleia na Madeira elaborado até à data. Constitui, assim, o primeiro trabalho de recolha de documentação oral e escrita com a preocupação de fazer o registo dos termos associados a esta atividade.

Com a finalidade de sistematizar o conhecimento adquirido, optou-se por elaborar um glossário do vocabulário utilizado no âmbito desta atividade, que chegou a empregar homens do Porto Moniz e do Caniço, de acordo com os lugares onde houve instalações a laborar, mas principalmente da localidade do Caniçal, onde a fábrica funcionou durante 31 anos, de 1949 a 1981, encerrando as outras instalações. As entrevistas realizadas a cinco destes antigos trabalhadores, que constitui a documentação oral utilizada neste estudo, foram fundamentais para a atestação de muitos dos termos e expressões registados no glossário.

Além das fontes orais, utilizou-se documentação escrita existente sobre a baleação na Madeira. A esta juntou-se documentação lexicográfica para enriquecer a pesquisa. Assim, recorreu-se às antigas monografias de licenciatura na área dos estudos linguísticos, com glossários de recolhas lexicais em algumas localidades da ilha da Madeira (Macedo, 1939; Pereira, 1952; Rezende, 1961 e Nunes, 1965), para verificar se registavam alguns dos termos relativos à caça da baleia. Fez-se o mesmo com a consulta de alguns vocabulários da linguagem ou dos falares da Madeira publicados até hoje, nomeadamente Santos (1947), Sousa (1950), Silva (1950), Pestana (1970), Caldeira (1993 [1961]) e Barcelos (2016), entre outros, como glossários de dissertações de mestrado feitas na Universidade da Madeira, que não são referenciados por não incluírem termos relativos à área de atividade em estudo.

Para fazer o estudo comparativo com os Açores, fez-se o levantamento dos termos da baleação no estudo de Clarke (2001) e consultou-se documentação lexicográfica de Barcelos (2008), a par com o dicionário de Cândido de Figueiredo (1913), que regista muitos vocábulos relativos à atividade nas ilhas açorianas. Limitou-se o levantamento dos termos deste dicionário apenas aos específicos da baleação, excluindo os de significado genérico, por não serem relativos apenas aos Açores, mas comuns a todo o país, sendo termos da pesca e da náutica. Não foram consultadas as edições posteriores do dicionário

de Cândido de Figueiredo, no entanto estas parecem continuar a incluir apenas os termos da baleação como sendo somente dos Açores, como era o caso em 1913.

Para os Açores, usou-se ainda o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego Português* (TLPGP) da Universidade de Santiago de Compostela (Galiza), em parceria com o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), que documenta o vocabulário tradicional e/ou antigo das duas línguas, incluindo a Madeira, os Açores e o Brasil. Este Tesouro também só averba termos da baleação açoriana, remetendo para o dicionário de Cândido de Figueiredo, edição de 1913 e 14<sup>a</sup> edição. A ausência de vocabulário da Madeira, relativamente à caça da baleia, dever-se-á ao facto de não existirem até hoje estudos científicos de natureza lexicográfica sobre a atividade no arquipélago, o que se pretende fazer nesta dissertação. O glossário que aqui se apresenta pretende ser uma fonte de informação lexicográfica rigorosa e fidedigna, de modo a poder vir a integrar projetos de tesouros lexicais e outros, enriquecendo assim a língua portuguesa e permitindo a futura comparação com os termos da baleação em outras áreas geográficas, como o Brasil e Cabo Verde.

A macroestrutura do glossário apresenta as entradas organizadas por ordem alfabética do termo ou lema. No que respeita à microestrutura dos verbetes do glossário, regista-se: o **lema** destacado a negrito (com um complemento determinativo, sempre que há pelo menos uma ocorrência deste nas fontes utilizadas, sendo registado entre parêntesis quando está subentendido); a **categoria gramatical** ou a indicação de se tratar de uma expressão ou locução adverbial; a **definição** elaborada de forma precisa e concisa. A definição terminológica, como tem por objeto um termo pertencente a uma linguagem de especialidade ou linguagem especializada (relacionada com uma atividade ou área de especialização), especifica o conceito, isto é, define o objeto ou a noção do termo dentro do sistema conceptual do qual faz parte. Distingue-se da definição lexicográfica que define a palavra propriamente dita. Por isso, o termo não pode ser definido através de um sinónimo, sendo descrito com referência à atividade a que pertence.

À definição segue-se uma **nota** com informação sobre a origem etimológica das palavras (quando se trata de termos importados de outras línguas) e o seu significado. Os termos podem ser simples, derivados e compostos. Quando são compostos indica-se os seus elementos constituintes, por exemplo nome + preposição + nome (N+P+N), nome + adjetivo (N+Adj.) e nome + nome (N+N). No caso da composição N+P+N, a preposição *de*, por vezes, ocorre contraída com os artigos definidos *o*, *a*, *os*, *as*, como em: *baleeiro do mar*, *caça da baleia*, *encarregado da comissão (dos baleeiros)*. Há apenas uma

ocorrência da preposição *a*, em *guincho a vapor*. Na nota, regista-se também a ocorrência de variantes (sobretudo fonéticas, mas também morfológicas), de sinónimos e de possível polissemia da palavra, assim como informação enciclopédica sobre o conceito denominado, quando pertinente.

Seguidamente, são introduzidos os dados recolhidos na documentação oral (**Doc. oral**), na documentação escrita (**Doc. escrita**), na documentação digital (**Doc. digital**) e na documentação lexicográfica (**Doc. lexicográfica**) sobre a Madeira, com indicação das respetivas fontes. Na documentação oral, é reproduzido o registo das ocorrências dos termos no seu contexto de uso, com indicação do código numérico do informante, conforme o quadro do perfil sociocultural dos entrevistados (cf. Tabela 1). Após a sistematização da informação da Madeira, inclui-se a informação sobre os Açores, começando com a indicação do termo e respetivas variantes e sinónimos documentados. Segue-se a ocorrência dos termos na documentação escrita consultada sobre a atividade baleeira no arquipélago, e na documentação lexicográfica: dicionário de Cândido de Figueiredo (1913), *TLPGP* e dicionário de falares de todas as ilhas de Barcelos (2008). O verbete fecha com uma **remissão** para termos relacionados, se pertinente. Entre verbetes, é possível encontrar algumas remissões de vocábulos que remetem para o lema do termo sinónimo correspondente, a que eles estão associados e onde são incluídos.

As abreviaturas utilizadas na estrutura do glossário, evitando a repetição das mesmas palavras por extenso nos diferentes verbetes, foram as registadas na Tabela 2.

**Tabela 2: Abreviaturas**

<b>Abreviaturas</b>	<b>Palavras por extenso</b>
adj.	adjetivo
cf.	conferir
Expr.	Expressão
loc. adv.	locução adverbial
n. f.	nome feminino
n. m.	nome masculino
N+Adj.	nome + adjetivo
N+N	nome + nome
N+P+N	nome + preposição + nome
v.	verbo

## 2. Glossário da cultura baleeira

### A

**Abate (da baleia)** - n. m. - Fase da baleação em que o animal é morto. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *abate* (derivação regressiva do verbo *abater*) com o complemento de especificação *da baleia*. **Doc. digital:** “A sua arte e técnica baseavam-se na deteção de baleias, especialmente cachalotes, a partir de pontos altos na costa, seguido da sua perseguição, caça e abate com arpões e lanças (...)” (Freitas, 2016). **AÇORES:** *Matar a baleia*. **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 356) não regista o nome *abate*, mas a ação de *matar a baleia* como “operação efectuada após a *baleia estar arpoada*, depois de emergir. Era sempre feita com a *lança*, que lhe abria golpes penetrantes e profundos, dirigidos de preferência à região torácica, provocando hemorragia interna que lhe ia retirando as forças.”. Ver **Baleia, Caça da Baleia e Caçar**.

**Acidez** - n. f. - Propriedade do óleo. **Nota:** Termo geral, derivado de *ácido* com o sufixo *-ez*. Através da sua medição, era apurada a qualidade do produto, que era mais elevada quanto menor fosse a acidez; a acidez era resultado do tempo de cozedura e do número de dias em que tinha sido produzido; quanto mais dias tivesse, mais acidez apresentava. **Doc. oral:** “(...) eu *suparava* os óleos todos, um *po* número um, um *po* número dois, *po* número três, *po* número quatro, cada um com x de acidez.” (Inf. 1). Ver **Óleo (de baleia) e Grau**.

**Alamar** - loc. adv. - Distância a que uma embarcação se encontrava da costa, em alto-mar. **Nota:** Amálgama de *além* + *mar*. **Doc. oral:** “Na caça à baleia só o que tivemos um acidente foi alamar do Porto Moniz.” (Inf. 1); “Eu, a primeira vez qu’eu fui à *aua* foi alamar do Garajau (...)” (Inf. 4). Ver **Baleeira**.

**Alvará provisório** - n. m. - Documento que licenciou, temporariamente, a prática da caça à baleia na Madeira. **Nota:** Termo composto pelo nome *alvará* e o adjetivo *provisório*. **Doc. digital:** “Nos primeiros anos, a atividade foi desenvolvida com um alvará provisório atribuído formalmente pelo Estado Português a Pedro Cymbron.” (Freitas, 2016). Ver **Baleia e Caça da baleia**.

**Amarra** - n. f. - Cabo que unia e segurava a embarcação a terra. **Nota:** Termo da marinha. Derivação regressiva do verbo *amarrar*. **Doc. oral:** “(...) chegavo-se ali ao *cal* delas, local delas, amarra, amarra, encosta aqui.” (Inf. 1). **AÇORES:** *Amarra* com o sinónimo *cabo*. **Doc. escrita:** “(...) os tendões e as fibras de tecido conjuntivo são largamente utilizados como cabos ou amarras.” (Clarke, 2001: 81). Ver **Amarrar** e **Amarração**.

**Amarração** - n. f. - Local próprio para acostar a embarcação, mantendo-a em segurança e devidamente amarrada. **Nota:** Termo da marinha, derivado de *amarrar* com o sufixo *-ção*. **Doc. oral:** “A amarração que tinha era só *pa* lancha e *po* Persistência. Para as baleeiras não tinha. As baleeiras tinham que varar às horas que chegasse.” (Inf. 3). **AÇORES:** *Amarração*. **Doc. escrita:** “Ao contrário dos botes, as lanchas não são varadas na costa; como vários dos varadouros se situam em orlas pedregosas e desprotegidas, têm que ficar presas a amarrações, no mar, que as tempestades súbitas podem tornar insustentáveis. Em consequência, o motorista, que frequentemente é um baleeiro veterano, já de certa idade, dorme sempre a bordo da sua lancha, para poder, numa emergência, safá-la da amarração e levá-la ao porto mais próximo.” (Clarke, 2001: 50). Ver **Amarra** e **Amarrar**.

**Amarrar** - v. - Ato de acostar ou fundear a embarcação. **Nota:** Termo simples, com o sinónimo *atracar*, termo da náutica. **Doc. oral:** “(...) chegavo-se ali ao *cal* delas, local delas, amarra, amarra, encosta aqui.” (Inf. 1); “(...) atracamos em terra não se via mar, era só sangue (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Atracar*. **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 217) regista *atracar* como “Amarrar. Encostar (um barco a outro)”. Ver **Amarra** e **Amarração**.

**Âmbar (cinzento)** - n. m. - Substância sólida de cor cinzenta, formada no intestino do cachalote. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *âmbar* com o adjetivo qualificativo *cinzento*. Apresenta as variantes fonéticas *ambre* e *ambra*. O informante 5 refere o sinónimo *bolas de borracha*, por analogia de forma e cor, sendo uma denominação formada por metáfora, através de um processo cognitivo de transposição da realidade conhecida de um objeto para outro. **Doc. oral:** “Tinha um valor do caraças, esse ambre tinha um valor (...)” (Inf. 1); “(...) a ambra que diziam que era para soldar o ouro e essa coisa toda, ficava tudo lá na fábrica (...)” (Inf. 3); “(...) Ambra, ambra (...) isso dava munto dinheiro, *pa* avernizar o ouro.” (Inf. 4); “Isso era o ambre.” (Inf. 4); “E essas

ambras, voltando às ambras, havia jogadas, andavo jogadas no calhau qu'a gente chamava bolas de borracha.” (Inf. 5); “Ah, o ambra, aquilho tava a 1.200 contos ao quilo.” (Inf. 5). **AÇORES:** Termo composto pelo nome *âmbar/ambre* com o adjetivo *cinzento* ou *pardo*, *ambre pardo* e *ambre cinzento* (apenas registado na documentação escrita dos Açores). Produto resultante da acumulação de secreções biliares e partículas não digeríveis pelo organismo do animal, provenientes da sua alimentação, baseada na ingestão de lulas gigantes; de grande valor comercial era utilizado na indústria de perfumes pelas suas propriedades como fixador de aromas. **Doc. escrita:** “A procura, nos Açores, do âmbar cinzento, uma concentração que se forma nos segmentos posteriores do intestino dos cachalotes, é tão antiga como os registos históricos da baleação na zona das Ilhas Ocidentais (...)” (Clarke, 2001: 74). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 103-104) averba *âmbar-cinzento* como “Concreção, formada no tubo digestivo de um cetáceo, (*physeter macrocephalus*, Lin.)”. Barcelos (2008: 65) regista o termo *ambre-pardo*, com o sinónimo *ambre-cinzento*, ao escrever “Também conhecido por *ambre cinzento*, é a massa gordurosa segregada pela mucosa intestinal de certos cachalotes velhos, resultando de doença intestinal (...) (*ambre*, corrupt. de *âmbar*)”. Ver **Cachalote**.

**Amostra de óleo** - n. f. - Pequena quantidade de óleo que servia para provar a sua qualidade. **Nota:** Termo composto pelo nome *amostra* com o complemento determinativo *de óleo* (nome + preposição *de* + nome). Era uma forma de mostrar a qualidade do óleo aos comerciantes interessados na sua compra. **Doc. oral:** “olha, amigo, eu preciso uma amostra d'óleo assim assim assim assim, *pa* mandar amanhã *pra* baixo no carro das sete e um quarto, que eu vou precisar disso. Tenho aqui um comprador que precisa de cinquenta toneladas d'óleo.” (Inf. 1). Ver **Óleo (de baleia)**.

**Ampebeque** - n. m. - Nome dado à Baleia-de-bossa. **Nota:** Empréstimo do Inglês *humpback whale* (baleia-de-bossa). *Ampebeque* é a corruptela fonética do termo inglês, introduzido na Madeira pelos baleeiros açorianos, apresentando a variante fonética *anebeque*. É a denominação popular para o nome científico *Megaptera novaeangliae*. **Doc. oral:** “Agora do *ratuele* e ampebeque e isso tudo mandavo *pra* fora (...)” (Inf. 4); “Do cachalote à que não, mas do *ratuele* e do *finebeque* e do anebeque qualquer um desses animal comi carne que nunca fez mal nenhum.” (Inf. 1). **AÇORES:** *Ampebeque*, com as variantes fonéticas *ambaque* e *ambeque*. **Doc. escrita:** “Tabela 3. Glossário dos termos baleeiros correntemente usados nos Açores e derivados dos correspondentes

termos americanos – *ampebeque*” (Clarke, 2001: 13). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 65) regista *ambaque* como “Baleia grande, de bossa” e *ambeque*, ambos variantes de *ampebeque*, com a nota “do am. *Humpback*”. Ver **Baleia de barbas**.

**Analisar óleo** - Expr. - Ato de aferir a qualidade do óleo, através da medição da sua acidez. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *analisar* com o nome *óleo*. Quanto menor era a acidez, mais elevada era a qualidade do óleo. **Doc. oral:** “(...) analisar óleo, fazer isto, sabia (...) tinha-se dez, doze tanques de óleo, *arrecebe* óleo já cozidos, *aquilho* não podia ser tudo *po* mesmo tanque (...)” (Inf. 1). Ver **Óleo (de baleia)** e **Acidez**.

**Aparelho** - n. m. - Radiotelefone utilizado para comunicar. **Nota:** Nome genérico. Derivação regressiva de *aparelhar*. As comunicações foram introduzidas na atividade baleeira madeirense a partir da segunda metade da década de 1940. Apresenta o sinónimo *rádio-telefone*, como termo específico. **Doc. oral:** “Logo que começamos a trabalhar aqui já já tivemos os aparelhos.” (Inf. 1); “(...) antes trabalhava só *co* aparelho, só *co* aparelho era complicado *ca* gente comunicava pr’aqui *po* *Sor* Eleut Luciano, era a vigia do Caniçal (...)” (Inf. 2); “(...) a gente *na* se podia se colocar *más* que 2, 3 milhas, sabe porquê? Porque não havia aparelhos (...)” (Inf. 4). **Doc. digital:** “Aproveitando a disponibilidade de excedentes militares norte-americanos da segunda grande guerra, foram comprados pela EBAM rádios-telefones para estabelecer-se uma rede de comunicações sem fio que ligava as vigias entre si e também as embarcações no mar” (Freitas, 2016). **AÇORES:** *Radiotelefone*. **Doc. escrita:** “De quarto em quarto de hora, mais ou menos, as lanchas equipadas com radiotelefone chamam os vigias em terra e perguntam se há alterações de rumo, ou mudança no número de espartos avistados.” (Clarke, 2001: 51). Ver **Rede de Comunicações**.

**Armação baleeira** - n. f. - Conjunto dos meios necessários para balear. **Nota:** Termo composto pelo nome *armação* com o adjetivo qualificativo *baleeira*. Incluía as embarcações, instalações, equipamentos e trabalhadores. **Doc. digital:** “Estas vigias foram construídas pela armação baleeira de Pedro Cymbron entre 1940 e 1943.” (Freitas, 2016). **AÇORES:** *Armação baleeira*. **Doc. escrita:** “Todos os arpões são utensílios marcados, isto é, as cabeças são gravadas com as iniciais da armação baleeira e, em geral, com o ano em que o arpão foi posto ao serviço.” (Clarke, 2001: 41). Ver **Caça da baleia**.

**Arpão (da baleia)** - n. m. - Instrumento de fabrico artesanal, com ponta metálica e uma barbela que tinha como função prender o animal. **Nota:** Do Francês *harpon*. Termo simples ou composto pelo nome *arpão* com o complemento determinativo ou de especificação *da baleia* (N+P+N). O utensílio era lançado manualmente e tinha um cabo longo de madeira, de cuja extremidade saía uma linha que o mantinha ligado à baleeira e que se ia desenrolando ou recolhendo à velocidade imposta pelo animal, enquanto era perseguido até à exaustão. **Doc. oral:** “(...) primeiro é trancada e presa pelo arpão (...)” (Inf. 1); “(...) o arpão e a coisa, os quartejos (...)” (Inf. 2); “(...) e ela vai levando sempre a corda porque, à velocidade que ela vai, senti o arpão, c’ a velocidade que vai fica aqui um caixote, uma caixa, tem as cordas todas ali coisa, tudo ali afinhadinho, à proa, conforme ela vai levando (...)” (Inf. 3); “(...) a gente larga-se o arpão, pa ficar fiche (...)” (Inf. 4); “C’o arpão era, era a morte final qu’era pa trancar e depois fixá-lo pra não se perder.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Arpão*, *arpão-da-baleia* e *arpão-de-caixa*. **Doc. escrita:** “(...) o que acontece mais frequentemente é o bote aproximar-se da baleia o suficiente para que o arpão possa ser atirado de uma distância de entre 1 a 3 braças.” (Clarke, 2001: 54). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 78) regista *arpão-da-baleia* como sinónimo do “Também chamado *arpão-de-caixa*, é um instrumento de arremesso manual constituído por um cabo de madeira com cerca de dois metros, encaixado numa haste de aço com perto de sessenta centímetros e que termina numa farpa, que se abre depois de introduzido no corpo da baleia (...)”. No *TLPGP*, documenta-se *arpão* como termo dos Açores enquanto “Instrumento com que se pescam os grandes cetáceos (Vid. cap. IV., p. 80 e fig. 57). De *arpar* (< germ. *harpan*. REW, 4056). Netto 1949: 99”, a par da definição “Ferro cortante munido de um longo cabo de madeira, utilizado na pesca da baleia e de alguns peixes grandes. BaptistaF 1970: 549”. Ver **Arpoar**, **Arpoador** e **Baleia**.

**Arpoador** - n. m. - Aquele que manuseia o arpão. **Nota:** Termo derivado de *arpoar* com o sufixo agentivo *-dor*. Apresenta os sinónimos *trancador* (de *trancar*) e *lançador* (de *lançar*). Este trabalhador recorria à força dos braços para atirar o arpão em direção à baleia, com o objetivo de a prender e a manter ligada à embarcação, através da linha, durante a perseguição até que fosse possível dominá-la. **Doc. oral:** “(...) chamavam o arpoador que jogava o arpão (...)” (Inf. 2); “(...) já entrei pa arpoador (...)” (Inf. 4); “(...) o trancador jogava o arpão (...)” (Inf. 1); “Eram o mestre, o trancador, o mestre, o trancador e um marinheiro e um baleeiro (...)” (Inf. 3); “(...) na ocasião do trancador lançar o arpão (...)” (Inf. 4); “Era vigia, quem ia *pro* mar era o mestre, o arrais, o

maquinista, po lado das baleeiras era o arpoador, o lançador...” (Inf. 2). **AÇORES:** *Arpoador* e *trancador*. **Doc. escrita:** “Quando o arpoador tranca uma baleia, a linha de proa salta borda fora (...).” (Clarke, 2001: 46); “Procurando a oportunidade, mas quase no mesmo instante, o trancador arremessa o arpão: os homens dão uma remada à popa para safar o bote e a baleia está trancada, começando a levar a linha.” (Clarke, 2001: 53). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 187) regista *arpoador* como “Aquelle que arpôa” e *trancador* como termo açoriano para o “tripulante que, numa barca baleeira, tem a seu cargo a linha do arpão” (Figueiredo, 1913: 1979). Barcelos (2008: 78) averba *arpoador* como sinónimo de *trancador* e este como “Aquele que tranca a baleia (...). Os trancadores eram sempre homens robustos, com grande força muscular para bem desempenharem o nobre acto de trancar a baleia. (...)” (2008: 558). No *TLPGP*, documenta-se o termo *arpoador* dos Açores como “O mesmo que *trancador*”. No *TLPGP*, documenta-se *trancador* como termo dos Açores, “Aquele que, na canoa, lança o arpão à baleia; o mesmo que *arpoador*. BaptistaF 1970: 681”, registando *arpoador* em Mendonça 1962: 296. Ver **Arpão (da baleia), Arpoar e Baleia**.

**Arpoar** - v./n. m. - Ato de atirar o arpão e fixá-lo na camada de gordura da baleia, para a prender. **Nota:** Termo derivado de *arpão* com o sufixo *-ar*. Apresenta o sinónimo *trancar*. **Doc. oral:** “(...) cada um podia arpoar uma baleia, chamavo arpoar, a baleia caminhava po fundo (...)” (Inf. 2); “A difrença que se tinha entre um arpão e a lança, a lança serve pra matar e o arpão serve pra trancar.” (Inf. 1); “E depois, depois de trancar, essa baleeira ficava com ela, e ela vai levando sempre a corda (...)” (Inf. 3); “(...) a gente entrava por cima delas, pa trancar a maior (...)” (Inf. 4); “(...) era a morte final, qu’era pa trancar e depois fixá-lo pra não se perder (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Arpoar* e *trancar (a baleia)*. **Doc. escrita:** “Este momento em que a baleia vem «atirar o bufo», antes de mergulhar de novo, é uma boa altura para aproximar e arpoar.” (Clarke, 2001: 52); “O intervalo entre a arreada da lancha e o trancar da baleia pode ser curto ou longo, de uns dez minutos até várias horas, mas constitui geralmente a parte mais demorada da caçada (...)” (Clarke, 2001: 52). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 187) averba *arpoar* como “Segurar com o arpão. Arremessá-lo contra. Ferir com êlle”. Barcelos (2008: 79) documenta *arpoar a baleia* (expr.) como “Atirar o arpão na caça do cachalote, o que era feito pelo *trancador*; o m.q. *trancar a baleia*”; *Trancar* é “Arpoar a baleia, operação efectuada pelo *trancador* [cita Manuel Ferreira] «Quem tranca, mata – é a norma».” (2009: 558). No *TLPGP*, regista-se *trancar* como termo dos Açores, com a aceção de “Arpoar a baleia. BaptistaF

1970: 681” e como “Lançar o arpão na baleia. Dias 1982: 485”, acrescentando a expressão *trancar a baleia* com a aceção de “Arpoar. Mendonça 1962: 296”. Ver **Arpão, Arpodor e Baleia**.

**Arrais (da baleeira)** - n. m. - Mestre da baleeira, responsável por dirigir a baleeira e pela caçada. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *arrais* com o complemento de especificação *da baleeira* (N+P+N). Vocábulo da náutica, do árabe *ar-raiç*, ‘cabeça, chefe, capitão de navio’. Apresenta o sinónimo *mestre da baleeira*. Era o que levava o barco até junto do animal, tarefa reservada aos mais experientes e só alcançada por quem já tinha passado pelas outras funções a bordo da baleeira. **Doc. oral:** “(...) a gente somos quatro pessoas dentro o barco, isto aqui é o arrais (...)” (Inf. 1); “(...) quem ia *pro mar* era o mestre, o arrais (...)” (Inf. 2). “ia orientando tamém e os próprios mestres das baleeiras também se orientavo uns c’os outros, não havia problemas.” (Inf. 3). **AÇORES:** *Arrais, mestre e oficial*. **Doc. escrita:** “O sétimo homem nos botes açorianos, o oficial ou arrais, conhecido nos Açores por «mestre», só tem espaço para ficar de pé, já que normalmente manobra o grande remo de esparrela (...)” (Clarke, 2001: 34). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 189) averba *arrais* como “Aquelle que commanda um barco. Patrão de lancha (Do ar. *ar-rai*)”. No *TLPGP*, documenta-se *arrais* como termo dos Açores com a aceção de “Mestre da lancha de pesca. BaptistaF 1970: 549” e “Mestre da embarcação. Alves 1993: 197”. Ver **Baleeira**.

**Arriar** - v. - Ato de lançar a baleeira à água. **Nota:** Do Espanhol *arriar*, “fazer descer; pôr no chão; largar pouco a pouco”. Termo da marinha para “amainar” e “abaixar”. Os baleeiros tinham de colocar a baleeira no mar, em posição de iniciar a caçada. **Doc. Oral:** “(...) vai arriar ao mar, que falta um baleeiro.” (Inf. 1); “(...) levantava-se a baleeira, a crena virava assim coisa assim *pa baixo*, *pos* ia arriando, arriando, chegava lá em baixo, punha essa no mar, desengatava, *pra cima* outra vez, engatava noutra porque *aquilho* era três baleeiras, quatro, *pra baixo* e seguíamos.” (Inf. 3); “P’arriar uma baleeira *po mar* era um pedacinho a braço, era um esforço, era um esforço enorme *ca gente* nem sequer se imagina (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Arrear*, com a grafia *e* por *i*. Apesar de *arrear* aparecer em Clarke com o sentido de *arriar*, em Barcelos o significado do termo é diferente. **Doc. escrita:** “Todos os vigias largam um foguete para avisar os baleeiros de que é preciso arrear os botes e agarrar os cabos de reboque das lanchas o mais depressa possível.” (Clarke, 2001: 30). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 79) averba *arrear* com o

significado de “Equipar uma embarcação com toda a palamenta” e *arriar à baleia* (Expr.) com o sentido de “partir para a caça do cachalote” (2008: 81), citando Brandão – “Quando ouviam o *estralar* do foguete, todos deixavam o que estavam fazendo (...)”. No *TLPGP*, documenta-se *arriar* como termo dos Açores, com a aceção de “Fazer descer. BaptistaF 1970: 550” e de “Lançar as embarcações ao mar. Mendonça 1962: 294”. Ver **Baleeira** e **Baleeiro**.

**Artesanato** - n. m. - Arte dos trabalhos feitos à mão, em osso de baleia. **Nota:** Termo derivado de *artesão* com o sufixo *-ato*. A sua origem remonta às longas viagens dos navios baleeiros, onde os baleeiros sentiam necessidade de ocupar as horas mortas passadas a bordo. Era comum a criação de objetos alusivos à atividade. **Doc. Oral:** “Quando era no Porto Moniz, no Porto Moniz, até as vinhas *ero* estacadas com ossos de baleia. Dizem que forem lá roubarem isso tudo *pra* fazer artesanatos, já não há ossos de baleia *pra* fazer nada.” (Inf. 2); “(...) a baleia serviu *pra* isso, *pra* ganhar umas patacas a custa disso, dos ossos, dos dentes e disso, *pra* mim e *pra* mais pessoas aí. (...) nesta profissão de artesanato (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Artesanato*. **Doc. escrita:** “(...) o artesanato sobre dentes de cachalote, ou "marfim", ossos da queixada, barbas de baleia, metal, pau-preto dos mares do sul, cascas de coco, moedas de prata marteladas, casca de tartaruga, madrepérola e, no fim de contas, sobre qualquer material ocasionalmente acessível, durante as viagens de baleação, que pudesse ser trabalhado à navalha ou à lima, ou torneado num tomo simples, para afastar os feitiços do tédio durante os anos de cruzeiro.” (Clarke, 2001: 75). Ver **Dente da baleia** e **Osso de baleia**.

**Atracar** Ver **Amarrar**.

**Autoclave** - n. m. - Recipiente metálico utilizado para a cozedura das diferentes partes do corpo da baleia. **Nota:** Termo do Francês *autoclave*. Apresenta o sinónimo *caldeiro*. Recipiente com tampa, de grandes dimensões, que suportava altas temperaturas. **Doc. Oral:** “Já *nã* era preciso cortar aquela coisa toda, *tinho-se* os autoclaves que levava 10 mil quilhos...” (Inf. 1); “(...) a coisa e vai tudo *pra* baixo *pa* cortar, *pa* dentro do caldeiro, *pa* pôr a cozer (...)” (Inf. 1); “(...) as baleias vinham, eram varadas, eram quartejadas e iam *pa* dentro os caldeiros. Eram derretidos, óleos *pra* um lado, farinhas *pra* outro e assim...” (Inf. 2); “(...) ia cortando uns bocado e aí outro ia acartando *pa* por dentro o caldeiro *pa* derreter.” (Inf. 4); “(...) *pos* ser varados, cortados e carregados *pa* carregar

nos caldeiros.” (Inf. 4); “Era para derreter a gordura, aproximavas-te daquilho era uma madeira tão escorregadia, era um estrado de madeira que fazia aquelas autoclaves, uma varanda à volta e tinha aquelas madeiras escorregadias.” (Inf. 5); “Sim, eu tinha medo era quando me aproximava dos caldeiros, que eles tavo todos a ferver.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Autoclave* e *caldeiro*. Este último ocorre como termo simples e em *bateria de caldeiros*, denominando um conjunto destes. **Doc. escrita:** “A unidade de cocção tem quatro autoclaves para toucinho, ladeadas por duas maiores, para osso, e há quatro tanques de armazenagem de óleo.” (Clarke, 2001: 74); “A fábrica de Porto Pim emprega uma bateria de caldeiros de pressão verticais, semelhantes aos de qualquer outra estação baleeira movida a vapor.” (Clarke, 2001: 73). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 139) documenta *caldeiro* como “Caldeirão de grandes dimensões destinado a ferver o toucinho para a fusão do azeite de baleia”. Ver **Carne (da baleia), Derreter, Fábrica da baleia, Osso de baleia e Toicinho da baleia**.

**Avistamento de baleias** Ver **Deteção de baleias**.

**Azeite (de baleia)** Ver **Óleo (de baleia)**.

## B

**Baía** - n. f. - Reentrância do mar junto à costa, usada para cercar as baleias. **Nota:** Termo da geografia. Local abrigado para onde eram orientadas as baleias, durante a prática da técnica de cerco. **Doc. Oral:** “(...) elas vinham do lado dos Açores *pra cá*, elas vinham bater aqui a esta baía toda, e aí a gente matava.” (Inf. 2); “Uma vez eles cercaro as baleias na baía de Machico e a baía era azul ficou toda vermelha.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Baía*. **Doc. escrita:** “Uma ponte de pedra continua esta rampa e prolonga a vereda que ladeia os flancos do Monte da Guia até à antiga casa dos caldeiros, um pouco mais adiante, na baía.” (Clarke, 2001: 70). Ver **Baleia e Cerco (da baleia)**.

**Balança** - n. f. - Instrumento utilizado para aferir o peso dos produtos a comercializar. **Nota:** Do Espanhol *balanza*, nome genérico. **Doc. Oral:** “(...) *depos* ia-se enchendo, ia-se pesando em cima da balança e já se ia pintando, já se ia marcando os fundos (...)” (Inf. 1). Ver **Fábrica da baleia e Farinha (de baleia)**.

**Balde** - n. m. - Recipiente de forma cilíndrica utilizado para transporte de produtos líquidos e sólidos da baleia. **Nota:** Nome simples e genérico. **Doc. Oral:** “(...) a parte da cabeça, faz lá uma caldeirinha, *ca gente tira-se de balde (...)*” (Inf. 1); “(...) aqueles pedaços de coisa ia *pa dentro duns baldes (...)*” (Inf. 2). **AÇORES:** *Balde*. **Doc. escrita:** “Sempre que a linha corre das selhas, usam-se o balde e o caneco para molhar as respectivas espiras.” (Clarke, 2001: 55). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 94) regista *balde* como “Recipiente (...) destinado a transportar o engodo ou as iscas, a baldear as águas das embarcações (...)”. No *TLPGP*, documenta-se *balde* como termo dos Açores com a aceção de “Recipiente de zinco com o qual se tira a água do barco. Carrancho 1969: 212”. Ver **Baleia** e **Raspa**.

**Balde de água** Ver *Quico*.

**Baleação** Ver **Caça da baleia**.

**Balear** Ver **Caçar**.

**Baleeira** - n. f. - Embarcação usada para o transporte dos homens que capturavam as baleias. **Nota:** Termo derivado de *baleia* com o sufixo *-eira*. Apresenta o sinónimo *canoa*. Possuía características específicas que permitiam atingir grandes velocidades, aquando da perseguição dos animais. **Doc. Oral:** “(...) as baleeiras andavam mais, *cando era a motor, quando era a remos elas iam todas de reboque (...)*” (Inf. 2); “E depois, depois de trancar, essa baleeira ficava com ela (...)” (Inf. 3); “(...) *ei baleeiras também já tenho um aparelhinho...*” (Inf. 4); “(...) eles soltavo as baleeiras e eles iam em cima das baleias.” (Inf. 5); “(...) ele desequilibrou-se e põe o pé na corda, *ca corda tava a andar, e a canoa virou e foro *po* mar, mas felizmente as lanchas *tavam* perto e coisa, tudo, tudo se resolveu.” (Inf. 2). **AÇORES:** *Baleeira açoriana, baleeira, bote baleeiro, canoa dos baleeiros, canoa baleeira, canoa*. **Doc. escrita:** “A única diferença marcante entre a actual baleeira açoriana e a baleeira arreada pelos navios americanos no século dezanove é que a dos Açores comporta sete homens (...)” (Clarke, 2001: 30); “Os botes baleeiros açorianos são sempre denominados canoas dos baleeiros ou, simplesmente, canoas.” (Clarke, 2001: 31). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 247) averba *baleeira* como “Barca para a pesca de baleias”. Barcelos (2008: 95) regista *baleeira* com o sinónimo de *canoa baleeira, bote baleeiro* como “Pequena embarcação de propulsão mista – a remos*

e à vela” (2008: 120) e *canoa baleeira* como sinónimo de *bote baleeiro* (2008: 150). Ver **Baleia, Baleeiro e Frota baleeira**.

**Baleeiro** - n. m. - Aquele que trabalha na atividade baleeira. **Nota:** Termo derivado do nome *baleia* com o sufixo *-eiro*. Eram os que iam para o mar, independentemente da tarefa que desempenhavam. As suas funções não se esgotavam com a captura da baleia, pois continuavam em terra com o desmanche do animal. **Doc. Oral:** “(...) eu não era baleeiro, eu *tava* pelo pessoal de terra (...)” (Inf. 1); “*Cos baleeiros trabalhavam em todos os lados.*” (Inf. 2); “(...) quem cortava a baleia, quem cortava o *tocinho*, quem acartava para deitar, eramos nós, na plataforma, eramos nós os baleeiros.” (Inf. 3); “(...) e tinha os baleeiros qu’era que *io* os caçadores.” (Inf. 5). **AÇORES: Baleeiro. Doc. escrita:** “Mas a regra dominante nos Açores, aparentemente desde o virar do século, é o barco comprido, de sete homens: um mestre, à cana do leme ou ao remo de popa, e seis baleeiros, a remar ou a pagaiar.” (Clarke, 2001: 31). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 247) documenta *baleeiro* como “Pescador de baleias”. Barcelos (2008: 95) averba *baleeiro* como “Aquele que ia à caça da baleia na época de Verão. No restante tempo e quando não havia sinal de «baleia à vista» cada um tinha o seu trabalho na agricultura e na pesca.”. No *TLPGP*, regista-se *baleiros* dos Açores como “Designação dada rigorosamente aos emigrantes regressados da América do Norte, mas que se aplica, por extensão, às pessoas que regressam à Ilha depois duma ausência prolongada, em qualquer outra parte. Mendonça 1962: 301”. Este registo demonstra bem a importância linguística e sociocultural da baleação nos Açores. Ver **Baleia e Baleeira**.

**Baleeiro de terra** Ver **Homens de terra**.

**Baleeiro do mar** - n. m. - Aquele que integrava a tripulação das baleeiras. **Nota:** Termo composto pelo nome *baleeiro* com o complemento determinativo ou de especificação *do mar* (N+P+N). Detinham um grande conhecimento sobre o mar e sobre as espécies alvo da caça. **Doc. Oral:** “(...) baleeiros de terra e do mar (...)” (Inf. 1); “(...) qu’ele vai arriar ao mar, que falta um baleeiro (...)” (Inf. 1); “(...) a canoa virou e foro *po* mar, mas felizmente as lanchas *tavem* perto (...)” (Inf. 2); “(...) tinham muito conhecimento dos animais no mar (...)” (Inf. 2); “(...) daqui *pra* lá fica no mar, a baleia e ficava c’o rabo aqui no ar (...)” (Inf. 3). Ver **Arpoador, Baleeira e Remador**.

**Baleia** - n. f. - Cetáceo de grande porte. **Nota:** Termo simples da zoologia. As baleias são mamíferos marinhos divididos em duas subordens: odontocetos ou baleias de dentes e mysticetos ou baleias de barbas. No contexto da baleação madeirense, este termo era atribuído ao cachalote. **Doc. Oral:** “Era o cachalote, era a baleia (...)” (Inf. 1); “Mas eu adorava aquilha, gostava de ver era a baleia (...)” (Inf. 2); “Não, é uma baleia só, é uma baleia grande” (Inf. 3); “(...) a baleia saiu, a baleia tá assim (...)” (Inf. 4); “A baleia era fácil de identificar, mesmo com vento (...)” (Inf. 5). **Doc. lexicográfica:** Macedo (1939: 36) documenta *baleias* como “barbas de baleias usadas nas cintas das senhoras”, referindo “tomou-se a parte pelo todo”. Sousa (1950: 26) averba *baleia* apenas como “Lâminas da boca de baleia; barbas.”. Pestana (1970: 37) regista *baleia* como “cachalote” e *baleias* como “barbas de baleia”. Caldeira (1993: 14) averba *baleia* apenas como “laminas ou boca de baleia para uso de cintas ou outra costura” e *barbela* como “pulseira de baleia, metal ou plástico”. Barcelos (2016: 88) define *baleia* como “cachalote-comum, cientificamente denominado *Physeter macrocephalus*” e “nome que se dava a cada uma das placas flexíveis da boca da baleia-de-barbas (*Subordem Mysticeti*), utilizadas para o fabrico de cintas, ou na costura.”. **AÇORES:** *Baleia* e *baleia-espermacete*. **Doc. escrita:** “Com boa visibilidade e vento fraco, a altura mais provável para avistar uma baleia é o período de luz ténue entre a alvorada e o nascer do sol (...)” (Clarke, 2001: 29). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 247) averba *baleia* como “Corpulento mamífero da ordem dos cetáceos (Lat. *balaena*)”. Documenta *baleote* com a aceção de “Baleia pequena. O filho da baleia” e *barba* como “Lâminas córneas e flexíveis, extrahidas da bôca da baleia. Raiz, formada por fascículos de fibras delgadas” (Figueiredo, 1913: 254). Define *cetáceo* como “grandes mamíferos que têm fôrma de peixe. Ordem de mamíferos marítimos, a que pertence a baleia, o golfinho, etc. (Do gr. *ketos*, grande peixe do mar)”. Barcelos (2008: 95) regista *baleia* como “Designação açoriana do cachalote-comum (...)”; *baleia-espermacete* como “Designação antiga do cachalote, certamente para distinguir das baleias de barbas que, embora passassem pelos mares locais, não eram caçadas.” (2008: 95). No *TLPGP*, documenta-se *baleia* dos Açores como “Cachalote. Mendonça 1962: 266”. Ver **Baleeira, Baleeiro e Caça da Baleia**.

**Baleia de barbas** - n. f. - Espécie de baleia pertencente à subordem dos Mysticetos. **Nota:** Termo da zoologia, composto pelo nome *baleia* com o complemento determinativo *de barbas* (N+P+N). Foi feita uma tentativa de caça desta espécie na Madeira, mas sem

sucesso. **Doc. digital:** “(...) a EBAM alargou, experimentalmente, a caça às grandes baleias de barbas.” (Freitas, 2016). Ver *Ampebeque*, *Finebeque* e *Ratuele*.

**Baleias à vista** - Expr. - Expressão utilizada pelos vigias, quando eram detetadas baleias no mar. **Nota:** Expressão tradicional que marcava o início da caçada. **Doc. Oral:** “Porque se eu dava-lhe uma orde que tinha baleias lá, a gente chamava baleias à vista (...)” (Inf. 2); “Pa dar sinal de baleias, havia baleia à vista, era logo um foguete po ar (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** “*Baleia, baleia!*” e *baleia à vista*. **Doc. escrita:** “(...) atiram um foguete e, em poucos minutos, por entre gritos de “Baleia, baleia!”, lá estão os baleeiros a correr pela rampa abaixo, ou a tirar os botes dos abrigos.” (Clarke, 2001: 51). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 95) regista *baleia à vista* (loc. Interj.) como “Exclamação proferida quando se avista uma baleia (...)”. Ver **Baleia**, **Caça da baleia** e **Vigia (da baleia)**.

**Banco** - n. m. - Assento alto dos vigias. **Nota:** Termo simples e genérico. Assento feito para os vigias de forma que, quando sentados, a cabeça ficasse à altura do suporte concebido para estabilizar os binóculos, posicionando-os sobre o equipamento que lhes fornecia o ângulo da posição das baleias. **Doc. Oral:** “(...) binóculos *tava* sempre num, num, num banco. A gente tinha na vigia uma coisa própria de sentar e em toda a volta tinha um vidro que marcava os graus.” (Inf. 2). Ver **Vigia**, **Binóculos** e **Marcador de Graus**.

**Bandeira branca** Ver **Lençol**.

**Bandeira vermelha** - n. f. - Tecido vermelho usado para sinalizar os corpos mortos das baleias no mar. **Nota:** Termo composto pelo nome *bandeira* com o adjetivo *vermelha*. Esta era colocada na extremidade de um cabo de madeira, cuja extremidade oposta tinha uma ponta afiada que era cravada no olho do animal, depois de morto. Tinha a função de marcar os corpos dos animais, para que fossem facilmente encontrados pelo rebocador, enquanto os baleeiros rumavam a nova caçada. **Doc. Oral:** “Depois esta *tava* morta o a baleeira tinha, tem umas bandeiras, umas bandeiras aí com uns dois metros c’um pau, uma bandeira vermelha e a ponta afiada assim, coisa. Quando eles largam aquela bande, a baleia, eles pegam naquela bandeira e enfiam na vista da baleia (...)” (Inf. 3); “Quando aquelas *tavam* mortas, ponham uma bandeira, um pau assim c’uma bandeira nela e ela

ficava lá em cima da água e eles iam em cima das outras, continuavam a matar, iam ficando pr'ali todas c'o sinal. E *pois* disso, quando acabar a pesca, a c'os barcos, o Persistência, o Passos de Gouveia, amarravam elas pa trazer pa fábrica.” (Inf. 2); “(...) com ondulação, tu não conseguias ver a baleia, assim tinha a bandeira, eles *io* direito à bandeira, qu'era po navio, o Persistência ir lá (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Bandeirola*. Apesar do termo *bandeira vermelha* ser o mesmo da Madeira, nos Açores tem um sentido diferente (cf. Doc. lexicográfica abaixo). **Doc. escrita:** “É prática comum o uso de uma destas bandeiras para assinalar, ou marcar, uma baleia morta. (...) No entanto, em geral, o cachalote flutua, se bem que pouco: apenas o flanco rugoso aparece à tona de água e, à distância, só é visível graças à barbatana lateral, estirada para o ar. Necessita, pois, de ser marcado, para ser recuperado no fim do dia de caça, já que os botes e as lanchas continuam a caçar depois da primeira captura (...)” (Clarke, 2001: 47). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 97) regista *bandeira vermelha* como “Bandeira antigamente usada no *bote baleeiro* como sinal de perigo e pedido de socorro urgente”. Ver **Carcaça (da baleia)** e **Rebocador**.

**Barco** - n. m. - meio de transporte marítimo usado na caçada. **Nota:** Nome simples e genérico para qualquer tipo de embarcação, com o sinónimo *embarcação*, referente a qualquer um dos vários tipos de barcos existentes na frota baleeira: *baleeira*, *lança* e *rebocador*. **Doc. Oral:** “Pa sair mais rápido e *adepos a* que saíam os barcos daqui.” (Inf. 2); “(...) é um barco com muita força, muita força.” (Inf. 3); “Qualquer uma baleeira e qualquer um barco d'ui grandes tinha o seu nome.” (Inf. 4); “(...) o barco vinha perto de terra por aí fora (...)” (Inf. 5); “Comunicava pa embarcações (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Barco*. **Doc. escrita:** “Todos os baleeiros concordam que o cachalote é muito sensível ao ruído, e diz-se que o barco liso faz menos barulho, ao deslocar-se na água (...)” (Clarke, 2001: 32). Ver **Baleeira**, **Lança** e **Rebocador**.

**Bateria** - n. f. - Dispositivo destinado a alimentar os rádios, usados pelos vigias. **Nota:** Do Francês *batterie*. Termo simples e genérico que, no contexto da baleação, designa o acumulador de energia destinado a alimentar os aparelhos de rádio carregados através de um motor. **Doc. Oral:** “Esses rádios a gente tinha um motor pa carregá-los com bateria.” (Inf. 2). Ver **Aparelho** e **Rádio da tropa**.

**Bica** - n. f. - Pequena cavidade por onde corria o sangue da baleia em direção ao recipiente em que era cozido. **Nota:** Termo genérico e simples, alteração de *bico*, com o sinónimo *levada*. **Doc. Oral:** “(...) o próprio sangue no mesmo dia é aproveitado pr’uma bica, p’uma levada, a correr ali e coisa. Vai correndo, vai correndo o sangue, cande tá cheio, fechou, ligou, liga o vapor. Daí a 2 horas de tempo, tá cozido.” (Inf. 1). **AÇORES:** *Rego*. **Doc. escrita:** “O sangue é escoado da plataforma por meio de um sistema de regos que desaguam em fossas abertas na rampa.” (Clarke, 2001: 70). Ver **Fábrica da baleia e Sangue (da baleia)**.

**Bidão** - n. m. - Recipiente usado para armazenar e transportar o óleo. **Nota:** Do Francês *bidon*. Termo simples e genérico de um recipiente de grandes dimensões, de forma cilíndrica, utilizado na atividade baleeira. Sinónimo de *tambor*. **Doc. Oral:** “(...) passar novamente uma vasilha d’óleo, passar *pos* bidões todos, olear os bidões todos, *pa* se começar a encher.” (Inf. 1); “Umás 18, mas *ero* maiores, baleias de 10, 11, 12 metros, foi uma grande pescaria, deu 500 e tal tambores d’óleo num dia (...)” (Inf. 1); “Aquilho era uns bidões, *tá* lá em baixo *tá* lá um e a gente ganhava à *percentage* por isso...” (Inf. 2); “(...) aqueles animais todos e o óleo tantos bidões de óleo (...)” (Inf. 3); “(...) a gente *terava-se* 120 *pa* 130 tambores de óleo (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Bidão*. **Doc. escrita:** “O óleo, tanto do toucinho como dos ossos, fica algum tempo a repousar e separa-se depois por acção da gravidade, sendo finalmente armazenado em tanques e bidões.” (Clarke, 2001: 73). Ver **Baleia e Óleo (de baleia)**.

**Binóculo** - n. m. – Instrumento de observação à distância, usado para detetar a existência de baleias no mar. **Nota:** Do Francês *binocle*. Termo genérico que, no contexto da baleação madeirense, designa o principal instrumento de trabalho dos vigias. **Doc. Oral:** “Eles *tem* um óculo, eles *tem* binóculos.” (Inf. 1); “A gente usava os binóculos, a gente via até umas 18, 20 milhas.” (Inf. 2); “(...) *ero* uns binóculos de alto alcance e via-se ehhe os barcos (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Binóculos*. **Doc. escrita:** “Os binóculos utilizados são de longo alcance, alguns com aumento até trinta diâmetros.” (Clarke, 2001: 29). Ver **Baleia, Banco e Vigia (da baleia)**.

**Boca-de-panela** - n. f. - Nome popular dado à baleia-piloto-tropical. **Nota:** Termo composto pelo nome *boca* com o complemento de especificação *de panela* (N+P+N). Espécie de cetáceo, *Globicephala macrorhynchus*, avistado frequentemente nas águas em

redor do Arquipélago da Madeira, mas que não havia interesse em caçar, pelas suas características que não o tornavam rentável. **Doc. Oral:** “(...) agora, por exemplo, havia as bocas-de-panela, que se chamava golfinhos (...)” (Inf. 2). **Doc. lexicográfica:** Sousa (1950: 34) documenta *boca de panela* como “Grande animal marinho de espécie ainda não identificada com segurança. Supõe-se, no entanto, que seja não um peixe mas um cetáceo”. Nunes (1965: 141) regista *boca-de-panela* como espécie de cetáceo. Pestana (1970: 43) averba *bôca de panela* como “animal marinho ainda não identificado com precisão”. Caldeira (1993: 20) regista *boca de panela* como “animal marinho voraz, cetáceo *orca glatiator* que abunda no oceano Atlântico”. Barcelos (2016: 106) averba *boca-de-panela* como “nome vulgar da *Globicephala melas*, também conhecida noutras regiões pelo nome de baleia-piloto-de-barbatanas-compridas. É uma baleia detestada pelos pescadores madeirenses porque afugenta o atum, peixe de que se alimenta sofregamente. É-lhe dado o mesmo nome nos Açores”. **AÇORES:** Do Inglês *Blackfish*, *Blequefiche* e *peixe-boi*. Clarke e Barcelos parecem falar da mesma espécie, havendo alguma confusão com os nomes científicos. **Doc. escrita:** “Tabela 3. Glossário dos termos baleeiros correntemente usados nos Açores e derivados dos correspondentes termos americanos – *Blackfish* (*Globicephala macrorhynchus*) - *Blequefiche*, *Peixe-Boi*” (Clarke, 2001: 13). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 113) regista *boca-de-panela* como “Nome vulgar da *Globicephala Melas*, também conhecida pelo nome de Baleia-piloto-de-barbatanas-compridas”; *Blèquefiche* como “cetáceo migrador que passa no mar dos Açores, aproximando-se da costa e entrando em pequenas baías de águas pouco profundas para parir as crias (do am. *Blackfish*)” (2008: 112).

**Boiar** - v. - Permanecer à tona da água sem afundar, característica dos cachalotes. **Nota:** Termo simples e genérico. Característica que facilitava a recuperação do corpo do cetáceo, depois de morto. **Doc. Oral:** “Ficou tudo a boiar em cima do mar.” (Inf. 1); “(...) ela fez o impulso dela, pegou na baleeira e lá ficámos ali a boiar em cima dela.” (Inf. 4). **AÇORES:** *Boiar*. **Doc. lexicográfica:** No *TLPGP*, averba-se *boiar* “com a variante *aboiar*. BaptistaF 1970: 562”. Ver **Baleeira** e **Baleia**.

**Bola de borracha** Ver **Âmbar (cinzento)**.

**Bombordo** - n. m. - Lado esquerdo da embarcação, na perspetiva da popa para a proa. **Nota:** Do Francês *bâbord*. Termo da náutica. **Doc. Oral:** “(...) pa bombordo e pa

estibordo e era assim, quando a comunicação falhava (...)” (Inf. 3). **AÇORES: Bombordo. Doc. escrita:** “A remar, o trancador senta-se sempre a bombordo e manobra um remo de estibordo, enquanto o remador da proa se senta a estibordo e manobra um remo de bombordo, e assim por diante.” (Clarke, 2001: 37). Ver **Baleeira, Barco, Lancha e Rebocador**.

**Borda do barco** - n. f. - Extremidade em redor da embarcação baleeira. **Nota:** Do Francês *bord*. Termo composto pelo nome *borda* com o complemento determinativo *do barco* (N+P+N). **Doc. Oral:** “Só *depos antão*, *cando* ela chega à borda, tem a lança, *pa* dar umas lançadas...” (Inf. 1); “(...) só vinha preso no rabo, na borda do barco.” (Inf. 2); “E nós *pa* rebocarmos elas, a borda do coisa, do Persistência (...)” (Inf. 3); “(...) passavam uma corrente à volta da cauda da baleia e metiam na borda e rebocavam *pa* fábrica. (...)” (Inf. 5). **AÇORES: Borda. Doc. escrita:** “(...) os homens atiram-se à água, por cima da borda, no mesmo instante em que a cauda da baleia se abate sobre a borda oposta. Em seguida, se o bote partido puder ser endireitado, ou se estiver simplesmente inundado, os remos são recuperados e amarrados à borda, ajudando a aguentar o bote alagado e impedindo-o de soçobrar.” (Clarke, 2001: 58). Ver **Baleeira, Barco, Lancha e Rebocador**.

**Bordo** - n. m. - Relativo ao espaço interno da embarcação. **Nota:** Do Francês *bord*. Termo simples da náutica. **Doc. Oral:** “Ele tava ali dias e dias, mas às vezes três, quatro dias a bombar óleo *pra* bordo qu’era *pa* transportar *pra* fora da Madeira.” (Inf. 5). **AÇORES: Bordo. Doc. escrita:** “A vela não está, em geral, envergada, mas vai sempre a bordo para o caso de o motor falhar.” (Clarke, 2001:50). Ver **Baleeira, Barco, Lancha e Rebocador**.

**Brucho** - n. m. - Designação de movimento executado pelos grandes cetáceos. **Nota:** Corruptela fonética do termo inglês *breaching*, introduzido na Madeira pelos baleeiros açorianos, que denomina a elevação total ou parcial do corpo dos cetáceos acima da linha de água. **Doc. Oral:** “Chumava-se um brucho (...)” (Inf. 4). **AÇORES: Brichingue.** Nos Açores, apresenta a forma *brichingue*, mais próxima do empréstimo americano. **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 123) regista *brichingue* como “Acto de saltar na vertical de qualquer animal marinho.”. Ver **Baleia**.

## C

**Cabeça do cachalote** - n. f. - Parte anterior do corpo da baleia. **Nota:** Termo composto pelo nome *cabeça* com o complemento de especificação *do cachalote* (N+P+N). A cabeça era a primeira parte do corpo a ser cortada, para não danificar os produtos que dali se extraíam e a última a ser desmanchada, por manter o bom estado de conservação por mais tempo. **Doc. Oral:** “Aquilhe nã sai óleo nenhum da cabeça cru pa lado nenhum, aquilhe é tudo cozido.” (Inf. 1); “E esta coisa das cabeças, nunca é cortado no mesmo dia, fica sempre dum dia *pro* outro. Qu’a gente aproveita-se primeiro os corpos, que se estraga mais. Nos outros dias é só a parte da cabeça, a parte do óleo que é tirado (...)” (Inf. 1); “(...) esta baleia já vai umas doze milhas fora e ela vai com a cabeça *pro* lado *pos* Açores.” (Inf. 2); “(...) *na* se tinha medo da cabeça (...)” (Inf. 4); “(...) eles desmontavam aquilho tudo e, depois, ficavam as cabeças dos cachalotes (...)”; “(...) a cabeça tinha mais: tinha o crânio, tinha a maxilar, tinha aquelas partes de, a parte que tinha mais ossos (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Cabeça*. **Doc. escrita:** “No final, a cabeça é arrastada para uma das extremidades da plataforma, onde os baleeiros a esperam para proceder ao seu desmancho e à extracção do espermacete.” (Clarke, 2001: 70). Ver **Cachalote, Esquartejar e Óleo da cabeça**.

**Cabeço** - n. m. - Coluna em madeira, com o cume arredondado, que servia para amarrar a embarcação. **Nota:** Termo da náutica, geralmente uma coluna metálica com o topo arredondado, onde são enrolados os cabos. No contexto baleeiro, existia um *cabeço*, situado à popa da baleeira, onde a linha do arpão dava a volta para controlar a velocidade da baleia, folgar no início e depois reprimir, cansando-a até à exaustão. **Doc. Oral:** “(...) o mestre à popa tem um cabeço assim deste estilo, mas assim maior. Ele passa o selho da corda passa o cabeço e ele, então, vai dando pouco a pouco até ela parar.” (Inf. 3); “(...) desembraiava o motor e eu mudava o cabo deste cabeço mudava *pra* este (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Logaiéte* do Inglês *logger head*, com as variantes *lingalhête*, *Lògaéte*, *lògaête*, *lògaiéte* e o sinónimo *cepo*. **Doc. escrita:** “Com cerca de vinte centímetros de altura e em forma de chapéu alto, este cepo (como era conhecido na antiga baleação inglesa na Gronelândia) é o logaiéte, em torno do qual passa a linha de baleia (...)” (Clarke, 2001: 35). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 169) regista *cepo* como “Pedaço cilíndrico de madeira rija, encastrado no leito da popa dos *botes baleeiros*, por onde corre a *linha do arpão*, depois de trancada a baleia. Também lhe davam o nome de *logaiéte*”; *Lògaéte*,

“Cepo cilíndrico de madeira rija, encastrado no leito da popa do *bote baleeiro*, que servia para passar a linha do arpão no sentido de travá-la, para obrigar a baleia capturada a vir respirar à superfície e poder-se atacá-la com a *lança* (do am. *logger head*)”, apresentando as variantes *lingalhête*, *lògaête*, *lògaiête* (2008: 334). Ver **Arpão (da baleia)**, **Baleeira** e **Linha (da baleia)**.

**Cabrestante** - n. m. - Mecanismo utilizado para movimentar os cachalotes para o local de esarteamento. **Nota:** Termo da náutica que denomina a máquina de manobrar ou levantar a âncora e outros pesos. Foi usado, no contexto da baleação, nos primeiros anos de atividade, no *traiol*, sendo composto por um objeto cilíndrico vertical, acionado por uma força externa. **Doc. escrita:** “(...) cabrestante inicial, vindo dos Açores, panela de origem americana (1820) que serviu para derreter banha (...)” (D.N., 1984); “No *traiol* da Ribeira da Janela, o reboque era executado com recurso a um cabrestante, que multiplicava a força dos homens numa roldana em ferro, fixa a uma pedra.” (Carvalho, 2008). **AÇORES:** *Cabrestante*. **Doc. escrita:** “Amarra-se-lhe ao focinho um tirador grosso e leva-se a ponta até um cabrestante horizontal, solidamente assente em pedra e cimento, que é posto a rodar com a ajuda das repectivas barras.” (Clarke, 2001: 61). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 325) regista *cabrestante* como “Espécie de sarilho, em que se enrolam cabos, para erguer as âncoras e outros pesos”, usado nos Açores para varar as baleias. Ver **Baleia**, **Traiol** e **Varar**.

**Caça da baleia** - n. f. - Atividade que consistia na deteção, perseguição e captura de baleias, para extração e transformação de produtos com fins comerciais. **Nota:** Termo composto pelo nome *caça* com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). Documentou-se a variante *caça à baleia* e os sinónimos *baleação* e *pesca da baleia*. Introduzida na Madeira em 1941, a *caça da baleia* teve início na Ribeira da Janela. Depois de uma curta passagem pelo Garajau, foi no Caniçal que se instalou a fábrica que laborou até ao final da atividade, em 1981, processando-se sempre de forma costeira e artesanal. Antes da baleação, os homens do Caniçal já se encontravam familiarizados com as artes do mar, pela sua experiência em outros tipos de pesca. **Doc. Oral:** “(...) e adepos entrei pa caça da baleia, em 56.”; “(...) antes do Caniçal, primeiro *teve* na Ribeira da Janela, aquiho lá *caçavo* baleia, mas era ... *cuma* se diz?...heee, senhores de... do coisa...de...das ilhas ... dos Açores. E *adepos* começaro *co* gente do Caniçal, do Caniçal, da Madera. E... mai lá, só *teravo* o óleo da cabeça, o toicinho e o resto ia *pa aua*. Adepos

foi *po* Garajau, foi transferido *po* Garajau, e do Garajau tamém lá era só tamém o *olo* da cabeça, o toicinho e o resto ia *pa aua*.” (Inf. 4); “Na caça à baleia trabalhei, mun, muntos meses, lá [Garajau].”; “Ah isto, a pesca da baleia aqui no Caniçal fez munto bem.” (Inf. 1); “(...) nunca embarquei em barco nenhum *pra* ir à caça à baleia.”; “Era a pesca do atum e a pesca da baleia o que havia nesta terra, não havia outra coisa (...)” (Inf. 5); “E *pois* disso, quando acabar a pesca, a c’os barcos, o Pertistência, o Passos de Gouveia, amarravam elas *pa* trazer *pa* fábrica.” (Inf. 2). **Doc. escrita:** “Os homens estavam bem cientes dos perigos a que se submetiam, pois, apesar de não terem havido baixas mortais em quarenta anos de baleação na Madeira, eram muito frequentes os relatos de acidentes mortais ocorridos no arquipélago açoriano.” (Carvalho, 2008: 86). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2016: 88) define *baleação* (de *baleia* + *-ção*) como “designação genérica dada à caça do cachalote, incluindo as tecnologias, as tradições e as formas sociais de organização dos baleeiros”. **AÇORES:** *Caça à baleia, pesca da baleia, baleação*. **Doc. escrita:** “Forçados pela sua íngreme montanha a lutar pela sobrevivência nas encostas baixas e na faixa costeira, os robustos picarotos de há muito se habituaram à simplicidade e à audácia, qualidades estas que os ajudaram a granjear uma reputação especial entre os açorianos, a de serem infatigáveis no esforço e resolutamente ousados na caça à baleia. É por eles, sobretudo, que a tradição baleeira dos Açores está assegurada.” (Clarke, 2001:17); “(...) os botes açorianos têm pintado à proa um identificador composto de letras e dígitos, seguido do sufixo "PB", para Pesca da Baleia, ou simplesmente "B", para Baleia.” (Clarke, 2001: 33) “O início da baleação costeira em São Miguel teve provavelmente lugar durante a década de 1870, na altura em que Ponta Delgada competiu temporariamente com a Horta como entreposto do comércio americano de óleo de baleia e de aprovisionamento” (Clarke, 2001: 19). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 247) averba *baleação* como termo antigo com as aceções de “pesca de baleias” e “azeite que se extrai das baleias”. Regista *balenação* igualmente como forma antiga para “Pesca de baleias (Do lat. *balaena*)”. Documenta também o termo *baleal* como “Ponto marítimo, em que abundam baleias. Lugar costeiro, de que se aproximam muitas baleias ou em que vivem ou viveram pescadores de baleias”. Barcelos (2008: 428) regista *pesca da baleia* como “Expressão muitas vezes ouvida em lugar da expressão correcta: Caça da Baleia”; *Baleação* como “Nome genérico dado à caça da *baleia*, incluindo as tecnologias, as tradições e as formas sociais de organização dos baleeiros (de (*baleia*) + *-ção*)” (2008: 94). Ver **Baleia, Abate (da baleia), Detecção de baleias, Perseguição (da baleia)**.

**Caçar** - v. - Ato de perseguir e capturar as baleias. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *baleiar*. **Doc. Oral:** “(...) a gente ia lá, pa caçar, cande aparecia cardumes, ai vezes matava-se 5, 6 (...)”; “(...) caçámos muntas, munta, munta baleia (...)”; “(...) na tenho ideia cantas eu caçei.” (Inf. 4); “(...) quando eram baleias que não eram cachalotes, eles nem sequer davam fogo nem chamavam, *ca* baleia é difícil de caçar.” (Inf. 5); “Mas foi que houve uma orde por todo o Mundo pa gente parar de baleiar e parou e a gente amarramos.” (Inf. 1). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2016: 88) documenta *baleiar* como “andar na caça da baleia (de *baleia* + *-ar*)” e informa que “De uma forma restrita, também se chamava *baleiar* ao ato de perseguir e matar a baleia, o que era feito dentro dos botes baleeiros”. Acrescenta que “Com o mesmo sentido era usado nos Açores”. **AÇORES:** *Baleiar* e *caçar*. **Doc. escrita:** “Sempre que um bote se encontra a baleiar a remos, a linha da baleia estende-se ao longo da embarcação (...)” (Clarke, 2001: 38); “(...) não é invulgar ser a própria lancha a passar a corrente de reboque, particularmente quando as baleias são muitas e é preferível que o bote recomece a caçar.” (Clarke, 2001: 51). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 94) documenta *baleiar* como “Andar na caça da *baleia* (de *baleia* + *-ar*)”. No *TLPGP*, averba-se *baleiar* como termo dos Açores, com a aceção de “Andar na pesca da baleia. BaptistaF 1970: 556”. Ver **Baleia**, **Arpão (da baleia)** e **Lança (da baleia)**.

**Cachalote** - n. m. - Baleia de dentes de grande dimensão e de cor cinzenta. **Nota:** Termo da zoologia que designa o cetáceo dentado de comprimento até 20 metros, encontrado em mares temperados e tropicais, com o nome científico *Physeter macrocephalus*. De comportamento acessível e com a possibilidade de extração de grande variedade de produtos, principalmente elevada quantidade de gordura, era a espécie mais abundante nos mares em redor às ilhas atlânticas e a espécie alvo da caça na Madeira. **Doc. Oral:** “Era o cachalote (...)”; “Agora vou dizer uma coisa, é um peixe especial, o o o cachalote (...) (Inf. 1); “O cachalote eu conhecia *pro* corpo dele, era diferente de todos, é diferente de todos.”; “(...) a gente só caçava o cachalote (...)” (Inf. 2); “Mas cachalotes de 17, 18 metros, tamém de 9 metros, 8 metros tamém coisa (...)” (Inf. 3); “O que se apanhava más era cachalotes.” (Inf. 4); “(...) o cachalote como era mais fácil de apanhar (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Cachalote*. **Doc. escrita:** “Ora, um cachalote nunca mergulha por menos de cinco minutos e, se estiver em forma, pode andar lá por baixo durante vinte minutos, meia hora, ou mesmo por períodos mais longos (...)” (Clarke, 2001: 52). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 328) averba *cachalote* como “Cetáceo, semelhante à baleia, mas com

dentes (Fr. *cacholot*)”. Barcelos (2008: 94) regista *baleia-espermacete* como “Designação antiga do *Cachalote*” e *Cachalote* como “Alcunha do habitante do Pico, pelos muitos cachalotes apanhados” (2008: 132); *espalmacete* é “O m.q. cachalote (corrupt. de *espermacete*)” (2008: 249). Ver **Baleia e Caça da Baleia**.

**Caldeira (da baleia)** - n. f. - Concavidade existente na cabeça dos cachalotes, onde se encontra o óleo ou espermacete. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *caldeira* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). Resulta de um processo cognitivo de transferência metafórica, ou seja, por comparação com outra realidade de forma semelhante e já conhecida, neste caso por se parecer com um recipiente concavo ou *caldeira*. Termo documentado com a forma diminutiva *caldeirinha*. **Doc. Oral:** “(...) a parte da cabeça faz lá uma caldeirinha, qu’a gente tira-se de balde (...)” (Inf. 1). **AÇORES:** *Caise e queize*, do Inglês *case*. **Doc. escrita:** “Ao ser esfolado, o toucinho da cabeça deixa entrever as paredes do órgão do espermacete, responsável pela maior parte do enorme volume da mesma. Situado fora do crânio e por cima da sua parte rostral, o órgão do espermacete apoia-se inferiormente na maxila e é limitado posteriormente pelas cristas maxilares. Dentro das suas paredes fibrosas e robustas, podemos distinguir duas partes: a parte superior é um reservatório ou cisterna, designada nos Açores por queize, atravessada de forma irregular por finas membranas e cheia de espermacete líquido.” (Clarke, 2001: 61). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 136) regista *caise* como “Cavidade da cabeça da baleia que guarda o espermacete (do am. *case*)”. Ver **Cabeça do cachalote, Cachalote e Óleo da cabeça**.

**Caldeiro** Ver **Autoclave**.

**Calhau** - n. m. - Praia de pedras onde se fazia o aproveitamento das baleias caçadas. **Nota:** Termo simples. Local onde foram montadas as primeiras instalações rudimentares de transformação da baleia na Madeira. **Doc. digital:** “Esses animais foram inicialmente desmanchados no calhau das Pedras Vermelhas na Ribeira da Janela, costa norte da Madeira”; “Assim, a partir de 1942 a maioria das baleias passaram a ser desmanchadas no calhau do Garajau” (Freitas, 2016). **Doc. lexicográfica:** Macedo (1939: 46) documenta *calhau* como “praia pedregosa”, referindo que “todas as praias da Madeira são pedregosas, isto é, são formadas de calhaus e não de areia”. Nunes (1965: 138) averba *calhau* como “praia de calhaus”. Figueiredo (2011: 111) define *calhau* como “praia

pedregosa, com pouca ou nenhuma areia”. **AÇORES:** *Calhau*. **Doc. escrita:** “Quando uma baleia é encalhada para desmanchar, iça-se pelo calhau acima até tão longe quanto a maré cheia o permitir.” (Clarke, 2001: 61). Ver **Baleia, Caça da baleia e Traiol**.

**Canhão** - n. m. - Arma de arremesso que lança explosivos, utilizada para disparar à distância em direção aos cardumes. **Nota:** Termo do armamento ou peça de artilharia. Foi adaptado à atividade baleeira, numa tentativa de caçar baleias de barba, à semelhança do que era feito em outros países, mas sem sucesso. **Doc. Oral:** “E esse o *finebeque*, tinha de ser mesmo de canhão porque ele não aguenta, não tava em cima de aua cuma um, o cachalote vinha pra cima da aua e ficava ali parecia uma bananeira (...)” (Inf. 2); “(...) meu compadre o Reis conta que eles usaro um canhão no Persistência que era pra caçar essas baleias, mas não resultou.” (Inf. 5). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2016: 336) documenta *pesca de canhão* como “caça de canhão, nome que se dava à caça do cachalote feita com o emprego de um arpão acionado por explosão” e indica que “Os Americanos da Costa Leste chamavam-lhe «bomb-lance», nome que, por aportuguesamento, os açorianos pronunciavam «bombelança».”. Acrescenta que “Nos Açores, este tipo de caça caiu em desuso na década de 20 do século XX, passando-se à caça tradicional feita com arpão lançado manualmente”. **AÇORES:** *Bomblanço* e *Bombelança*, formas aportuguesadas do Inglês *Bomb-lance*. Termo que ocorre com o mesmo significado de *canhão* na Madeira. **Doc. escrita:** “Os baleeiros açorianos de hoje em dia já não usam nenhum dos bomblanços que proporcionavam uma morte mais rápida e mais segura ao animal (...)” (Clarke, 2001: 57). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 117) regista *bombelança* como “Espécie de canhão para trancar as baleias, instrumento que caiu em desuso na década de vinte do séc. passado (do am. *Bomb-lance*)”. Ver **Ampebeque, Finebeque, Navio de canhão e Ratuele**.

**Canoa** Ver **Baleeira**.

**Carcaça (da baleia)** - n. f. - Corpo do animal, depois de morto. **Nota:** Do Francês *carcasse*. Termo simples ou composto pelo nome *carcaça* com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). **Doc. Oral:** “(...) tinha muntas baleias *pro* despachar aquela, aquela carcaça primeiro.” (Inf. 1). **AÇORES:** *Carcaça*. **Doc. escrita:** “Ao contrário da maioria das estações de traióis, estas quatro estações modernas ficam afastadas das vilas ou aldeias, da mesma forma que todas as estações baleeiras que

processam a carcaça completa, por esse Mundo fora, estão isoladas por razões de higiene.” (Clarke, 2001: 69). Ver **Baleia e Esquartejar**.

**Cardume de baleias** - n. m. - Um grupo de baleias. **Nota:** Nome coletivo atribuído a um grande número de peixes da mesma espécie que nadam juntos, com o complemento de especificação *de baleias* (N+P+N), apresentando a variante fonética *cardumo*. Trata-se de um processo cognitivo de generalização do termo usado para os peixes aplicado aos mamíferos marinhos. **Doc. Oral:** “Aí três milhas fora do Funchal, a tantos graus, tem um cardume de baleias e eu já disse *po* Caniçal” (Inf. 2); “(...) quando vinha um cardume de fêmeas (...)” (Inf. 3); “(...) cande aparecia cardumes, *ai* vezes matava-se 5, 6 (...)” (Inf. 4); “Mas cheguei a ir um dia, deu um dia um cardumo de baleias aqui fora (...)” (Inf. 1); “(...) o cardumo é assim sarrado, e a gente entrava por cima delas, *pa* trancar a maior (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Cardume de cachalotes*. **Doc. escrita:** “Quando é avistado um esparto, ou vários, de um cardume de cachalotes” (Clarke, 2001: 29). Ver **Baleia e Cerco (da baleia)**.

**Carne (da baleia)** - n. f. - Tecido muscular da baleia, existente entre a pele e os ossos. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *carne* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). No contexto baleeiro madeirense, a carne da baleia era cozida e transformada em farinha. **Doc. Oral:** “A farinha era feita *c’o* óleo, *c’os* ossos da cabeça, parte da carne (...)” (Inf. 1); “A carne não era *pa* comer, *aquilho* era quase tudo, *aquilho* era gordura, *aquilho* era gordura e *aquilho* era toda derretida (...)” (Inf. 2); “Olhe, *aquilho* tirávamos a carne *dava pa* farinha (...)” (Inf. 3); “(...) a carne fazia, era *pa* farinhas.” (Inf. 4); “(...) era uma baleia com grandes dimensões também, tinha mais carne.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Carne (de baleia)*. **Doc. escrita:** “(...) o espeide de descarnar é obviamente mais largo, e serve para desprender os pedaços de carne agarrados ao toucinho (...)” (Clarke, 2001: 60). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 156) regista *carne de baleia* como “Carne antigamente retirada dos cachalotes. Esta carne, ao contrário do que acontece actualmente no Japão, não era utilizada na alimentação humana, embora algumas pessoas, geralmente familiares dos baleeiros, a levassem para dar aos porcos.”. Ver **Baleia e Farinha (de baleia)**.

**Carreira da morte** - n. f. - Momento em que o animal já se encontrava arpoado, na fase de perseguição ou em posição favorável a ser atingido mortalmente. **Nota:** Termo

composto pelo nome *carreira* com o complemento determinativo *da morte* (N+P+N). **Doc. Oral:** “(...) vai sangrando, vai sangrando, até [que] chega um ponto [em] que a gente se chamava a carreira da morte, que ela tanto ia sangrando (...)” (Inf. 3); “(...) ele veio da carreira da morte, a jogar, a jogar (...)” (Inf. 4). Ver **Arpoar, Baleia e Linha (da baleia)**.

**Catana** - n. f. - Utensílio de corte, utilizado no esartejamento das baleias. **Nota:** Termo simples e genérico. Instrumento constituído por um cabo longo ao qual se fixa uma lâmina metálica, curva e estreita. **Doc. Oral:** “(...) uma catana, o tipo duma foice, cortava assim *cuma* cortava assim de catana (...)” (Inf. 5); “A catana era *pra* cortar mais acima. Cando *nã chegavo*, a catana tinha um longo alcance que cortava.” (Inf. 5). Ver **Baleia e Esartejar**.

**Cauda (da baleia)** Ver **Rabo (da baleia)**.

**Cédula marítima** - n. f. - Documento necessário para trabalhar a bordo das embarcações. **Nota:** Termo usado nas atividades náuticas, composto pelo nome *cédula* e o adjetivo *marítima*. Sinónimo de *matrícula*. **Doc. Oral:** “rapaz, tu *ques* tirar a cédula marítima?” (Inf.1); “amigo, tu não tens matrícula *pa* ires *po* mar. O mar sempre dá mais qualquer coisa que aqui em terra”. (Inf. 1). Ver **Baleeiro**.

**Cercar** - v. - Ato de orientar as baleias para a costa, com o apoio das baleeiras e lanchas. **Nota:** Termo simples e genérico. Encurrular os animais em águas pouco profundas, onde era mais fácil capturá-los. **Doc. Oral:** “(...) andavam ali a cercar que os grandes não podiam andar ali (...)” (Inf. 2); “Uma vez eles cercaro as baleias na baía de Machico e a baía era azul ficou toda vermelha.” (Inf. 5). Ver **Cardume de baleias e Cerco (da baleia)**.

**Cerco (da baleia)** - n. m. - Técnica de caça, recorrendo às embarcações motorizadas, em que as baleias eram orientadas para a costa. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *cerco* (derivado regressivo de *cercar*) com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). Método desenvolvido pelos baleeiros madeirenses, em que cercavam os animais em águas pouco profundas, sem condições para mergulharem e onde era mais fácil atingi-las em órgãos vitais. **Doc. Oral:** “(...) já se pode *atrançar* e depois é um peixe que assusta-se *munto* do barulho, a gente *tinhe-se* duas lanchas e dois navios a fazer cerco

(...)” (Inf. 1); “Era só cercos, cercos, cercos e ver, andavam ali a cercar que os grandes não podiam andar ali (...)” (Inf. 2). Ver **Cardume de baleias** e **Cercar**.

**Cesta de vime** - n. f. - Artefacto feito em vimes, utilizado para transportar o comer dos baleeiros. **Nota:** Termo composto pelo nome *cesta* com o complemento de especificação *de vime* (N+P+N). A merenda dos baleeiros era o sustento para o dia de trabalho. **Doc.** **Oral:** “(...) lá iam todos pr’ái, *pra* lá, era *ai* mulheres a correr c’os c’os comeres *pa* levar, em cestas de vime, *pra* levar aos maridos e aos filhos.” (Inf. 5). Ver **Baleeiro** e **Caça da Baleia**.

**Cheiro (da baleia)** - n. m. - Odor intenso proveniente das baleias mortas e da cozedura dos seus componentes. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *cheiro* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). Apresenta o sinónimo *cheirete de baleia*, formado pelo nome derivado de *cheiro* com o sufixo depreciativo *-ete* e o complemento determinativo *de baleia*. **Doc. Oral:** “E lá ia aquele carregador de sacas, e *aquillo cande* passava, que ela ainda tava fresca, aquele cheiro, cheirava mal, cada vez que ele passava aí no meio da freguesia, cheirava mal *cuma* um estupor (...)” (Inf. 5); “É. o cheirete era tão intenso que a gente sentia *aquillo* e, com ventos de nordeste, o *Caniçal tava* sempre cheirando a baleia, a *cheirete de baleia*.” (Inf. 5). Ver **Baleia**, **Esquartejar** e **Fábrica da baleia**.

**Cheirete de baleia** Ver **Cheiro (da baleia)**.

**Contraplacado marítimo** - n. m. - Material usado na construção das baleeiras madeirenses. **Nota:** Do Francês *contreplaqué*. Termo da construção naval, composto pelo nome *contraplacado* com o adjetivo *marítimo* (N+Adj), indicando a sua utilização no mar. Nos primeiros anos da atividade, na Madeira, foram usadas baleeiras açorianas, depois passaram a ser construídas na região e introduzidas alterações que trouxeram inovação à atividade. **Doc. digital:** “Os anos cinquenta trouxeram inovação e maior dinamismo a esta atividade com avanços no fabrico das baleeiras, que passaram a ser construídas em contraplacado marítimo e onde os motores a gasolina substituíram os remos e as velas como força propulsora” (Freitas, 2016). Ver **Baleeira**.

**Corda (da baleia)** Ver **Linha (da baleia)**.

### **Cortar Ver Esquartejar.**

**Corrente** - n. f. - Elos metálicos ligados entre si, utilizada para amarrar as baleias ao rebocador. **Nota:** Termo simples e genérico. A *corrente* apresentava grande resistência, sem sofrer qualquer tipo de dano. Na baleação madeirense, era usada para transportar os cetáceos para a fábrica, sem riscos de os perder ao longo da viagem. **Doc. Oral:** “(...) que é pa passar a corrente no rabo da baleia, passava e pos o guincho. O guincho puxava, puxava, puxava, e o rabo ficava assim, daqui *pra* lá fica no mar, a baleia e ficava c’o rabo aqui no ar (...)” (Inf. 3); “(...) engatavam a baleia, puxavam, faziam um furo, passavam uma corrente à volta da cauda da baleia e metiam na borda e rebocavam *pa* fábrica.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Corrente de reboque*. **Doc. escrita:** “(...) o bote vem suavemente encostar-se ao corpo da baleia, permitindo que se abra um orifício, na cabeça ou na cauda, para passar a corrente de reboque.” (Clarke, 2001: 47). Ver **Carcaça (da baleia)** e **Reboque**.

**Cozer** - v. - Tratamento dado às diferentes partes extraídas do corpo da baleia. **Nota:** Termo simples e genérico. As diferentes partes da baleia, submetidas a altas temperaturas, originavam vários produtos comercializáveis. **Doc. oral:** “Era um leva ossos, um leva carne, um leva toicinho, um leva cabeça, *ca* cabeça demora mais a cozer, leva mais duas horas a cozer que o toicinho, o toicinho é *mai* fácil de cozer.” (Inf. 1); “Tudo o que vinha, a gente cozia tudo... ossos ao lado, carne a outro (...)” (Inf. 4); “(...) depois a farinha passava *pra* baixo ia *pa* parte de cozer, mais uma cozedura ia junto com ossos, no fim já aproveitavo (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Cozer*. **Doc. escrita:** “Este método de «cozer o toucinho em aberto», com água, produz o óleo de baleia ou cachalote da melhor qualidade que se consegue obter, com o menor teor em ácidos gordos.” (Clarke, 2001: 79). Ver **Baleia** e **Autoclave**.

### **Crena Ver Guindaste.**

**Cria (da baleia)** - n. f. - Animal recém-nascido ou com pouca idade, ainda dependente da mãe. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *cria* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N), sinónimo de *feto*. Na baleação madeirense, refere-se muito os fetos de baleia, por vezes, encontrados no ventre da mãe, aquando do esquartejamento desta. **Doc. oral:** “(...) se ele chegasse lá, suponhamos que as fêmeas tinham crias, não as podiam matar.” (Inf. 2); “(...) a gente não escolhia, não dizia ‘olha,

aquela tem cria dentro...’, a gente não (...)” (Inf. 3); “Quando chegávamos a terra, à plataforma, é que, ao abrir, ao abrir é que a gente via a cria, às vezes, com 5, 6 metros (...)” (Inf. 3); “(...) eles esquarteraro um cachalote, saiu uma cria e vê-se ela a medir o cachalote e os baleeiros pararam de esquarterar, todos *ca* cara munto triste (...)” (Inf. 5); “(...) e uma que eles abriro que ainda tinha um pequeninho, esse já era um cachalote já grande e outra qu’abriram, *tavam* cortando a cabeça e tava outro ao lado. Então, cortaro, *tava* um feto muito pequeninho dentro, chamaram *pa* ver.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Cafe* e *cafre*, alteração fonética do Inglês *calf*, nome introduzido nos Açores por influência americana. **Doc. escrita:** “Tabela 3. Glossário dos termos baleeiros correntemente usados nos Açores e derivados dos correspondentes termos americanos - *Calf* - *Cafe*” (Clarke, 2001: 13). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 134) regista *cafre* como “Cria do cachalote; cachalote com menos de oito metros”. Ver **Baleia** e **Esquarteramento**.

**Croque** - n. m. - Vara com um gancho para atracar os barcos. **Nota:** Termo da marinha, do Francês *croc*, ferramenta comprida com um gancho na ponta. **Doc. escrita:** “Os arpões, lanças, croques, garapins, selhas com o cordame e machados são colocados dentro das três baleeiras que, de seguida, são lançadas ao mar (...)” (D.N. 1984). **AÇORES:** *Croque* **Doc. escrita:** “O equipamento dos botes inclui geralmente uma fateixa e um croque, que se revelam úteis na operação de passagem da corrente de reboque através do orifício perfurado com o espeide.” (Clarke, 2001:47). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 546) define *croque* como “Vara com um gancho em uma extremidade de que os barqueiros se servem para atracar os barcos”. Ver **Amarrar**.

## D

**Dente da baleia** - n. m. - Elemento ósseo da boca do animal, utilizado como peça de adorno e como suporte para esculpir e gravar. **Nota:** Termo composto pelo nome *dente* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). Os dentes das baleias foram transformados em peças de arte. **Doc. oral:** “O próprio dente da baleia, parte do marfim, é vendido, era vendido a preço de ouro.” (Inf. 1); “Com certeza, porque o osso da baleia era uma coisa rija, forte e então os dentes.” (Inf. 2); “Às vezes, quando os dentes passou a ser *pra* gente, quando a gente não queríamos os dentes ou era dentes mais miúdos ou assim mais pequeninos essa coisa toda, metíamos dentro [de] um saco e ia um da comissão nossa vender lá em baixo (...)” (Inf. 3); “Fazem a coisa e vendem, dentes,

baleeiras...” (Inf. 4); “Aquilhe, aqueles dentes grandes, dava um dinheirão.” (Inf. 4); “Foi cando o dente começou a dar dinheiro e o osso e tudo o que era da baleia dava dinheiro.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Dente*. **Doc. escrita:** “Os dentes são guardados para trabalhos de *scrimshaw*, juntamente com algumas secções dos ramos mandibulares (...)” (Clarke, 2001: 72). Ver *Scrimshaw*.

**Derreter** - v. - Ato de reduzir a gordura de cachalote a óleo. **Nota:** Termo simples e genérico. **Doc. oral:** “(...) pra derreter aquilho tudo e aquilho, aquela coisa toda (...)” (Inf. 1); “(...) eram derretidos, óleos pra um lado, farinhas pra outro e assim...” (Inf. 2); “(...) pa tirar o toicinho e e a gente ia puxando com o guincho, ia cortando uns bocados e aí outro ia acartando pa pôr dentro o caldeiro pa derreter.” (Inf. 3); “Era para derreter a gordura.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Derreter*. **Doc. escrita:** “Um preliminar necessário à operação de derreter é a redução das grandes fatias de toucinho, ou das talhadas quadradas, mais pequenas, cortadas de uma baleia encalhada, a tiras de tamanho apropriado (...)” (Clarke, 2001: 65). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 210) documenta *derreter* como “Nome que se dava à operação de derretimento do toucinho do cachalote (...)”. Ver **Autoclave**, **Óleo (de baleia)** e **Toicinho da baleia**.

**Desmanchar** Ver **Esquartejar**.

**Dorso (da baleia)** - n. m. - Parte posterior do cachalote, entre a cabeça e a cauda, constituída por uma sequência de proeminências na zona caudal. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *dorso* com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). **Doc. escrita:** “Devia conhecer o momento certo para arpoar: quando o animal tentava mergulhar e, ao baixar a cauda e a cabeça, exponha o dorso, tornando-o facilmente penetrável pelo arpão (...)” (Carvalho, 2008: 86). **AÇORES:** *Ampo*, forma aportuguesada do Inglês *hump*. **Doc. escrita:** “A prática mais comum, e a que é aparentemente mais favorecida pelas posições relativas do bote e da baleia durante a perseguição, é a de “ir pela cauda”, mantendo o ampo e o bufo alinhados pela retaguarda e fazendo a aproximação final (...)” (Clarke, 2001: 53). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 67) averba *ampo* como “Protuberância (bossa) de alguns cetáceos, como o cachalote e o ‘Humpback’ (do am. *hump*)”. Ver **Arpoar** e **Cachalote**.

**Deteção de baleias** - n. f. - Efeito de avistar baleias no mar. **Nota:** Termo composto pelo nome *deteção* com o complemento de especificação *de baleias* (N+P+N), com o sinónimo *avistamento de cachalotes*. Era o trabalho do vigia. **Doc. digital:** “A sua arte e técnica baseavam-se na deteção de baleias, especialmente cachalotes, a partir de pontos altos na costa, seguido da sua perseguição, caça e abate com arpões e lanças (...)” (Freitas, 2016); “(...) nesse ano os vigias apenas recolheram dados estatísticos de avistamentos de cachalotes e foram construídas as instalações (...)” (Freitas, 2016). Ver **Baleia e Vigia (da baleia)**.

## E

**Embarcação Ver Barco.**

**Empresa Baleeira do Arquipélago da Madeira (EBAM)** - Estrutura oficial constituída para explorar a caça à baleia na Madeira, com fins comerciais. **Nota:** Nome próprio da empresa. **Doc. escrita:** “Foi num contexto de carência de um emprego, vivida pela população do extremo Leste da Madeira, que em 1949 se instalou nessa zona a Empresa Baleeira do Arquipélago da Madeira (EBAM). Esta empresa, com uma unidade de transformação industrial, depressa se transformou numa das principais entidades patronais do concelho de Machico.” (Carvalho, 2008: 85). Ver **Caça da Baleia e Fábrica da baleia**.

**Encarregado da comissão (dos baleeiros)** - Representante dos baleeiros, que zela pelos seus direitos. **Nota:** Termo composto pelo nome *encarregado* com o complemento determinativo *da comissão* (N+P+N), estando subentendido o complemento de especificação *dos baleeiros* (relativo a *comissão*). **Doc. oral:** “Tínhamos um senhor, um baleeiro que era o encarregado da comissão nossa, ele também apontava, apontava, entregava a folha ao Sr. Eleutério, levava a folha *pra* baixo, lá em baixo no escritório então fazia a percentagem *pra* cada um e depois vinha tudo (...)” (Inf. 3). Ver **Baleeiro e Caça da Baleia**.

**Engodo (de cachalote)** - n. m. – Pele de cachalote utilizada para a pesca à cana. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *engodo* com o complemento de especificação *de cachalote* (N+P+N). Na baleação madeirense, a pele de cachalote era raspada e recolhida

para utilizar como engodo. **Doc. oral:** “(...) essa raspa que era *pa* fazer engodo que era *pa* pesca.” (Inf. 2); “(...) ia largando aqueles pedacinhos de pele *pra* trás e o sangue e o peixe era atraído por aquele engodo. Chamava-se engodo e o peixe vinha sempre naquele engodo.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Isca*. **Doc. escrita:** “Logo que a baleia está convenientemente encalhada, alguns baleeiros e pescadores locais, com a água pela coxa, começam a raspar-lhe a pele (*blequesquine*) para a usar como isca, na pesca (...)” (Clarke, 2001: 70). Ver **Cachalote e Raspa de pele**.

**Escritório (da EBAM)** - n. m. - Local onde se exercia a atividade administrativa da EBAM. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *escritório* com o complemento determinativo *da EBAM* (sigla do nome da empresa), escritório da fábrica da baleia do Caniçal que ficava no Funchal. **Doc. oral:** “(...) *po* Funchal *po* escritório ainda *tava* fechado, só abre às 9 (...)” (Inf. 2); “(...) eu chegava ali ao escritório, era na Avenida do Mar (...)” (Inf. 2); “(...) entregava a folha ao Sr. Eleutério, levava a folha *pra* baixo, lá em baixo no escritório (...)” (Inf. 3). Ver **Baleia e EBAM**.

**Esparto (da baleia)** - n. m. - Designação do jato de água lançado pelas baleias, através do espiráculo. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *esparto* com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). *Esparto* é uma alteração fonética do termo inglês *spout*, introduzido na Madeira pelos baleeiros açorianos. Apresenta os sinónimos *respiro (da baleia)* e *sopro da baleia*. Através do sopro das baleias, os baleeiros, com a sua experiência, conseguiam identificar a espécie. **Doc. oral:** “Já conhecio *po* esparto. O *finebeque* dava um esparto, mas o esparto do *finebeque* é assim mas direito *po* ar. A baleia sai assim *po* ar mas fica assim em ramal mai grosso.” (Inf. 1); “(...) o *finebeque* deita o esparto dele, chamava-se o esparto, deita mais atrás da cabeça, enquanto o cachalote deitava tudo, deita tudo na frente (...)” (Inf. 2); “... a gente conhecia pelos espartos, cando era cachalotes...” (Inf. 4); “(...) ainda mais com vento identificavo melhor, porque o sopro da baleia eles sabio que era cachalote e sabio que era a baleia comum, a baleia de bryde, eles sabiam pelo respiro.”; “O respiro, chamavo o respiro do cachalote, chamavo o sopro.” (Inf. 5). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2016: 209) regista *esparto* como “bufo dos cetáceos (do ingl. *spout*)” e informa que “Os vigias da baleia reconheciam o *esparto* do cachalote por ser ejaculado para a frente e para o lado, ao contrário do da «baleia de barbas», que se dirige em sentido vertical.”. **AÇORES:** *Bló*, *bufo*, *esparto* com a variante fonética *espalmo* e *respiro*. **Doc. escrita:** “Logo que os

vigias na falésia detectam um bufo (*bló*, nos Açores), geralmente na claridade que precede o nascer do sol (...)" (Clarke, 2001: 51); "O esparto do cachalote é baixo e compacto, quando comparado ao de uma baleia azul ou de um rorqual (...)" (Clarke, 2001: 29). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 249) regista *esparto* como "Bufo dos cetáceos"; *espalmo* como "O m.q. *esparto*" (2008: 250); *bufo* como "O jacto de água da respiração da baleia (ou de outro cetáceo) quando vem à superfície. Os bufos também são chamados *espartos*." (2008: 125) e *respiro* como "O m.q. *esparto*" (2008: 481). Ver **Baleia, Baleia de barbas, Cachalote e Vigia (da baleia)**.

**Espelho** - n. m. - Instrumento de corte utilizado no esquartejamento das baleias. **Nota:** Termo simples, forma aportuguesada por alteração fonética do nome inglês *spade*, introduzido na Madeira pelos baleeiros açorianos. Era composto por uma ponta metálica achatada que formava uma lâmina cortante e por um longo cabo que facilitava o seu manuseamento e a separação dos diferentes tecidos do corpo dos cachalotes. **Doc. oral:** "... depois começa-se c'ó espelho a cortar, aqueles pedaços..." (Inf. 1); "O espelho era para cortar, ali, era pr'aquí *pa* plataforma. Era *pa* cortar *pa* tirar o toicinho (...)" (Inf. 3); "...*chumava-se* um espelho, mais ou menos assim largo, c'um cabo grande e a gente ia-se cortando..." (Inf. 4); "Era um espelho, uma catana, o tipo duma foice, cortava assim *cuma* cortava assim de catana, mas era mais o espelho." (Inf. 5). **AÇORES:** *Espeide*, com as variantes fonéticas *espelha*, *speire*, *espeiro*, *espeire*, *espê* e *chipeiro/a*, mas também *cepeiro*, formas aportuguesadas do Inglês *spade*. **Doc. escrita:** "A tira é içada e a baleia rola na água, sobre si própria, à medida que os *espeides* continuam o retalho e ajudam a separar o toucinho dos ligamentos subjacentes de tecido conjuntivo livre." (Clarke, 2001: 63). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 177) documenta a forma *chipeiro* como "Ferramenta de corte, em forma de pá, para cortar o toucinho da baleia (do am. *spade*)". Acrescenta que "Nas Flores, chamavam-lhe *cepeiro*, no Faial *chipeira*, no Pico *espê* ou *espeire*, na Terceira *espelha* ou *speire*, em Santa Maria *espeiro*". Ver **Cachalote e Esquartejar**.

**Esquartejar** - v. - Ato de cortar a baleia, separando as diferentes partes do corpo do animal. **Nota:** Termo formado por derivação parassintética, com o prefixo *es-* + *quarto* + o sufixo *-ejar*. Apresenta a variante fonética *quartejar* e os sinónimos *cortar* e *desmanchar*. O corte era feito de acordo com o processamento a que seriam sujeitas as partes do animal e o produto em que seriam transformadas. **Doc. oral:** "E levavam dias

pa esquartejar aquilho.” (Inf. 5); “(...) eram quartejadas e iam pa dentro os caldeiros, eram derretidos (...)” (Inf. 2); “Eles tinha a sua tática pa cortar. Eles cortavo assim aos quadrados, começavam numa ponta, tudo coisa, o outro do outro lado, iam cortando mais ou menos uns pedaços, não era assim de qualquer maneira.” (Inf. 2); “A essa hora, logo que chegava à fábrica, era logo desmanchado.” (Inf. 2); “Pra desmanchar as baleias eramos nós, não era os homens da terra, que trabalhavam em terra, os homens que trabalhavam em terra...” (Inf. 3). **AÇORES:** *Desmanchar* e *esquartejar*. **Doc. escrita:** “Quando uma baleia é encalhada para desmanchar, iça-se pelo calhau acima até tão longe quanto a maré cheia o permitir.” (Clarke, 2001: 61); “Os outros tipos diferem apenas no pormenor: o espeide de esquartejar, usado para cortar o toucinho (...)” (Clarke, 2001: 60). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 252) averba *esquartejar* como “Despojar o cachalote dos elementos com interesse comercial” e *esquivar* como “Separar o toucinho da carne do cachalote” (2008: 252). Ver **Baleia, Cachalote, Catana, Espelho e Plataforma**.

**Estibordo** - n. m. - O lado direito da embarcação, na perspetiva da popa para a proa. **Nota:** Termo simples da náutica, do Francês antigo *estribord*. **Doc. oral:** “(...) pa bombordo e pa estibordo e era assim, quando a comunicação falhava.” (Inf. 3). **Açores:** *Estibordo*. **Doc. escrita:** “A remar, o trancador senta-se sempre a bombordo e manobra um remo de estibordo, enquanto o remador da proa se senta a estibordo e manobra um remo de bombordo, e assim por diante.” (Clarke, 2001: 37-38). Ver **Baleeira, Barco, Lancha e Rebocador**.

## F

**Fábrica da baleia** - n. f. - Unidade fabril de transformação das baleias. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *fábrica* com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). Na baleação madeirense, a fábrica foi construída de raiz, na freguesia do Caniçal, apetrechada com os equipamentos adequados ao processamento e transformação das diferentes partes do cachalote. Iniciou a laboração em 1949 até ao final da atividade, em 1981. **Doc. oral:** “(...) resolverem fazer a fábrica aqui no lade do Caniçal (...)”; “(...) montámos aqui a fábrica, começamos a trabalhar aqui (...)” (Inf. 1); “(...) o que eu sei da fábrica: as baleias vinham, eram varadas, eram quartejadas e iam pa dentro os caldeiros, eram derretidos, óleos pra um lado, farinhas pra outro e assim...” (Inf. 2); “(...) quando

tínhamos trabalho, trabalhávamos lá na fábrica, fazíamos de tudo.” (Inf. 3); “Pa abrirem uma fábrica.” (Inf. 4); “(...) ia-se pa fábrica, cando havia baleias, ia-se ver eles varar baleias e raspar (...)” (Inf. 5); “(...) havia um navio que chegava ali, *nã* era um navio muito grande, um navio-tanque, *encorava* em frente da fábrica das baleias que era mais fundo (...)” (Inf. 5). **AÇORES: Fábrica. Doc. escrita:** “As ilhas do Faial, Flores, Pico e São Miguel têm cada uma a sua fábrica baleeira alimentada a vapor, onde a baleia é içada para um pátio de corte e aí reduzida a toucinho, carne e ossos para cozedura sob pressão.” (Clarke, 2001: 69). Ver **Baleia, Caça da Baleia e EBAM**.

### **Faina Ver Lides do mar.**

**Farinha (de baleia)** - n. f. - Pó resultante da moagem dos ossos e da carne das baleias. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *farinha* com o complemento de especificação *de baleia* (N+P+N). A farinha podia ser fina, entremeia e grossa. Era utilizada para adubo e ração. **Doc. oral:** “Pa deitar a água e o azeite se tiver dentro da farinha, *pa* deitar fora, para sair a farinha enxuta.” (Inf. 1); “(...) só me lembro que eles *fazio* a farinha (...)” (Inf. 2); “Olhe, *aquillo* tirávamos a carne *dava* pa farinha (...). Fazia farinha *daquillo* e mais nada, e os ossos era *pa* cozer e depois *ía* à prensa. Era tudo esmagado, metia num secador *pa* secar, já saía em farinha, depois era só pesar e andar.” (Inf. 3); “(...) consumia muito essa farinha, que era *pa* fazer agricultura e *na* sei quê e *pa* dar ração (...)” (Inf. 3); “(...) os produtos era a farinha e o óleo.”; “Aqui consumo *ei* farinhas (...)” (Inf. 4); “(...) ia junto com ossos. No fim, já aproveitavo aqueles ossos das vertebras e já moíam tudo junto com essa farinha, não era só a carne.” (Inf. 5). **AÇORES: Farinha. Doc. escrita:** “Além das farinhas de carne e ossos, produzidas unicamente nas estações modernas (...)” (Clarke, 2001: 74). Ver **Carne (da baleia) e Ração**.

**Fêmea** - n. f. - A baleia do sexo feminino. **Nota:** Termo simples e genérico. Na baleação madeirense, a palavra era utilizada para identificar as baleias do género feminino. Sempre que fosse detetado que estavam prenhas, não deveriam ser trancadas. **Doc. oral:** “As fêmeas grávidas, com bebés assim pequeninos e delas com grandes que já *tinho* um metro e meio, *tavo* perto de nascer. Ah, se encontrava-se isso várias vezes.” (Inf. 1); “Se for a fêmea tinha entre os 12, 13 metros (...)” (Inf. 2); “Depois de nós chegarmos ao pé do cardume, se fosse um cardume, que a gente cercávamos e elas andavam ali, aquela é fêmea, aquela é fêmea, aquela é fêmea, a maior parte era tudo fêmeas.” (Inf. 3); “(...)

cando era femias também a gente já sabia.” (Inf. 4). **AÇORES:** *Fêmea*. **Doc. escrita:** “Os cachalotes são os maiores Odontocetos, ou baleias com dentes, que existem: o macho pode atingir 18 metros de comprimento, e a fêmea chega aos 12 metros.” (Clarke, 2001: 1). Ver **Baleia, Cachalote e Cria**.

**Feto (da baleia)** Ver **Cria (da baleia)**.

**Finebeque** - n. m. - Espécie de baleia de barbas. **Nota:** Corruptela fonética do termo inglês *fin-back* ou *fin whale*, introduzido na Madeira pelos baleeiros açorianos. Designação popular da baleia comum, *Balaenoptera physalus*. **Doc. oral:** “O *ratuele* e o *finebeque* e a baleia, o cachalote o peixe maior era 70, 75 toneladas.” (Inf. 1); “(...) o *finebeque* disserem que ainda chegou a aparecer aqui na Madeira (...)” (Inf. 2); “Agora, de *finebeque* parece carne de vaca mesmo.” (Inf. 3); “... matava *finebeques, ratueles...*” (Inf. 4). **AÇORES:** *Finbeque*, com a variante fonética *finebaque*, formas aportuguesadas do Inglês *finback*. **Doc. escrita:** “Tabela 3. Glossário dos termos baleeiros correntemente usados nos Açores e derivados dos correspondentes termos americanos - *Finbeque*” (Clarke, 2001: 13). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 276) averba *finebaque* como “Baleia grande de bossa (do am. *finback*). Chega a atingir os 24 metros de comprimento, é muito veloz e afunda-se quando está morta. Por isso, não era procurada pelos baleeiros açorianos”. Ver **Baleia de barbas, Canhão e Navio de Canhão**.

**Fita** - n. f. - Utensílio utilizado para medir o tamanho dos animais e de partes do seu corpo. **Nota:** Termo simples e genérico. **Doc. oral:** “(...) ela, então, pegava numa fita e media tudo, media a cabeça, media *as* maxilares dos cachalotes (...) media tudo e depois fazia um apontamento.” (Inf. 5). Ver **Baleia, Cachalote e Medir**.

**Foguete** - n. m. - Objeto pirotécnico utilizado para emitir um sinal sonoro que declarava a existência de baleias nas proximidades. **Nota:** Termo derivado de *fogo* com o sufixo *-ete*. Objeto composto por um invólucro com pólvora e por uma vara de bambu. **Doc. oral:** “(...) sente o foguete já tudo trata de arranjar o comerzinho e andar, *po po* lá p’adiante, caminha-se (...)” (Inf. 1); “Ele ia à rua mandava o foguete *pos* baleeiros avançarem (...)” (Inf. 2); “Quando o vigia via a baleia, ele largava [um] foguete, nós aqui, sentia foguete, baleias.” (Inf. 3); “(...) que havia um foguete *pa* dar sinal, *pa* chamar o pessoal atenção.” (Inf. 4); “E a maneira de chamar atenção *dui* baleeiros, das pessoas *c’andavam* na caça à

baleia era foguete, foguete, baleias.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Foguete e bomba da baleia*. **Doc. escrita:** “Todos os vigias largam um foguete para avisar os baleeiros de que é preciso arrear os botes e agarrar os cabos de reboque das lanchas o mais depressa possível.” (Clarke, 2001: 30). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 117) documenta *bomba da baleia* como “Bomba mandada pelo *vigia* da *baleia* para assinalar a detecção de um cachalote e avisar os baleeiros para se dirigirem imediatamente para a faina.”. Ver **Foguete a rebentar e Vigia**.

**Foguete a rebentar** - Expr. - Sinal sonoro emitido pelo foguete, quando se atea lume à pólvora. **Nota:** Expressão que indicava a existência de baleias e o início da caçada. Era seguido de um grande rebuliço na vila do Caniçal, para preparação do farnel e saída para o mar. Apresenta o sinónimo *senal*. **Doc. oral:** “(...) e lá em cima no vigia, rebentar foguete. Rebentou foguete é senal que nós tínhamos que avançar, era só isso. Era a nossa vida.” (Inf. 3); “(...) *ai* vezes de manhazinha *tava-se* a dormir já, já se sentia o foguete a rebentar.” (Inf. 4); “(...) que havia um foguete pa dar senal, pa chamar o pessoal atenção.” (Inf. 4). Ver **Foguete e Vigia (da baleia)**.

**Fole** - n. m. - Utensílio utilizado na fábrica da baleia para provocar a circulação de ar e soprar o lume, ativando a combustão na forja. **Nota:** Termo simples e genérico. **Doc. oral:** “(...) tinha um fole muito grande, dava aquele sopro que era pa manter o braseado de pé, todo bem vivo (...) (Inf. 5). Ver **Forja**.

**Forja** - n. f. - Fornalha da fábrica da baleia onde era trabalhado e moldado o ferro dos instrumentos usados na baleação. **Nota:** Do Francês *forge*. Termo simples. As altas temperaturas da forja moldavam os instrumentos utilizados na atividade baleeira, quer para a captura, quer para o esquarteramento. **Doc. oral:** “(...) o mestre ia lá à oficina, lá dentro da forja e *fazio* lá à sua maneira.” (Inf. 1); “A forja era um instrumento que tinha lá, uma fornalha, mas toda feita em metal, que eles metiam uns ferros e depois moldavam os arpões e as lanças e as catanas e os espelhos, toda a a ferramenta que era feita.” (Inf. 5). Ver **Arpão (da baleia), Catana, Espelho, Fole e Lança (da baleia)**.

**Frigorífico** - n. m. - Aparelho elétrico que conservava a carne de baleia. **Nota:** Termo simples. **Doc. oral:** “Tinha-se lá os frigorifo, tirave-se a carne, pendurava-se o de dentro *co* frigorifo, dentro do frigorifo, com uns guichos, depois conforme ia-se precisando, ia-

se tirando, metendo dentro das caixas e enviando *pa* Lisboa.” (Inf. 1). Ver **Carne (da baleia)** e **Fábrica da baleia**.

**Furna** - n. f. - Cavidade na terra, junto ao calhau, aproveitada para guardar o óleo resultante do processamento dos animais. **Nota:** Termo simples. No início da baleação madeirense, antes da construção da fábrica, eram aproveitadas as condições naturais existentes. No Garajau, o óleo era armazenado num poço, localizado dentro de uma furna. **Doc. oral:** “(...) uma furna, tinha um poço, *io* metendo o óleo lá dentro dessa furna e *depos io* andando, mas nunca aproveitavo tanto óleo *cuma* aqui (...)” (Inf. 1). Ver **Óleo (de baleia)**, **Poço** e **Traiol**.

**Frota baleeira** - n. f. - Conjunto das embarcações ao serviço da atividade baleeira. **Nota:** Termo composto pelo nome *frota* com o adjetivo qualificativo *baleeira* (N+Adj). Era composta por baleeiras, lanchas e rebocador. **Doc. digital:** “(...) a atividade baleeira foi diminuindo na Madeira, primeiro com a redução da frota baleeira (...)” (Freitas, 2016). **AÇORES:** *Frota baleeira*. **Doc. escrita:** “Passei o primeiro dia numa lancha motorizada e o segundo numa canoa, e como ambas as saídas foram proveitosas para a frota baleeira, dando um cachalote no primeiro dia e treze no segundo (...)” (Clarke, 2001: 51). Ver **Baleeira**, **EBAM**, **Lancha** e **Rebocador**.

## G

**Gabana** - n. f. - Instalação provisória, usada pelos baleeiros, para dormir, no início da atividade baleeira. **Nota:** Termo simples e genérico. Alteração fonética de *cabana*. Acontecia usarem *gabanas* para dormir quando viviam distantes das instalações onde os animais eram processados. **Doc. oral:** “(...) casinha era, era uma gabana, uma coisa, uma campina por cima *pa* encobrir, *pa* encobrir a chuva e essa coisa toda e, no meio daquela rocha, rocha meio daquela rocha, uns panos em cima daquela rocha e dormindo sempre naquela rocha (...)” (Inf. 1). **Doc. lexicográfica:** Silva (1950: 58) regista *gabana* como “Resguardo de telha ou de palha. Cabana”. Figueiredo (2011: 130) documenta *gabana* como “construção rústica que serve normalmente de casa aos animais”. Ver **Baleeiro** e **Traiol**.

**Gancho** - n. m. - Ferramenta que tinha a função de apoiar no transporte, através de arrastamento, dos pedaços do animal para os autoclaves. **Nota:** Termo simples e genérico. Instrumento de fabrico artesanal, de cabo longo em madeira e ponta curva em metal. **Doc. oral:** “(...) tinha um chaõzinho e eles cortavo aí, daí *pa* dentro já ia aos pedaços, tinha uns ganchos, engatava naqueles pedaços e arrastava lá *pa* dentro e *io* deitando *pa* dentro os caldeiros.” (Inf. 2). **AÇORES:** *Grampo, gancho e pinguelim (do toucinho)*, com as variantes *pinguinho* e *piriquito*. **Doc. escrita:** “As piças, bastante pesadas apesar do seu reduzido tamanho, são geralmente transportadas com a ajuda de um grampo ou gancho de aço montado num cabo de madeira, chamado “pinguelim do toucinho.” (Clarke, 2001: 65). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 436) averba *pinguelim* como “Gancho de curto cabo destinado a apanhar os bocados de toucinho, as piças, que eram muito escorregadias para apanhar à mão”, registando as variantes *pinguinho* e *piriquito*. Ver **Autoclave, Esquartejar e Toicinho da baleia**.

**Garapim** - n. m. - Instrumento utilizado na baleação para recolher a linha. **Nota:** Alteração fonética do termo inglês *grapnel*, introduzido na Madeira pelos baleeiros açorianos. **Doc. escrita:** “Os arpões, lanças, croques, garapins, selhas com o cordame e machados são colocados dentro das três baleeiras que, de seguida, são lançadas ao mar (...)” (D.N. 1984). **AÇORES:** *Grapelim*, do Inglês *grapnel*. **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 298) documenta *grapelim* como “fateixa de três braços, com um olhal feito de ferro forjado, a que era atado um cabo fino, sendo utilizada para recuperar troços de linha afundados. Esta peça caiu em desuso um pouco depois de meados do sec. XX pelo facto de terem sido alterados os tipos de linha, bem como o material em que era tecida, passando a haver um novo tipo de linha em sisal com maior capacidade de flutuação (am. *grapnel*)”. Ver **Linha (da baleia)**.

**Goiva** - n. f. - Ferramenta utilizada com a função de fazer um buraco na cauda do animal. **Nota:** Termo simples. Instrumento de fabrico artesanal, de cabo longo em madeira e ponta aguçada em metal. O buraco servia para passar a corrente que amarrava a baleia ao rebocador, para ser transportada para a fábrica. **Doc. oral:** “(...) o Persistência eh eh tem, tem, chama-se uma goiva que é assim redonda em lâmina, depois tem assim em bico, em bico, assim em bico, mas é assim curvado, abulado que é para, no rabo, no rabo da baleia, fazem, faz um furo que é *pa* gente passar a corda, amarrar, que é *pa* depois a gente rebocar ela (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Espeide de bordo*. **Doc. escrita:** “(...) o bote vem

suavemente encostar-se ao corpo da baleia, permitindo que se abra um orifício, na cabeça ou na cauda, para passar a corrente de reboque. Para este fim é utilizado um espeide de bordo, que é uma variante dos espeides ainda usados nos Açores para desmanchar as baleias.” (Clarke, 2001: 47). Ver **Baleia, Cachalote, Cauda (da baleia), Corrente e Rebocador**.

**Gordura (da Baleia)** Ver **Toicinho da baleia**.

**Grau** - n. m. - Posição onde eram avistadas as baleias no mar; medida através da qual era estimada a qualidade do óleo. **Nota:** Termo simples e polissémico. A posição da baleia era indicada pelo vigia, através da qual, cruzando com informação das vigias adjacentes, era possível estimar a localização das baleias e a rota a tomar. **Doc. oral:** “A vigia entra em comunicação c’ a lancha e dá: a tantas milhas, a tantos graus, vai ter a tal lugar, assim, assim. Ia-se lá bater direito onde elas *tavo*. Aquilho na falhava nada.” (Inf. 1); “Aí três milhas fora do Funchal, a tantos graus, tem um cardume de baleias e eu já disse po Caniçal” (Inf. 2); “(...) tinha-se óleo, *co* óleo com quatro, cinco dias, baleias com quatro, cinco dias, o último óleo, o óleo da cabeça, essa coisa toda, já é óleo para cinco, seis graus, já não é todos os clientes que pego naquele óleo (...)” (Inf. 1). Ver **Acidez, Analisar óleo, Marcador de graus e Vigia principal**.

**Grelha** - n. f. - Utensílio utilizado para ser colocado em cima de brasas, servindo de suporte para assar a carne das baleias. **Nota:** Do Francês *grille*. Termo simples e genérico. Objeto formado por barras metálicas que suportam altas temperaturas. No contexto da baleação, as *grelhas* eram utilizadas para assar a carne das baleias de barbas, à qual era dado um tratamento diferente da carne de cachalote. **Doc. oral:** “Só a carne, a carne a qu’ é, *ca* gente coze numas grelhas e vai-se metendo nas grelhas e coisa, com 6 horas de cozimento, 4 Kgs de pressão, tá cozido.” (Inf. 1). Ver **Baleia, Cachalote e Carne (da baleia)**.

**Guincho (a vapor)** - n. m. - Equipamento utilizado para movimentar cargas pesadas ou de grandes dimensões. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *guincho* com o complemento de especificação *a vapor* (N+P+N). Existiam vários guinchos de diferentes tamanhos, com localização diferenciada pela função a que se destinavam: varar a baleia do mar até a plataforma de esquadramento; movimentar as baleias ou partes do seu corpo

na plataforma de esquadramento, dando apoio ao desmanche; a bordo do Persistência para colocar as baleias em posição de serem rebocadas até à fábrica. **Doc. oral:** “Ainda mesmo assim, aquilo mesmo assim a guincho com fio, com fio e coisa, *ai* vezes é um problema *pra* eles chegarem cá em cima.” (Inf. 1); “Era *pa* cortar *pa* tirar o toicinho, *pa* tirar o toicinho e e a gente ia puxando com o guincho, ia cortando uns bocado e aí outro ia acartando *pa* por dentro o caldeiro (...)” (Inf. 3); “(...) aquilho havia um guincho grande, que... puxava *po* rabo e o corpo vinha na *aua* (...)” (Inf. 4); “Era um grande guincho que tinha na plataforma e passavam uns cabos, uns cabos com *plé* dupla, pegava, aquilho tinha bastantes, sei lá, tinha 40 toneladas, 50 toneladas, depois aquilho puxava o cachalote pela rampa fora (...)” (Inf. 5); “E guinchos a vapor (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Guincho*. **Doc. escrita:** “Na parte de trás da plataforma, e protegidos por um pequeno abrigo encostado ao muro da fábrica, há dois guinchos que podem ser emparelhados entre si; um outro guincho, mais pequeno, reservado ao aproveitamento da cabeça, está fixo a um canto.” (Clarke, 2001: 70). Ver **Baleia, Esquadramento, Rampa (da fábrica) e Varar**.

**Guindaste** - n. m. - Equipamento que arriava as baleeiras e as içava do mar para a fábrica. **Nota:** Termo simples do Francês *guindeau*, com o sinónimo *crena*. As baleeiras permaneciam varadas até que aparecessem baleias. **Doc. oral:** “(...) arrastavam as baleeiras *c’*aquilho, nunca *tavo* todas direitas ao guindaste, havia uma *tavo* todas arrumadas lateralmente e havia umas que eles tinha que tirar daquele lugar para chegar ao enfiamento do guindaste, *c’*o guindaste só virava um pedacinho (...)” (Inf. 5); “Chamava-se a crena, era *c’*um pau muito grosso, assim comprido, tinha uma coisa, tinha um motor eléctrico, tinha umas alavancas e coisa. Levantava-se a baleeira, a crena virava assim coisa assim *pa* baixo, *pos* ia arriando, arriando, chegava lá em baixo, punha essa no mar” (Inf. 3). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2016: 177) regista *crena* como “guindaste, grua”. Ver **Arriar, Baleeira e Varar**.

## H

**Homens de terra** - n. m. - Aqueles que desempenhavam funções na fábrica e não saíam para o mar. **Nota:** Termo composto pelo nome *homens* com a preposição *de* e o nome *terra* (N+P+N). Apresenta os sinónimos *peçoal de terra* e *baleeiro de terra*. **Doc. oral:** “(...) a minha situação era esta: eu não, eu não era baleeiro, eu tava pelo peçoal de terra.” (Inf. 1); “Os homens da terra, só em baixo na manutenção da fábrica, os caldeiros, essa

coisa toda.” (Inf. 3); “(...) esartejava os cachalotes na plataforma, que chamem os homens de terra (...)” (Inf. 5); “(...) baleeiros de terra e do mar (...)” (Inf. 1). **AÇORES:** *Pessoal de terra*. **Doc. escrita:** O peçoal de terra das fábricas modernas, ou sejam, os trabalhadores das plataformas e das unidades de produção (...)” (Clarke, 2001: 77). Ver **Autoclave, Baleia, Fábrica da baleia e Guincho (a vapor)**.

## L

**Lança (da baleia)** - n. f. - Instrumento de fabrico artesanal utilizado para matar as baleias. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *lança* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). Possuía uma ponta metálica pontiaguda e um longo cabo em madeira, de cuja extremidade saía uma linha. Era lançada manualmente pelo arpoador, colocado na proa da embarcação, quando o animal já se encontrava esgotado pela perseguição, altura em que era atingido em órgãos vitais até morrer. **Doc. oral:** “O arpão é só pa prendê-la, só *depos antão*, cando ela chega à borda, tem a lança, pa dar umas lançadas (...)” (Inf, 1); “Dentro era as lanças, *ca* gente chamava, os arpões e as cordas, as cordas dentro as selhas que o arpão levava e as lanças de, *pa* matá-las e mais nada (...)” (Inf. 2); “Até chegar ao pé dela, lança, já não é com o arpão é com a lança, *pa* sangrar (...)” (Inf. 3); “E a lança.” (Inf. 4); “(...) porque as lanças quase sempre era a mesma, era *pra* lançar, lançar e uma lança, duas, dava *pra* lançar muntos animais.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Lança de balear*. **Doc. escrita:** “A lança de balear não é mais do que um dardo comprido, usado no acto de matar.” (Clarke, 2001: 43). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 323) regista *lança* como “Instrumento de arremesso, com lâmina penetrante, usado na caça à *baleia* e que servia, depois de arpoada, para lhe produzir feridas penetrantes e profundas, procurando atingir de preferência o tórax, no sentido de lhe retirar as forças pela abundante hemorragia provocada, e de lhe acelerar a morte.”. No *TLPGP*, averba-se *lança* como termo dos Açores, com a aceção de “Instrumento com que matam a baleia. (V. Pesca da Baleia). BaptistaF 1970: 624”. Ver **Baleia, Lançador, Lançar e Picada**.

**Lançada** Ver **Picada**.

**Lançador** Ver **Arpoador**.

**Lançar** - v. - Ato de arremessar a lança à baleia, com o intuito de atingi-la em órgãos vitais. **Nota:** Termo simples e genérico. **Doc. oral:** “(...) chamava-se lançar, que era matá-la (...)” (Inf. 2). **AÇORES:** *Lançar* com a variante *lancear*. **Doc. escrita:** “E toda a operação do reboque, da recolha da linha e do lancear se repete...” (Clarke, 2001: 52). **Doc. lexicográfica:** No *TLPGP*, regista-se *lançar* como termo dos Açores com a aceção de “Matar a baleia com o emprego da lança. Mendonça 1962: 295”. Ver **Lança (da baleia)** e **Lançador**.

**Lancha** - n. f. - Tipo de embarcação a motor, a partir da qual eram coordenadas as caçadas. **Nota:** Termo simples do Malaio *lantxaran*, ‘rápido, ligeiro, ágil’. Chegaram a ser utilizadas para rebocar as baleeiras, quando estas eram impulsionadas a remos e mesmo depois de motorizadas, para poupar combustível. Foram ainda utilizadas para rebocar as baleias do local de abate até à zona de desmanche, antes da introdução dos rebocadores. **Doc. oral:** “A vigia entra em comunicação c’a lancha e dá: a tantas milhas, a tantos graus, vai ter a tal lugar, assim, assim.” (Inf. 1); “(...) as lanchas também era S. Mateus, S. José (...)” (Inf. 2); “Arriávamos as baleeiras e coisa, schhhhh, às vezes pas lanchas, pas baleeiras não ir sozinhas assim a trabalhar *pra* não gastar gasolina. Ia de reboque com a gente, nós levávamos elas de reboque, chegávamos lá, então é que largávamos elas *pa* coisa.” (Inf. 3); “(...) *ei* baleeiras tamém já tinha um aparelhinho que se falava c’a lancha.” (Inf. 4). **Doc. lexicográfica:** Nunes (1965: 140) documenta o nome *gasolina* como “barco de pesca grande e movido a motor”. **AÇORES:** *Lancha (a motor)*, com o sinónimo *gasolina*. **Doc. escrita:** “As lanchas a motor trazem vantagens por demais obvias.” (Clarke, 2001: 45). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 324) regista *lancha-da-baleia* como “Também chamada *Gasolina – um gasolina* -, *tinha este nome por ser a lancha* usada na caça da *baleia*, tanto para reboque dos botes como para o reboque da baleia depois de morta.”. No *TLPGP*, documenta-se *lancha* como “Embarcação a motor que toma parte na pesca do cachalote, desempenhando funções de reboque e apoio. Mendonça 1962: 296”. Ver **Frota baleeira**, **Mestre da Lancha** e **Motorista da Lancha**.

**Leme** - n. m. - Equipamento do barco através do qual é possível orientar a sua direção. **Nota:** Termo simples da náutica. **Doc. oral:** “(...) a lancha não dava pelo, a roda, o leme, quando a gente queríamos virar, por exemplo, ela ia assim inclinada *po* lado da terra, *po* lado da rocha, *pa* virar *pa* este lado. Ela não dava (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Leme*. **Doc. escrita:** “Quando à vela, o bote é manobrado pelo leme, com a respectiva cana: mas assim

que a baleia é trancada e a vela arreada, torna-se necessário desmontar o leme e mudar para o remo (...).” (Clarke, 2001: 37). Ver **Barco e Lancha**.

**Lençol** - n. m. - Tecido branco de grandes dimensões, içado para indicar a presença de baleias, a sua posição e o rumo a seguir. **Nota:** Termo simples, com a variante fonética *lançol* e o sinónimo *bandeira (branca)*. Era também utilizado como sinal que orientava os baleeiros, quando estavam próximo dos animais, antes da introdução dos aparelhos de comunicação. **Doc. oral:** “(...) como eu disse que ele já tava a fugir e então eu comuniquei a eles por intermédio do lençol e eles forem lá ter.” (Inf. 2); “(...) uma bandeira branca, po exemplo, se a baleia, a baleia, a baleia mudou de rumo ou coisa assim, ele ponha uma bandeira. Se ele, se a gente vai assim com este rumo, ele põe a bandeira pa seguir sempre. Se ele tirar a bandeira, chegou ao sítio, chegou ao sítio. Depois, se a baleia, quer dizer se se vier cá cima mais ao lado ou coisa, ele põe duas (...)” (Inf. 3); “*Pa* dar sinal de baleias, havia baleia à vista era logo um foguete po ar e uma bandeira branca na ponta do mastro.” (Inf. 5); “...o vigia deitava o lançol e a gente guiava-se...” (Inf. 4). **AÇORES:** *Bandeirola branca e bandeira branca*, a par do sinónimo *lençol*, com a variante fonética *lançol*. O termo *bandeira branca* aparece associado à baleação açoriana, mas com outro sentido, enquanto *bandeira preta* tem o significado de *bandeira branca* ou *lençol* da Madeira. **Doc. escrita:** “Todos os vigias hasteiam uma bandeirola branca no mastro que está invariavelmente colocado junto a cada vigia.” (Clarke, 2001: 30); “Logo que os vigias verificam que as lanchas estão bastante próximas das baleias, sem, contudo, se aproximarem o suficiente para as assustar, ou seja, a cerca de uma milha da presa, os lençóis em terra são recolhidos.” (Clarke, 2001: 30). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 97) regista o termo *bandeira preta* como “Bandeira que o vigia da baleia colocava para indicar baleia à vista” e *bandeira branca* como “Bandeira que o vigia da baleia colocava para indicar que havia também botes de outros portos a balear”. Ver **Baleias à vista, Rumo e Vigia (da baleia)**.

**Levada** Ver **Bica**.

**Levar a corda** - Expr. - Dizia-se quando a baleia tenta libertar-se do arpão e nada velozmente, fazendo com que a corda se desenrole a grande velocidade. **Nota:** Expressão formada pelo verbo *levar* com o complemento *a corda*. Isto acontecia após o arpoamento, na fase de perseguição. **Doc. oral:** “(...) era um perigo, um perigo, a coisa mais perigosa

era quando a baleia, a baleia era trancada e levava a corda, se você, se a senhora visse a velocidade que aquela corda vai, até sai sai fumo, eu *tou-lhe* a dizer que tem de *tar* um homem com um balde de água pa arrefecer.” (Inf. 3). **AÇORES:** *Levar a linha*. **Doc. escrita:** “Procurando a oportunidade, mas quase no mesmo instante, o trancador arremessa o arpão: os homens dão uma remada à popa para safar o bote e a baleia está trancada, começando a levar a linha.” (Clarke, 2001: 53). Ver **Baleia, Caça da baleia e Linha (da baleia)**.

**Lides do mar** - n. f. - Trabalhos desenvolvidos no mar. **Nota:** Termo composto pelo nome *lides* com o complemento de especificação *do mar* (N+P+N). Apresenta o sinónimo *faina*. **Doc. digital:** “Pedro Cymbron disponha dos equipamentos e dos homens com a experiência para começar a atividade e contava com o apoio logístico local e o conhecimento das lides do mar do piloto Gouveia (...)”; “A rápida adaptação dos homens locais a esta nova faina permitiu que em 1944 todos os vigias e a grande maioria das tripulações das baleeiras fossem madeirenses.” (Freitas: 2016). **AÇORES:** *Faina*. **Doc. escrita:** “Mas na baleação costeira açoriana não se içam botes: excelentes na rebentação, são arreados no calhau por uma porção de mãos solícitas e, terminada a faina, são de novo alados para terra.” (Clarke, 2001: 77). Ver **Caça da Baleia**.

**Lima** - n. f. - Utensílio de metal utilizado para afiar as ferramentas de corte. **Nota:** Termo simples. **Doc. oral:** “(...) *ero* muito afiadinhas e eles andavo sempre *cuma lamina, cuma lamina, cuma lima* no bolso de trás sempre a afiar, cada baleeiro tinha a sua lima” (Inf. 5). Ver **Baleeiro, Catana e Espelho**.

**Linha (da baleia)** - n. f. - Corda longa, amarrada ao cabo do arpão e da lança, através da qual a baleia era mantida ligada à baleeira. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *linha* com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). Apresenta o sinónimo *corda (da baleia)*. A linha, que inicialmente estava enrolada dentro da selha, era desenrolada durante a perseguição, à medida e à velocidade imposta pela baleia, até à sua exaustão. **Doc. oral:** “Aqui faz a selha, c’a linha, chama-se a linha e é uma selha, uma selha assim grande, mais ou menos isto, com duzentos e tal metros, uma linha, uma linha grossa.” (Inf. 1); “(...) e os outros tinha que *tar* quetinhos pa trás, *pra* ele arpoar por causa que a corda começava logo assim (...)” (Inf. 2); “(...) ela vai levando sempre a corda porque à velocidade que ela vai (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Corda*, com o sinónimo *linha*

(do bote/da baleia/de pesca). **Doc. escrita:** “O estropo do arpão é um pedaço de corda de cânhamo, igual ã que é usada como linha de baleia (...)” (Clarke, 2001: 41); “Mas, na eventualidade de uma baleia trancada levar toda a linha de um bote, as lanchas motorizadas de serviço podem sempre trazer mais linha (...)” (Clarke, 2001: 44). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 332) documenta o termo *linha-do-bote* como “Linha de sisal, com cerca de meia polegada de secção, que liga o arpão ao bote da baleia e que pode suportar uma força de três toneladas, podendo atingir os 600 metros de comprimento. Vai na proa do bote, enrolada em duas selhas circulares. No Pico, também lhe chamam *linha-da-baleia* ou *linha-de-pesca*.”. No *TLPGP*, regista-se *linha* como termo dos Açores com a aceção de “Longo cabo relativamente delgado a que é preso o arpão e que é conduzido no bote, cuidadosamente apanhado em cêlhas, de onde vai desenrolando pela acção do cachalote depois de arpoado. Mendonça 1962: 296”. Ver **Arpão (da baleia), Baleia, Cabeço e Levar a corda.**

## M

**Machado** - n. m. - Instrumento de corte para ser usado em caso de perigo no ato da caça à baleia. **Nota:** Termo simples. Na baleação, era obrigatório ter um machado à proa da baleeira, depois do arpoamento do cachalote e durante a perseguição ao animal, enquanto se encontrava ligado à embarcação, caso a colocasse em perigo. **Doc. escrita:** “Os arpões, lanças, croques, garapins, selhas com o cordame e machados são colocados dentro das três baleeiras que, de seguida, são lançadas ao mar (...)” (D.N. 1984). **AÇORES:** *Machado*. **Doc. escrita:** “Um golpe de machado é o ideal para cortar a linha, especialmente se esta estiver a correr (...)” (Clarke, 2001: 46). Ver **Baleeira, Cabeço e Linha (da baleia).**

**Machine** Ver **Motor (da baleeira).**

**Macho** - n. m./adj. - Baleia do sexo masculino. **Nota:** Termo simples com a variante fonética *maichos*. Definição do género do animal. Na baleação madeirense, a experiência dos baleeiros era utilizada para identificar as baleias do sexo masculino, quer pelo tamanho quer por estarem sós. **Doc. oral:** “O macho encontrava-se c’as fêmeas, podia *tar* 2, 3 dias e depois ele deixava, ia embora e...” (Inf. 2); “Há um dia que eu vejo uma baleia era fem... macho, mas já vi ela bastante distante (...)” (Inf. 2); “Quando aparecia, havia

mais também, mas quando aparecia machos era de 17, 18 metros *pra cima (...)*” (Inf. 3); “(...) cando era peixes maichos, a gente já sabia era peixes maichos (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Macho* e *bulo*, com a variante fonética *bule*, formas aportuguesadas do termo inglês *bull*, introduzido nos Açores por influência americana. **Doc. escrita:** “A busca limita-se, geralmente, aos cachalotes machos, pois a maioria dos baleeiros açorianos apega-se à crença, há muito tradicional na baleação ao cachalote, de que o âmbar cinzento não ocorre nas fêmeas.” (Clarke, 2001: 74); “Tabela 3. Glossário dos termos baleeiros correntemente usados nos Açores e derivados dos correspondentes termos americanos - Macho – Bulo” (Clarke, 2001: 13). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 125) averba *bule* como “Baleia macho grande, que depois de derretida chegava a dar 40 barris de 200 litros de óleo”; *Bulo* como “Macho do cachalote; o m.q. bule (do am. *bull*). O pl. é bulozinhos” (2008: 125); *Macho* velho como “Cachalote macho solitário, geralmente corpulento” (2008: 338). Ver **Baleia e Cachalote**.

**Mandador** - n. m. - Responsável pela caçada e pela sua coordenação. **Nota:** Termo simples (do latim *mandator*, *-oris*). **Doc. digital:** “Estas baleeiras operavam a partir do Porto Moniz, Funchal e Garajau e caçavam cachalotes sob a coordenação de um responsável, chamado de mandador.” (Freitas, 2016). **AÇORES:** *Mandador*. **Doc. escrita:** “(...) resumo que é baseado parte em ilações tiradas do material e parte em conversas com os proprietários das armações e com os seus mandadores.” (Clarke, 2001: 60). Ver **Caça da Baleia e Caçar**.

**Marcador de graus** - n. m. - Equipamento através do qual era possível aferir o ângulo e estimar a posição das baleias. **Nota:** Termo composto pelo nome *marcador* com o complemento determinativo ou de especificação *de graus* (N+P+N). Instrumento que possuía um disco graduado, utilizado na vigia. **Doc. oral:** “(...) binóculos *tava* sempre num, num, num banco, a gente tinha na vigia uma coisa própria de sentar e em toda a volta tinha um vidro que marcava os graus.”; “Penso que era o marcador de graus, os graus, marcava norte, sul e essas coisas todas, eu acho que era. E, então, conforme eu andava com os binóculos, que havia assim um ponteirinho e rodava à volta daquilo, se eu via um cardume de baleias ou baleia assim, por exemplo, eu olhava automaticamente *pos* graus que ela *tava* e os barcos iam lá ter por aqueles graus, eles tamem tinham. Mas *aquilho* era um vidro em cima e o vidro é que *tava* a marcar tudo, tudo graus, norte e sul e tudo (...)” (Inf. 2). **AÇORES:** *Prato azimutal*. **Doc. escrita:** “A este conjunto é fixado

um prato azimutal, que permite determinar a orientação angular dos binóculos.” (Clarke, 2001: 29). Ver **Caça da baleia** e **Vigia**.

**Maquinista** Ver **Motorista da lancha**.

**Marfim (de baleia)** - n. m. - Substância dura e de cor clara de que são constituídos os dentes da baleia. **Nota:** Do árabe *malfil* ‘dente de elefante’. Termo simples ou composto pelo nome *marfim* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). **Doc. oral:** “O próprio dente da baleia, parte do marfim, é vendido. Era vendido a preço de ouro.” (Inf. 1); “(...) o *ratuele* tamem nunca vi, dizem que até era muito bom que até tinha marfim (...)” (Inf. 2); “(...) a *maxila* da baleia, o marfim tava, tava era nisso (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Marfim*. **Doc. escrita:** “A maior parte das vezes, no entanto, o baleeiro trabalhava com marfim e osso de cachalote e com barbas de baleia (...)” (Clarke, 2001: 50). Ver **Cachalote**, **Dente da baleia** e **Scrimshaw**.

**Marinheiro** - n. m. - Aquele que tinha a função de remar ou de controlar o barco na caça à baleia. **Nota:** Termo derivado de *marinho* com o sufixo *-eiro*. **Doc. oral:** “(...) a gente somos quatro pessoas dentro o barco, isto aqui é o arrais, aqui o trancador e aqui dois marinheiros (...)” (Inf. 1); “Eram o mestre, o trancador, o mestre, o trancador e um marinheiro e um baleeiro, um marinheiro.” (Inf. 3). **AÇORES:** *Marinheiro*. **Doc. escrita:** “A tripulação é geralmente composta por um motorista, que é o responsável, e por um marinheiro.” (Clarke, 2001: 45). Ver **Baleeira** e **Baleeiro**.

**Matrícula** Ver **Cédula marítima**.

**Maxilar da baleia** - n. m. - O maxilar inferior do cachalote, formado por osso, onde estão colocados os dentes. **Nota:** Termo composto pelo nome *maxilar* com o complemento determinativo ou de especificação *da baleia* (N+P+N). Apresenta a variante fonética *maxila*, usada como forma feminina, e o sinónimo *queixada*. Os dentes do maxilar inferior encaixam-se em concavidades existentes no maxilar superior. **Doc. oral:** “(...) uma baleia tão grande, tão grande, teve tantos anos a maxilar lá empendurada (...)” (Inf. 5); “Ah! A maxila (...)”; “(...) a maxila da baleia, o marfim tava, tava era nisso (...)” (Inf. 4); “(...) *nã* chamavo maxilar, era queixada e via-se na onda ela fazer assim quando ela... a gordura encharcava de água, a maxilar fundo abaixo (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Maxilar* e

*queixada*. **Doc. escrita:** “De facto, é frequente deixar acumular vários maxilares, durante dias e até durante semanas, por forma a deixar apodrecer os tegumentos e ligamentos dos dentes, tomando assim mais fácil a sua remoção.” (Clarke, 2001: 72); “Os dentes não requerem preparação especial, além de uma fervura para remover quaisquer pedaços de tecido aderente, mas o osso da queixada é acorrentado, pelo menos durante um ano, em qualquer parte pouco profunda do leito marinho, onde a fauna trata de o limpar e a água elimina o óleo que o satura.” (Clarke, 2001: 72). Ver **Dente da baleia** e *Scrimshaw*.

**Medir** - v. - Determinar o comprimento e/ou largura dos animais. **Nota:** Termo simples e genérico. No contexto baleeiro madeirense, era um procedimento obrigatório sempre que chegava um animal à plataforma, antes de iniciar o seu esquarteramento. **Doc. oral:** “(...) não pode cortar nada sem medir primeiro, mediu, *tá* a medida feita, já pode cortar, pedaços (...)” (Inf. 1); “(...) saiu uma cria e vê-se ela a medir o cachalote (...)” (Inf. 5). Ver **Baleia**, **Cachalote** e **Fita**.

**Mergulho** - n. m. - Ato de imergir da baleia. **Nota:** Termo formado por derivação regressiva do verbo *mergulhar*. No contexto baleeiro, era necessário conhecer os padrões de mergulho dos animais para rentabilizar as caçadas. **Doc. oral:** “(...) o cachalote vinha *pra* cima da *aua* e ficava ali parecia uma bananeira *pr’ali*, *pfff*, *tá* ali, *tá* manso, *na tá* agitado, mergulha (...)” (Inf. 2); “Mas, às vezes, insistia tanto em cima dela e ela respirava, que ela tinha que vir cá cima respirar. E a gente andava em cima dela, ela dava um mergulho, mas como ela atacava que tinha de respirar, vinha outra vez.” (Inf. 3). **AÇORES:** *Mergulho*. **Doc. escrita:** “Acontece por vezes que um bote, depois de uma tirada extenuante a remos ou de um esforço tenso com as pagaias, já com o trancador de pé e a postos, chega ao pé da baleia no preciso momento em que esta faz o arco, vira de rabo e mergulha (...) a re-emergência, ou saída, pode-se dar em qualquer direcção e por vezes a uma milha, ou mais, do local de mergulho.” (Clarke, 2001: 52). Ver **Baleia** e **Cachalote**.

**Mestre** Ver **Serralheiro**.

**Mestre da baleeira** Ver **Arrais (da baleeira)**.

**Mestre da lancha** - n. m. - Aquele que é responsável pela lancha. **Nota:** Termo composto pelo nome *mestre* com o complemento determinativo *da lancha* (N+P+N). **Doc. oral:** “O mestre da lancha entrava em contacto c’o... c’o outro pessoal e ia orientando tamém e os próprios mestres das baleeiras também se orientavo uns c’os outros, não havia problemas.” (Inf. 3). Ver **Lancha**.

**Milha** - n. f. - Unidade de medida ou de distância utilizada em contexto marítimo na caça da baleia. **Nota:** Termo simples. **Doc. oral:** “A vigia entra em comunicação c’a lancha e dá: a tantas milhas, a tantos graus, vai ter a tal lugar (...)” (Inf. 1); “(...) quando eu vi, pa chegar a ele, vinte, quase vinte milhas ainda demora.” (Inf. 2); “(...) a cabo d’uns anos, isto já começou a haver aparelhage, já s’ia a 20, 30 milhas.” (Inf. 4); “(...) o barco vinha perto de terra por aí fora, vinha 1 milha, 2 milhas na costa (...)” (Inf. 5). **AÇORES: Milha. Doc. escrita:** “Ao aproximar-se da posição assinalada, a lancha manda o vigia para o topo do mastro: logo que o bufo, baixo e compacto, é avistado, a lancha dirige-se para ele, mas para a cerca de uma milha, para que o barulho do motor não assuste a baleia.” (Clarke, 2001: 51). Ver **Caçar e Vigia (da baleia)**.

**Motor (da baleeira)** - n. m. - Peça mecânica que dava movimento à baleeira. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *motor* com o complemento determinativo *da baleeira* (N+P+N), com o sinónimo *machine*, empréstimo do Inglês. No contexto baleeiro madeirense, foram adaptados os motores às baleeiras, no final da década de 50, resultando numa rentabilização da atividade. **Doc. oral:** “Pos o patrão resolveu, resolveu fazer a coisa, montar quatro baleeiras, duas no Porto Moniz, três aqui, fazer, ligar o motor” (Inf. 1); “(...) as baleeiras andavam mais, cando era a motor (...)” (Inf. 2); “Cando era c’o motor, machine, era 4 pessoas.” (Inf. 4); “A gente tinha a bateria e tinha um motor e, quando a bateria *tava* a descer, ponha-se o motor a trabalhar umas horas e carregava.” (Inf. 2); “Era a motor na altura, reboque do Persistência, depois, quando chegava ao mar das baleias, eles soltavo as baleeiras e eles iam em cima das baleias.” (Inf. 5). Ver **Baleeira e Caça da baleia**.

**Motorista da lancha** - n. m. - Aquele que conduzia a lancha e tinha a seu cargo a manutenção da embarcação na caça à baleia. **Nota:** Termo composto pelo nome *motorista* com o complemento de especificação *da lancha* (N+P+N). Apresenta o sinónimo *maquinista*. **Doc. oral:** “Eu era motorista das lanchas (...). Manutenção ao motor, tomar

conta do motor, mudar óleos, essa coisa toda, pôr aquilo tudo em dia, *pa* se houvesse baleias, rebentasse o foguete, nós seguirmos, tinha de *tar* sempre impecável.” (Inf. 3); “Era vigia, quem ia *pro* mar era o mestre, o arrais, o maquinista, *po* lado das baleeiras era o arpoador, o lançador.” (Inf. 2). **AÇORES: Motorista. Doc. escrita:** “A tripulação [da lancha] é geralmente composta por um motorista, que é o responsável, e por um marinheiro.” (Clarke, 2001: 45). Ver **Lancha e Caça da baleia**.

## N

**Navalhão** - n. m. - Instrumento utilizado para cortar o toucinho de baleia. **Nota:** Termo derivado de *navalha* com o sufixo aumentativo *-ão*. Este instrumento era usado nos primórdios da atividade baleeira, antes da fábrica entrar em funcionamento. **Doc. oral:** “(...) cortavo-se pedaços assim de baleia, assim ao comprido e picando em cima dum pedaço de madeira, c’um navalhão e *depos* deitando dentro dumas panelas, a ferver, com com com lenha.” (Inf. 1). Ver **Toicinho da baleia e Traiol**.

**Navio baleeiro** - n. m. - Embarcação que se dedicava à baleação pelágica de forma industrial. **Nota:** Termo composto pelo nome *navio* com o adjetivo qualificativo *baleeiro* (N+Adj). Estes navios possuíam a bordo os recursos para capturar, transformar e armazenar os produtos extraídos dos grandes cetáceos, especialmente as baleias de barbas. Na Madeira, este tipo de baleação nunca se desenvolveu. **Doc. oral:** “(...) faziam uns trabalhos, que era coisas que eles viam nos outros lugares. Sabes porquê? Que eles viam naqueles navios baleeiros e, então, eles *fazio* esses trabalhos a bordo dos navios baleeiros e o Jacques Soulaire trouxe essa técnica *pra* cá.” (Inf. 5). **AÇORES: Navio baleeiro. Doc. escrita:** “No entanto, não havia grande disponibilidade de dinheiro nos Açores e os custos de manutenção dos navios baleeiros, quando contrastados com a bem-sucedida e económica baleação costeira, então já em desenvolvimento, desencorajavam as pequenas armações das ilhas de orientarem os seus empreendimentos no sentido da baleação do largo.” (Clarke, 2001: 14). Ver **Caça da baleia**.

**Navio de canhão** - n. m. - Tipo de embarcação apetrechada com um canhão. **Nota:** Termo composto pelo nome *navio* com o complemento de especificação *de canhão* (N+P+N). Este navio tinha uma arma de arremesso que lançava explosivos, utilizada para disparar à distância em direção aos cardumes. Foi adaptado à atividade baleeira madeirense, numa

tentativa de caçar baleias de barba, à semelhança do que era feito em outros países, mas não teve sucesso. **Doc. oral:** “Cande havia um navio de canhão, matava *finebeques*, *ratueles* tamém.” (Inf. 4); “E esse, o *finebeque*, tinha de ser mesmo de canhão porque ele não aguenta, não tava em cima de *aua cuma* um... o cachalote vinha *pra* cima da *aua* e ficava ali, parecia uma bananeira (...)” (Inf. 2); “*Inda* não foi na minha altura, mas meu compadre, o Reis, conta que eles usaro um canhão no Persistência, que era *pra* caçar essas baleias, mas não resultou.” (Inf. 5). Ver **Baleia de barbas, Caça da baleia e Canhão**.

**Navio de tanque** - n. m. - Embarcação de grandes dimensões que continha tanques a bordo. **Nota:** Termo composto pelo nome *navio* com o complemento determinativo *de tanque* (N+P+N). Este tinha mecanismos específicos para o transporte do óleo da baleia para exportação. **Doc. oral:** “E tamém o óleo ia *pra* fora tamém. O óleo vinha, não foi do meu tempo, chegou a vir aqui um navio aqui *pa* carregar (...)” (Inf. 3); “Vinha navios de tanques aqui com 300, 400 toneladas, *vinho* buscar esse óleo aqui.” (Inf. 4); “(...) havia um navio que chegava ali, *nã* era um navio muito grande, um navio-tanque, *encorava* em frente da fábrica das baleias que era mais fundo, depois mandavo uns tubos, tubo *pa* terra, (...) com uns bidões amarrados ao tubo, *pro* tubo flutuar e o tubo subia pela rampa fora e depois era bombado dos caldeiros em cima *pa* bordo do navio. (Inf. 5). Ver **Óleo (de baleia)**.

## O

**Óleo (de baleia)** - n. m. - Líquido gorduroso obtido a partir do derretimento da gordura da baleia. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *óleo* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). Apresenta o sinónimo *azeite*. Este era o principal produto extraído das baleias e o primeiro produto extraído dos cachalotes, antes da construção da fábrica na Madeira. **Doc. oral:** “Não era, não ia óleo nenhum *pra* fora sem ser cozido.” (Inf. 1); “(...) só me lembro que eles fazio a farinha, faziam óleo.” (Inf. 2); “(...) o toucinho era *pa* derreter para óleo.” (Inf. 3); “(...) cande havia o óleo (...)”; “(...) *cuma* se diz, que havia vários tipos de óleo (...)” (Inf. 4); “(...) mas o cachalote, como era um animal que tinha mais gordura, dava mais óleo (...)” (Inf. 5); “*Pa* deitar a água e o azeite, se tiver dentro da farinha...” (Inf. 1); “(...) *aquilho* parecia memo azeite (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Óleo*, com o sinónimo *azeite-de-baleia*. **Doc. escrita:** “O óleo, tanto do toucinho como dos ossos, fica algum tempo a repousar (...)” (Clarke, 2001: 73). **Doc.**

**lexicográfica:** Figueiredo (1913: 232) regista *azeite* como sinónimo de *óleo*, tendo como segunda aceção o “azeite de baleia”. Barcelos (2008: 89) regista *azeite-de-baleia* como “Designação antiga do óleo retirado do toucinho do cachalote. O *azeite de baleia*, apesar de exalar um cheiro nauseabundo, era antigamente muito utilizado na iluminação das casas, antes do aparecimento do petróleo.”. No *TLPGP*, documenta-se *azeite-de-baleia* como termo dos Açores com a aceção de “Óleo de cachalote. Mendonça 1962: 294”. Ver **Baleia e Toicinho da baleia**.

**Óleo da cabeça** - n. m. - Substância branca, com consistência gordurosa, extraída da cabeça dos cachalotes. **Nota:** Termo composto pelo nome *óleo* com o complemento de especificação *da cabeça* (N+P+N). Também ocorre com a variante fonética *olo* por *óleo*. Este era de grande valor comercial, sendo utilizado na indústria de precisão e, durante muito tempo, como base para pomadas e outros tipos de unguentes com fins medicinais. **Doc. oral:** “(...) o óleo da cabeça, na parte da cabeça, faz lá uma caldeirinha, qu’a gente tira-se de balde... enche-se dez, nove, dez, nove (...)” (Inf. 1); “(...) só teravo o óleo da cabeça (...)”; “(...) eles dizio à gente que faziem 16 medecenas c’aquilhe, estes produtos de esfregações (...)” (Inf. 4); “Era um óleo fino, é o óleo da cabeça, do crânio da baleia, era tão fininho, tão fininho. Se mexias, tocavas assim na mão não vias nada. Sentias, era amarelinho, muito fininho. E os baleeiros andavam dentro daquilho e fazia bem à pele (...)” (Inf. 5); “(...) sempre que abrio a cabeça dum cachalote que tinha aquele óleo, metio-se lá dentro, que era um remédio milagroso, nã sei quê, que fazia bem à pele (...)” (Inf. 5); “(...) era só tamém o olo da cabeça (...)” (Inf. 4). **Doc. lexicográfica:** Figueiredo (1913: 792) regista *espermacete* como “Substância branca, extraída da cabeça dos cachalotes (Do gr. *sperma* + *ketos*)”. Barcelos (2016: 314) documenta *óleo branco de baleia* como “nome que se dava ao chamado espermacete da cabeça do cachalote”. **AÇORES:** *Azeite da cabeça, óleo da cabeça, óleo de espermacete e espermacete*. **Doc. escrita:** “O “aproveitar da baleia” consta de duas etapas: a baleia é primeiro esquartejada, isto é, são-lhe retirados o toucinho e o espermacete, e depois estes materiais são refinados por derretimento em caldeirões de ferro, para fornecerem óleo de cachalote e óleo da cabeça.” (Clarke, 2001: 59). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 89) averba *azeite-da-cabeça* como “O m.q. *espermacete* – cera que solidifica em contacto com o ar e à temperatura ambiente, com que antigamente se fabricavam as velas para iluminação”; *Espermacete* como “Óleo esbranquiçado que se extraía em grandes quantidades da cabeça dos cachalotes e que era empregado como lubrificante de instrumentos de precisão, no

fabrico de velas de iluminação, de sabões, na cosmética, etc. foi também muito usado na medicina popular como cicatrizante, com efeito terapêutico provavelmente devido à sua riqueza em retinol (Vitamina A de origem animal).” (2008: 251). Documenta ainda os sinónimos *óleo da cabeça* e *óleo de espermacete* (2008: 393). Ver **Cachalote e Caldeira (da baleia)**.

**Ossos de baleia** - n. m. - Parte dura que constitui o esqueleto do animal. **Nota:** Termo composto pelo nome *osso* com o complemento determinativo *de baleia* (N+P+N). No contexto da baleação, era utilizado para a produção de farinha de cachalote, juntamente com a carne. Tiveram outras utilizações, incluindo o seu uso para fazer peças de artesanato e de uso diário. **Doc. oral:** “Era o cachalote, era a baleia, era o osso, era a carne, era a cabeça, tudo vai em vários tanques (...)” (Inf. 1); “No Garajau, eu lembro-me do calhau, *tava* cheio de ossos de baleia (...)” (Inf. 2); “Fazia farinha d’aquillo e mais nada, e os ossos era pa cozer e depois ia à imprensa, era tudo esmagado, metia num secador pa secar, já saía em farinha (...)” (Inf. 3); “O osso tamém era farinhas (...)” (Inf. 4); “(...) a farinha passava pra baixo ia pa parte de cozer, mais uma cozedura ia junto com ossos, no fim já aproveitavo aqueles ossos das vertebrae e já moíam tudo junto com essa farinha, não era só a carne.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Ossos*, com significado diferente do usado na Madeira. **Doc. escrita:** “Os ossos, depois de fervidos, são postos a secar e depois moídos para farinha de ossos.” (Clarke, 2001: 73). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 396) regista *osso da baleia* como sinónimo de *barba de baleia*. Ver **Artesanato, Baleia e Farinha (de baleia)**.

## P

**Panela** - n. f. - Recipiente utilizado para cozer a gordura da baleia, aquecido a lenha. **Nota:** Termo simples. Recipiente utilizado nas instalações costeiras, antes da construção da fábrica baleeira. **Doc. oral:** “(...) deitando dentro dumas panelas, a ferver, com com lenha.” (Inf. 1). Ver **Derreter, Toicinho da baleia e Traiol**.

**Peneira** - n. f. - Utensílio utilizado no processo de separar e reduzir a farinha de cachalote aos diferentes tamanhos pretendidos. **Nota:** Termo simples. A farinha de cachalote era fina, entremeia e grossa. **Doc. oral:** “(...) da laja tem lá a peneira, vai dando peneira, vai

a peneirar, mais fina num lado, entremeia noutro, mais grossa noutro, a última.” (Inf. 1).  
Ver **Farinha (de baleia)** e **Peneirar**.

**Peneirar** - v. - Processo de separar e reduzir a farinha de cachalote a diferentes tamanhos.  
**Nota:** Termo derivado do nome *peneira* com o sufixo verbal *-ar*. **Doc. oral:** “(...) da laja tem lá a peneira, vai dando peneira, vai a peneirar, mais fina num lado, entremeia noutro, mais grossa noutro, a última.” (Inf. 1). Ver **Peneira** e **Farinha (de baleia)**.

**Perseguição (da baleia)** - n. f. - Fase da caçada em que a baleeira segue no encalço da baleia. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *perseguição* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). **Doc. digital:** “A sua arte e técnica baseavam-se na deteção de baleias, especialmente cachalotes, a partir de pontos altos na costa, seguido da sua perseguição, caça e abate com arpões e lanças (...)” (Freitas, 2016). **AÇORES:** *Perseguição*. **Doc. escrita:** “A prática mais comum, e a que é aparentemente mais favorecida pelas posições relativas do bote e da baleia durante a perseguição, é a de " ir pela cauda", mantendo o ampo e o bufo alinhados pela retaguarda (...)” (Clarke, 2001: 53). Ver **Baleia** e **Levar a corda**.

**Pesca da Baleia** Ver **Caça da Baleia**.

**Pessoal de terra** Ver **Homens de terra**.

**Picada** - n. f. - Efeito de picar a baleia com objeto afiado para matá-la. **Nota:** Particípio passado feminino substantivado de *picar*, com o sinónimo *lançada*. No contexto baleeiro, referia-se à ferida feita com a lança, com o objetivo de atingir o animal mortalmente. **Doc. oral:** “O arpão serve *pra* prender o animal e a lança serve *pra* lhe dar picadas *pr’um* lado *pr’o* outro *pra* ela estancar em cima. Cando apanha perto do coração, duas, três lançadas, *tá* morta e *cande* é fora do coração pode levar 10 ou 12 dessecadas.” (Inf. 1); “(...) se ela apanhasse uma lançada fosse direitinha ao coração, bastava uma só (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Lançada*. **Doc. escrita:** “A dada altura, a baleia abranda o suficiente para que o bote se aproxime para o lanceamento. (...) já que esta requer, em geral, várias lançadas, e que uma baleia lanceada pode ainda retomar a fuga e rebocar durante muito tempo e com energia renovada, antes que o arpoador lhe consiga enfiar mais algumas lançadas, críticas para as suas forças e, no fim, mortais.” (Clarke, 2001: 56). **Doc. lexicográfica:**

Figueiredo (1913: 1153) averba *lançada* como “Ferimento ou pancada com lança”. Barcelos (2008: 323) regista *lançada* como “Golpe de lança”. Ver **Baleia, Lança (da baleia) e Lançar**.

**Piloto** - n. m. - Aquele que conduzia o rebocador. **Nota:** Termo simples, do Italiano *piloto*. **Doc. oral:** “(...) foi o primeiro piloto cá da Madeira (...)” (Inf. 4). Ver **Caça da Baleia e Rebocador**.

**Plataforma** - n. f. - Uma das secções da fábrica, caracterizada por ser uma área ampla e plana a céu aberto. **Nota:** Termo simples, do Francês *plateforme*. Local onde as baleias eram cortadas e reduzidas a pedaços com destino a cada um dos caldeiros. **Doc. oral:** “(...) o animal era isto: varou, chegou à plataforma, mediu quantos metros tem, não pode cortar nada sem medir primeiro, mediu, tá a medida feita, já pode cortar (...)” (Inf. 1); “(...) quem cortava a baleia, quem cortava o toucinho, quem acartava para deitar, eramos nós, na plataforma (...)” (Inf. 3); “(...) esquartejava os cachalotes na plataforma que chamem os homens de terra (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Plataforma*. **Doc. escrita:** “A plataforma de desmancho foi parcialmente escavada num dos lados da colina e ficou assim delimitada por uma alta parede de rocha, não vedada, no cimo da qual o gado pasta, olhando a plataforma em baixo.” (Clarke, 2001: 70). Ver **Esquartejar e Fábrica da baleia**.

**Poço** - n. m. - Buraco profundo no solo, onde era armazenado o óleo extraído da baleia, no *traiol* do Garajau. **Nota:** Termo simples. **Doc. oral:** “Tinha *lá lém*, fazia uma furna, tinha um poço, *io* metendo o óleo lá dentro dessa furna e *depos io* andando, mas nunca aproveitavo tanto óleo *cuma* aqui (...)” (Inf. 1). Ver **Óleo (de baleia) e Traiol**.

**Popa** - n. f. - Parte de trás da embarcação. **Nota:** Termo simples da náutica. **Doc. oral:** “(...) o mestre à popa tem um cabeço assim deste estilo (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Popa*. **Doc. escrita:** “No interior da amurada e no leito da popa existem cunhos (*clites*) para auxiliar a manobra da vela grande (...)” (Clarke, 2001: 36). Ver **Barco**.

**Prensa** - n. f. - Equipamento utilizado no processo de transformação da carne em farinha. **Nota:** Termo simples com a variante fonética *imprensa*. A carne, depois de cozida nos autoclaves, passava pela prensa, onde era esmagada e extraído o excesso de água. **Doc.**

**oral:** “Fazia farinha d’aquilho e mais nada, e os ossos era *pa* cozer e depois ia à prensa, era tudo esmagado, metia num secador *pa* secar, já saía em farinha (...)” (Inf. 1); “Fazia farinha d’aquilho e mais nada, e os ossos era *pa* cozer e depois ia à imprensa, era tudo esmagado, metia num secador *pa* secar, já saía em farinha (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Prensa*. **Doc. escrita:** “A carne fervida é introduzida em sacas de serapilheira e submetida a uma simples prensa, sendo depois retirada das sacas, maciada e enviada para a unidade de secagem.” (Clarke, 2001: 74). Ver **Fábrica da baleia** e **Farinha (de baleia)**.

**Proa** - n. f. - Parte da frente da embarcação. **Nota:** Termo simples da náutica. **Doc. oral:** “(...) fica aqui um caixote, uma caixa, tem as cordas todas ali coisa, tudo ali afinhadinho, à proa (...)” (Inf. 3); “(...) tinha um guincho assim à proa bastante potente (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Proa*. **Doc. escrita:** “Nos Açores, são os remadores da proa e de meia-nau que se encarregam do mastro e velas.” (Clarke, 2001: 54). Ver **Barco**.

## Q

**Queixada (da baleia)** Ver **Maxilar da baleia**.

**Quico** - n. m. - Tipo de recipiente usado para recolher água do mar e verter sobre a linha do arpão, para a arrefecer. **Nota:** Parece corresponder ao termo dos Açores *queique*, forma aportuguesada do Inglês *cage*, com o sinónimo *balde de água*. **Doc. oral:** “A gente tinhe-se, tinhe-se que ter, um aguentar no quico, para tirar água do mar e deitar dentro da linha (...) deitando água *pro* causa de não aquecer munto nas mãos”; “Os quicos, os quicos, *pa* gente tirar água do mar *pa* deitar dentro da selha e tinha uns baldinhos assim pequeninos.” (Inf. 1); “(...) conforme ela vai levando e *aquilho* schiiiiii e *tá* um homem aqui ao lado com um balde de água a deitar em cima das cordas. *Aquilho* aquece, ele vai levando, ele vai levando (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Balde*, *caneco* e *pèguim* do Inglês *boat-peggin*, também com a forma *pèguinho*, e com o sinónimo *queique*, forma aportuguesada do Inglês *cage*. **Doc. escrita:** “À medida que a linha voa da selha para o *logaiéte*, num bote açoriano, os dois homens mais à popa deitam água em cima das camadas que se desbobinam. Para tal, usam dois vasos de madeira tanoados: o balde, de asa de corda, e o caneco, mais pequeno (...)” (Clarke, 2001: 46). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 421) documenta *pèguim* como “Pequeno balde de madeira de cedro que fazia parte da palamenta do bote baleeiro, munido duma aduela maior que serve de pega,

com água destinada a molhar a linha que passa no cepo para não se incendiar devido ao atrito (do am. *boat-peggin*). Também lhe chamavam *pèguinho* e *queique* como “Balde de Madeira usado no bote baleeiro (am. *cage*)” (2008: 460). Ver **Arpoar, Cabeço, Levar a corda e Linha (da baleia)**.

**Quilo de pressão** - n. m. - Unidade de medida da pressão. **Nota:** Termo composto pelo nome *quilo* com o complemento determinativo *de pressão* (N+P+N). No contexto da baleação madeirense, era aplicado à potência dos equipamentos que, dada a dimensão da matéria-prima, necessitava de maquinaria potente. **Doc. oral:** “(...) tinha-se lá um um uma máquina geral, pegava em quatro quilos de pressão.” (Inf. 1). Ver **Cozer e Fábrica da baleia**.

## R

**Rabo (da baleia)** - n. m. - Parte inferior do corpo da baleia. **Nota:** Termo simples *rabo* ou composto por este nome com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). Apresenta o sinónimo *cauda (da baleia)*. Esta era a parte mais temida e a maior ameaça às tripulações, que reconheciam na cauda a parte do corpo com mais força do animal. **Doc. oral:** “(...) sentia-se um pavor, que um peixe daqueles jogando *cuma* sapatada, que apanhando c’o rabo pega numa baleeira que despedaça aos pedaços.” (Inf. 1); “(...) vinha na *aua* de arrastos, só vinha preso no rabo, na borda do barco.” (Inf. 2); “Acabou de matar, já o Persistência puxa, amarra o rabo (...)” (Inf. 3); “(...) a gente tinha-se medo era do rabo dela, aquilho pa onde jogava, aquilho partia tudo. (...)” (Inf. 4); “(...) ela então pegava numa fita e media tudo, media a cabeça, media as maxilares dos cachalotes, media as barbatanas, media as caudas, media tudo e depois fazia um apontamento.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Cauda e rabo*. **Doc. escrita:** “A prática mais comum, e a que é aparentemente mais favorecida pelas posições relativas do bote e da baleia durante a perseguição, é a de «ir pela cauda», mantendo o *ampo* e o bufo alinhados pela retaguarda (...)”; “Também uma baleia que dificulta a aproximação do bote, por ameaçar de rabo ou de boca, pode ser atacada a partir da lancha.” (Clarke, 2001: 45). Ver **Baleia e Sapatada (da baleia)**.

**Ração** - n. f. - Alimento para os animais domésticos, obtido a partir da farinha de cachalote. **Nota:** Termo simples. Um dos produtos extraídos da transformação da carne da baleia. **Doc. oral:** “(...) aquilho tem de ser uma mistura feita, *pro* ração e *pra* coisa.”

(Inf. 1); “Aqueles óleos já *na tava* a ser baleado, agora a ração, a ração ainda podia...” (Inf. 2); “(...) consumia muito essa farinha, que era *pa* fazer agricultura e *na* sei quê e *pa* dar ração (...)” (Inf. 3). **AÇORES: Ração. Doc. escrita:** “Qualquer das quatro estações modernas actualmente em operação processa o toucinho, o espermacete e o osso, e três destas estações processam ainda a carne, para rações.” (Clarke, 2001: 24). Ver **Baleia, Cachalote, Fábrica da baleia e Farinha (de baleia)**.

**Rádio da tropa** - n. m. - Equipamento de comunicação adaptado à baleação madeirense. **Nota:** Termo composto pelo nome *rádio* com o complemento determinativo *da tropa* (N+P+N). Equipamento utilizado pelos militares na segunda guerra mundial que, em 1947, foi adquirido pela EBAM e servia para estabelecer comunicação entre as vigias, a fábrica e as embarcações. **Doc. oral:** “O rádio era mesmo, mesmo rádio da tropa. Eles foram buscar aqueles rádios antigos, mesmo aqueles rádios da tropa, da tropa mesmo e *pa* falar era tudo da tropa.” (Inf. 2). Ver **Rede de Comunicações e Vigia (da baleia)**.

**Rádio-telefone** Ver **Aparelho**.

**Rampa (da fábrica)** - n. f. - Subida inclinada de acesso, do mar, à plataforma de esartejamento da fábrica. **Nota:** Do Francês *rampe*. Termo simples ou composto pelo nome *rampa* com o complemento determinativo *da fábrica* (N+P+N). Através desta, eram varadas as baleias. **Doc. oral:** “*Pa* varar as baleias, você já viu uma baleia de 17, 18 metros, um bicho, de lá de baixo e *aquilho* era assim a rampa, não era assim plano, era assim a subir.” (Inf. 3); “(...) depois, *aquilho* puxava o cachalote pela rampa fora (...)” (Inf. 5). **AÇORES: Rampa. Doc. escrita:** “(...) A rampa sobe até à plataforma de esartejamento, que consiste num pátio quadrado, fechado, com o chão cimentado em declive irregular.” (Clarke, 2001: 70). Ver **Fábrica da baleia e Varar**.

**Raspa (da pele)** - n. f. - Engodo para a pesca obtido através da raspa da pele do cachalote. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *raspa* com o complemento determinativo *da pele* (N+P+N). A raspa da pele era recolhida antes da baleia chegar à plataforma de esartejamento. **Doc. oral:** “Era uma raspa, a baleia e eles raspavam a pele da baleia, iam rapando tudo em cima e *aquilo* saía, vinha assim enrolado, aqueles pedaços de coisa *ia pa* dentro duns baldes, que era *pa* fazer, diziam, que era *pa* fazer engodo *pa* peixe, nesse tempo.” (Inf. 2); “Mesmo quando ele varava qu’*a* malta toda *ia pa* tirar raspa, a pele

fina do cachalote *pa* pescar (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Blequesquine* com a variante *blèsequine*, forma aportuguesada do Inglês *black skin*. **Doc. escrita:** “Logo que a baleia está convenientemente encahada, alguns baleeiros e pescadores locais, com a água pela coxa, começam a raspar-lhe a pele (*blequesquine*) para a usar como isca, na pesca (...)” (Clarke, 2001: 70). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 112) regista *blèsequine* como “Pele ou lixa da baleia que, depois de derretida, serve para engodar (do am. *black skin*)”. Ver **Baleia, Engodo (de cachalote) e Rampa (da fábrica)**.

**Ratuele** - n. m. - Espécie de baleia. **Nota:** Forma aportuguesada do termo inglês *right whale*, introduzido na Madeira pelos baleeiros açorianos. Designação da baleia franca, com o nome científico *Eubalaena glacialis*. **Doc. oral:** “O ratuele uma coisa de 60 e tal toneladas, mas as asas dele, assim, é mais compridas qu’o corpo.” (Inf. 1); “(...) o que ouvia falar mais era nesse ratuele, dizio que ele tinha aquelas pérolas (...)” (Inf. 2); “(...) *nei* nossas baleeiras, tamém se matava ratueles (...)” (Inf. 4); “(...) caçaro uma baleia, chamavo o ratuele. Eles dero o nome dele o ratuele, uma baleia tão grande (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Raituel*, com as variantes fonéticas *râtuel* e *raituela*. **Doc. escrita:** “(...) neste tipo de caça toma-se necessário utilizar muito mais linha, porque o cachalote, não obstante a sua reputação de grande mergulhador, parece afinal não ir tão fundo quanto uma raituel (...)” (Clarke, 2001: 30). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 468) averba *raituel* como “Baleia preta, cientificamente denominada *Eubalaena glacialis* (do am. *right whale*)”. Indica a existência das variantes *râtuel* e *raituela*. Ver **Baleia de barbas**.

**Rebocador** - n. m. - A embarcação de maior dimensão da frota baleeira, utilizada para transportar as baleias para terra. **Nota:** Termo derivado do verbo *rebocar* com o sufixo agentivo *-dor*. Apresenta a variante fonética *rubucador*. As baleias eram transportadas do local da morte, no mar, para o local de processamento dos animais. Um rebocador transportava várias baleias ao mesmo tempo, normalmente seis, mas por vezes ainda trazia mais amarradas à popa. **Doc. oral:** “Eram os maiores, o *Pertistência* e o *Passos de Gouveia* eram os barcos mesmo próprios, rebocadores, *pra* eles *aquilho* vinha na *aua* de arrastos, só vinha preso no rabo, na borda do barco.” (Inf. 2); “*Aquilho* era um rebocador, uma espécie de rebocador que rebocava as baleias aqui *pa* fábrica.” (Inf. 3); “(...) o rubucador maior, que *chumavo* ‘o *Persistência*’, já chegou a trazer 15, 16 (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Rebocador*. **Doc. escrita:** “As lanchas a motor trazem vantagens por demais óbvias. Quando um bufo é avistado das falésias, um rebocador motorizado pode levar

rapidamente dois ou três botes até à proximidade da baleia (...)” (Clarke, 2001: 21). Ver **Baleia, Frota baleeira e Reboque**.

**Reboque** - n. m. - Ação de movimentar uma carga através de força alheia. **Nota:** Termo formado por derivação regressiva de *rebocar*. No contexto da baleação, era utilizado para transporte das baleias depois de mortas e das baleeiras que não se deslocavam pelos seus próprios meios e eram puxadas por outras embarcações que as levavam para o local pretendido. **Doc. oral:** “(...) quando era a remos elas iam todas de reboque e, então, lá a que remavam (...)” (Inf. 2); “(...) *pas* baleeiras não ir sozinhas assim a trabalhar, *pra* não gastar gasolina, ia de reboque com a gente (...)”; “E às vezes ele chegou a trazer três de cada lado e mais duas de reboque, assim, assim ao largo, de reboque.” (Inf. 3); “Era o grande, era o que levava, transportava de reboque, he, p’o local *dei* baleias.” (Inf. 4); “Era a motor na altura, reboque do Persistência. Depois, quando chegava ao mar das baleias, eles soltavo as baleeiras e eles iam em cima das baleias.” (Inf. 5); “(...) *aquilho* vinha ao reboque do Persistência. O cachalote, depois de morto, flutuava. Ficava, havia dias que *tava* ali sete, oito, dez cachalotes ao pé da rampa (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Reboque*. **Doc. escrita:** “Também há alguns estropos de arame e uma ou duas correntes ligeiras, para o reboque das baleias mortas.” (Clarke, 2001: 50); “(...) depois de engatar os cabos de reboque, as lanchas, cada uma com dois ou três botes à trela, partem em grande velocidade com rumo ao local onde o esparto foi assinalado.” (Clarke, 2001: 51). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 473) não regista o nome *reboque*, mas a ação de *rebocar a baleia* como “Trazer o cachalote, depois de morto, para terra. Antigamente isto era feito a poder da força de remos do bote baleeiro, levando à vezes mais do que um dia para chegar à terra, nos casos em que o animal tinha levado o bote para muitas milhas de distância. A partir da época da motorização das *lanchas da baleia*, eram estas que rebocavam com mais rapidez até junto da fábrica.”. Ver **Baleeira, Baleia e Rebocador**.

**Rede de comunicações** - n. f. - Conjunto dos equipamentos utilizados na comunicação entre as vigias, a fábrica e as embarcações. **Nota:** Termo composto pelo nome *rede* com o complemento de especificação *de comunicações* (N+P+N). **Doc. digital:** “Aproveitando a disponibilidade de excedentes militares norte-americanos da segunda grande guerra, foram comprados pela EBAM rádios-telefones para estabelecer-se uma rede de comunicações sem fio que ligava as vigias entre si e também as embarcações no mar”. (Freitas, 2016). Ver **Aparelho, Rádio da tropa e Telefone**.

**Rede (de vigias)** - n. f. - Conjunto das vigias existentes nas ilhas do Arquipélago Madeira. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *rede* com o complemento determinativo *de vigias* (N+P+N). Chegaram a cobrir a extensão de mar em redor das ilhas da Madeira, Porto Santo e Desertas. **Doc. digital:** “(...) substituindo as vigias em madeira e expandindo a rede que passou a cobrir todas as costas do arquipélago.” (Freitas, 2016). Ver **Deteção de baleias, Vigia e Vigia principal.**

**Refinar** - v. - Ato de transformar o óleo para o tornar mais fino. **Nota:** Termo formado por derivação parassintética, de *re-* + *fino* + *-ar*. **Doc. oral:** “(...) refinar o óleo, tiravo o grosso e mandavo o fino (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Refinar*. **Doc. escrita:** “(...) são-lhe retirados o toucinho e o espermacete, e depois estes materiais são refinados por derretimento em caldeirões de ferro, para fornecerem óleo de cachalote e óleo da cabeça.” (Clarke, 2001: 37 e 59). Ver **Fábrica da baleia, Óleo (de baleia), Óleo da Cabeça e Refinaria.**

**Refinaria** - n. f. - Local onde se refina o óleo da baleia. **Nota:** Termo derivado de *refinar* com o sufixo *-aria*. **Doc. oral:** “Era só despejar o óleo e máquinas e coisa, refinarias.” (Inf. 2). Ver **Fábrica da baleia e Refinar.**

**Remador** - n. m. - Aquele que rema, impelindo o movimento da baleeira pela força, através de remos. **Nota:** Termo derivado de *remar* com o sufixo agentivo *-dor*. Apresenta a variante fonética *rumador*. **Doc. oral:** “(...) no começo, era rumador.” (Inf. 4). **AÇORES:** *Remador*. **Doc. escrita:** “(...) enquanto o remador da proa se senta a estibordo e manobra um remo de bombordo, e assim por diante.” (Clarke, 2001: 37-38). Ver **Baleeira, Caça da Baleia, Remar e Remo.**

**Remar** - v. - Ato de impulsionar o movimento da baleeira pela força humana, através de remos. **Nota:** Termo derivado do nome *remo* com o sufixo verbal *-ar*. **Doc. oral:** “Era mais rendimento, ocupava menos pessoal, ocupava mais a coisa, mas dava mais coisa. (...) tá a ver um dia inteiro em cima do mar a remar todo o dia (...)” (Inf. 1). **AÇORES:** *Remar*. **Doc. escrita:** “A remar, o trancador senta-se sempre a bombordo e manobra um remo de estibordo (...)” (Clarke, 2001: 37). Ver **Baleeira, Caça da Baleia, Remador e Remo.**

**Remo** - n. m. - Vara comprida de madeira, com base mais larga, usada para impelir e movimentar a baleeira, através de força humana. **Nota:** Termo simples (do latim *remus*, -i). Na baleação madeirense, as primeiras baleeiras eram impulsionadas a remos e à vela. **Doc. oral:** “Era tudo a remos, sete pessoas cada canoa.” (Inf. 1); “No meu tempo, já não havia remos (...)” (Inf. 2); “Nessa altura era a remos.” (Inf. 4); “(...) *mes avós* contavo-me qu’era de canoa, a remos.” (Inf. 5). **AÇORES:** *Remo, órs*. **Doc. escrita:** “Um bote baleeiro açoriano tem seis remos (*órs*, nos Açores).” (Clarke, 2001: 37). Ver **Baleeira, Remador e Remar**.

**Respiro (da baleia)** Ver **Esparto (da baleia)**.

**Rumo** - n. m. - A direção a seguir de acordo com o local onde se encontravam as baleias. **Nota:** Termo simples. Na baleação, o rumo era designado pela baleia que os baleeiros tinham de seguir, segundo as orientações dadas pelo vigia. **Doc. oral:** “Não havia comunicação *pra* eles, uma vez que eles tivessem em cima das baleias, tudo muito bem. Agora, se eles não *tavam* lá, não sabiam que rumo levavam.” (Inf. 2); “(...) a baleia mudou de rumo (...) Se a gente vai assim com este rumo, ele põe a bandeira *pa* seguir sempre (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Rumo*. **Doc. escrita:** “De quarto em quarto de hora, mais ou menos, as lanchas equipadas com radiotelefone chamam os vigias em terra e perguntam se há alteração de rumo (...)” (Clarke, 2001: 51). Ver **Lençol, Frota baleeira, Rádio da tropa e Vigia (da baleia)**.

## S

**Saca de serapilheira** - n. f. - Recetáculo que serve para armazenar produtos sólidos resultantes da transformação da baleia. **Nota:** Termo composto pelo nome *saca* com o complemento determinativo *de serapilheira* (N+P+N). **Doc. oral:** “(...) via-se eles tirarem aquela farinha junto c’os ossos, *tava* vezes criava um monte, uns a encher e outros a ensacar, a amarrar as sacas de serapilheira, rijas, e *aquilho* levava sacas e sacas daquilho (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Saca de serapilheira*. **Doc. escrita:** “A carne fervida é introduzida em sacas de serapilheira e submetida a uma simples prensa, sendo depois retirada das sacas, maciada e enviada para a unidade de secagem.” (Clarke, 2001: 74). Ver **Farinha (de baleia)**.

**Sangue (da baleia)** - n. m. - Líquido vermelho e viscoso das baleias. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *sangue* com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). Na baleação madeirense, o sangue era recolhido na plataforma e utilizado para enriquecer as farinhas. **Doc. oral:** “(...) o próprio sangue no mesmo dia é aproveitado pro uma bica, p’uma levada, a correr ali e coisa. Vai correndo, vai correndo o sangue, cande tá cheio, fechou, ligou, liga o vapor. Daí a 2 horas de tempo tá cozido.” (Inf. 1); “(...) depois, eles iam lançando... começava aquele sangue já em cima do mar (...)” (Inf. 2). **AÇORES:** *Sangue*. **Doc. escrita:** “O sangue é escoado da plataforma por meio de um sistema de regos que desaguam em fossas abertas na rampa. (...)” (Clarke, 2001: 70). Ver **Baleia, Bica, Fábrica da baleia e Farinha (de baleia)**.

**Sapatada (da baleia)** - n. f. - Pancada desferida pela cauda da baleia. **Nota:** Termo simples ou composto pelo nome *sapatada* (de *sapato* + *-ada*) com o complemento determinativo *da baleia* (N+P+N). **Doc. oral:** “Um *tava* a balear, a balear e uma baleeira deu uma sapatada e o trancador partiu uma perna.” (Inf. 1); “Nã sentia... sentia-se um pavor, que um peixe daqueles jogando c’uma sapatada, que apanhando c’o rabo pega numa baleeira que despedaça aos pedaços.” (Inf. 1). Ver **Baleeira e Rabo (da baleia)**.

**Scrimshaw** - n. m. - Arte decorativa feita artesanalmente, cuja matéria-prima é o dente ou osso do maxilar da baleia. **Nota:** Empréstimo do Inglês. Arte baleeira, ou seja, com origem na baleação, que consiste na decoração dos dentes e mandíbulas de cachalote, precedido ou não de gravação, através de entalhe, na superfície do dente. **Doc. oral:** “Isso foi no princípio era esculpido, não era scrimshaw, era esculpido, os dentes. Eles pegavo no canivete que não havia muitas ferramentas.” (Inf. 5); “As gravações do scrimshaw, isso não houve grande coisa no Caniçal, houve um ou outro.” (Inf. 5); “Quando era no Porto Moniz, no Porto Moniz, até as vinhas ero estacadas com ossos de baleia. Dizem que *forem* lá roubarem isso tudo *pra* fazer artesanatos, já não há ossos de baleia *pra* fazer nada.” (Inf. 2); “(...) a baleia serviu *pra* isso, *pra* ganhar umas patacas *a* custa disso, dos ossos, dos dentes e disso, *pra* mim e *pra* mais pessoas aí. (...) nesta profissão de artesanato (...)” (Inf. 5). **AÇORES:** *Scrimshaw* e *dente marcado*. **Doc. escrita:** “Uma arte já com cerca de 200 anos de idade, o scrimshaw surgiu das circunstâncias de vida do baleeiro americano, e o termo aplica-se, na sua expressão mais lata, a todo o artesanato sobre dentes de cachalote, ou "marfim", ossos da queixada (...)” (Clarke, 2001: 75). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 209) regista *dente marcado* como “Antiga designação

baleeira que significava todo o trabalho de gravura ou de escultura em dentes de cachalote; o m.q. *Scrimshaw*”. Ver **Dente da baleia** e **Maxilar da baleia**.

**Secador** - n. m. - Equipamento por onde passava a farinha, para ser extraída toda a humidade. **Nota:** Termo formado pelo verbo *secar* com o sufixo *-dor*. A farinha, posteriormente, era peneirada e ensacada, sendo utilizada para ração de animais e adubo para a agricultura. **Doc. oral:** “Pos que a farinha sai e vai pa dentro po po po secador, dentro o secador, o secador com umas, *co* quê, com uns quinze metros de comprido (...)” (Inf. 1); “(...) era tudo esmagado, metia num secador *pa* secar, já saía em farinha (...)” (Inf. 3). **AÇORES:** *Secador*. **Doc. escrita:** “Não se usam cortadoras mecânicas: a carne para os secadores é cortada, com facas de açougueiro (...)” (Clarke, 2001: 73). Ver **Fábrica da baleia** e **Farinha (de baleia)**.

**Selha** - n. f. - Recipiente em madeira que continha a linha enrolada sem nós, cuja ponta estava amarrada ao arpão. **Nota:** Termo simples que apresenta a variante morfológica *selho* (forma masculina da palavra). Ao ser arremessado, levava consigo a linha, que mantinha a baleeira presa à baleia, quando esta era arpoada e se iniciava a perseguição. A linha ia-se desenrolando e saindo da selha à velocidade imposta pelo animal, por isso deveria manter-se sempre livre, sem necessidade de manobras que pudessem levar à perda de animais ou representassem perigo para os baleeiros. **Doc. oral:** “(...) uma selha assim grande, mais ou menos isto, com duzentos e tal metros, uma linha, uma linha grossa.” (Inf. 1); “(...) as cordas dentro as selhas que o arpão levava (...)” (Inf. 2); “Depois tinha que preparar os cabos, as selhas todas arrumadas *cos* cabos (...)” (Inf. 5); “(...) ele passa o selho da corda passa o cabeça e ele, então, vai dando pouco a pouco até ela parar.” (Inf. 3). **AÇORES:** *Selha* com a variante gráfica *celha*. **Doc. escrita:** “Numa baleeira açoriana, a linha de baleia é enrolada em duas selhas de tamanho idêntico.” (Clarke, 2001: 45). **Doc. lexicográfica:** No *TLPGP*, regista-se *celha* como termo dos Açores com a aceção de “Depósito quadrangular, na canoa baleeira, onde se encontra a linha. BaptistaF 1970: 575”. Ver **Arpoar**, **Levar a corda** e **Linha (da baleia)**.

**Serralheiro** - n. m. - Aquele que produzia, artesanalmente, as ferramentas utilizadas na atividade baleeira. **Nota:** Nome de profissão com o sufixo *-eiro*, que apresenta o sinónimo *mestre*. **Doc. oral:** “A fábrica tinha serralheiros *pa* fazer a obra. Então, a que os baleeiros pedio, *cuma* é que podio fazer, *cuma* quero fazer (...)” (Inf. 1); “O mestre... ia lá c’o

mestre e o mestre ia lá à oficina, lá dentro da forja e fazio lá à sua maneira.” (Inf. 1); “Havia mestres, já construiu aqui no Caniçal.” (Inf. 4). Ver **Arpão (da baleia)**, **Fole**, **Forja e Lança (da baleia)**.

**Sinal** Ver **Foguete a rebentar**.

**Sócio-gerente** - n. m. - Coproprietário com funções de coordenação, neste caso na fábrica baleeira do Caniçal. **Nota:** Termo composto pelos nomes *sócio* e *gerente* (N+N). **Doc. digital:** “Assinaram a escritura de constituição da empresa (...) com os segundo e terceiro outorgantes a se tornarem sócios-gerentes da EBAM.” (Freitas, 2016). Ver **EBAM**.

**Sopro da baleia** Ver **Esparto (da baleia)**.

## T

**Tambor** Ver **Bidão**.

**Tanque de óleo** - n. m. - Reservatório existente na fábrica, destinado à decantação e armazenamento do óleo de baleia. **Nota:** Termo composto pelo nome *tanque* com o complemento de especificação *de óleo* (N+P+N). **Doc. oral:** “(...) tinha-se dez, doze tanques de óleo a receber óleos já cozidos. Aquilho não podia ser tudo *po* mesmo tanque, tudo igual. O primeiro dia, o óleo, tira-se o óleo com meio grau. No segundo dia, já se vai óleo c’um grau, um grau e tal (...)” (Inf. 1); “O óleo ia, é transportado *pa* dentro os tanques (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Tanque*. **Doc. escrita:** “(...) há quatro tanques de armazenagem de óleo.” (Clarke, 2001: 74). Ver **Baleia, Óleo da cabeça** e **Óleo (de baleia)**.

**Técnica artesanal** - n. f. - Prática manual executada pelos baleeiros. **Nota:** Termo composto pelo nome *técnica* com o adjetivo *artesanal* (N+Adj). É o caso dos utensílios usados na baleação que eram arremessadas à força manual. **Doc. digital:** “(...) o conhecimento secular das técnicas artesanais da caça à baleia herdadas dos yankees (...)” (Freitas, 2016). Ver **Arpão (da baleia)**, **Caça da baleia** e **Lança (da baleia)**.

**Telefone** - n. m. - Aparelho de comunicação. **Nota:** Termo genérico. **Doc. oral:** “ligaram os telefones, mas antes era tudo *po* meio dum aparelho.” (Inf. 1); “(...) mas já era *pro* telefone. Nessa altura, já havia telefone.” (Inf. 2); “(...) havia ali um telefone qu’era *pa* ligar, que tinha uns fios de cima a baixo à fábrica.” (Inf. 5). Ver **Fábrica da baleia**, **Rede de comunicações** e **Vigia (da baleia)**.

**Toicinho da baleia** - n. m. - A camada de gordura que cobre o corpo dos cetáceos. **Nota:** Termo composto pelo nome *toicinho* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). Apresenta o sinónimo *gordura*. No cachalote, pode atingir os 50 cm de altura. É utilizada para derreter e transformar em óleo. **Doc. oral:** “O óleo do toicinho aguenta mais, c’o frio não se congela tanto.” (Inf. 1); “Era *pa* cortar, *pa* tirar o toicinho (...)” (Inf. 3); “(...) tinha toicinho desta grossura.” (Inf. 4); “(...) tipo o arpão em cima do toicinho da baleia (...)” (Inf. 5); “(...) aquilho era quase tudo, aquilho era gordura (...)” (Inf. 1); “(...) aquilho era gordura e aquilho era toda derretida.” (Inf. 2); “A gordura, chamava-se a gordura, exatamente (...)” (Inf. 4); “Era de de gordura, do toicinho (...)” (Inf. 5). **Doc. lexicográfica:** Pestana (1970) identifica a palavra *toicinho* apenas como do porco. **AÇORES:** *Toucinho*, variante fonética de *toicinho*. **Doc. escrita:** “O "aproveitar da baleia" consta de duas etapas: a baleia é primeiro esquartejada, isto é, são-lhe retirados o toucinho e o espermacete, e depois estes materiais são refinados por derretimento em caldeirões de ferro, para fornecerem óleo de cachalote e óleo da cabeça”. (Clarke, 2001: 59). Ver **Baleia**, **Cachalote**, **Derreter** e **Óleo (de baleia)**.

**Tonelada** - n. f. - Unidade de peso equivalente a 1000 quilogramas, utilizada para grandes volumes. **Nota:** Termo derivado do nome *tonel* com o sufixo *-ada*. **Doc. oral:** “O ratuele e o *finebeque* e a baleia, o cachalote, o peixe maior era 70, 75 toneladas.” (Inf. 1); “Vinha navios de tanques, aqui com 300, 400 toneladas, vinho buscar esse óleo aqui.” (Inf. 4); “(...) aquilho tinha bastantes, sei lá, tinha 40 toneladas, 50 toneladas. Depois, aquilho puxava o cachalote pela rampa fora (...)” (Inf. 5). Ver **Cachalote**, **Farinha (de baleia)** e **Óleo (de baleia)**.

**Traiol** - n. m. - Instalação rudimentar para processamento dos cachalotes. **Nota:** Forma aportuguesada do Inglês *trywork*, introduzida na Madeira pelos baleeiros açorianos. Local de produção nos primeiros anos da atividade baleeira na Madeira. **Doc. escrita:** “Esses animais foram transformados no calhau da Ribeira da Janela, num posto de transformação

muito rudimentar, construído nos últimos meses do ano anterior: o «Traiol».” (Carvalho, 2008: 84). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2016: 402) averba o termo como “pequena unidade de derretimento dos produtos da baleia, nos portos onde não existia fábrica (do am. *tryworks*)”. **AÇORES:** *Traiol*. **Doc. escrita:** “Os caldeiros são encastrados numa espécie de forno em pedra vulcânica chapeada a cimento, formando uma unidade de extracção chamada traiol.” (Clarke, 2001: 65). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 556) documenta *traiol* como “Pequena unidade de derretimento dos produtos de baleia, nos portos onde não existia fábrica (do am. *trywork*)”. Ver **Baleia, Cabrestante, Caça da baleia, Calhau e Panela**.

**Trancador** Ver **Arpoador**.

**Trancar** Ver **Arpoar**.

**Tripulação das baleeiras** - n. f. - Grupo de homens que trabalha a bordo das baleeiras.

**Nota:** Termo composto pelo nome *tripulação* com o complemento de especificação *das baleeiras* (N+P+N). Engloba os marinheiros, o arpoador e o mestre. **Doc. digital:** “(...) em 1944 todos os vigias e a grande maioria das tripulações das baleeiras fossem madeirenses (...)” (Freitas, 2016). **AÇORES:** *Tripulação*. **Doc. escrita:** “Veremos adiante que num bote aberto, de 11,6 metros de comprimento, assim atravancado e ainda sobrecarregado com uma tripulação de sete homens, não há lugar para os incapazes ou os desastrados, sobretudo quando a linha corre (...)” (Clarke, 2001: 31). Ver **Arpoador, Arrais (da baleeira), Baleeira e Remador**.

## V

**Vapor** - n. m. - Energia resultante da pressão do vapor na fábrica da baleia. **Nota:** Termo simples e genérico. O vapor era usado para impulsionar o funcionamento de equipamentos e máquinas utilizadas no processamento das baleias. **Doc. oral:** “(...) liga o vapor, daí a 2 horas de tempo *tá cozido*.” (Inf. 1); “Era um bicho grande, grande, grande mesmo, a vapor, puxava *aquilho* parecia que... era assim tumtumtum tumtumtum, sempre naquela coisa, e a baleia sempre a vir, sempre a vir, sempre a vir, até cá em cima.” (Inf. 3). **AÇORES:** *Vapor*. **Doc. escrita:** “As ilhas do Faial, Flores, Pico e São Miguel têm cada uma a sua fábrica baleeira alimentada a vapor, onde a baleia é içada para um pátio

de corte e aí reduzida a toucinho, carne e ossos para cozedura sob pressão.” (Clarke, 2001: 69). Ver **Autoclave, Fábrica da baleia e Guincho (a vapor)**.

**Varar** - v. - Ato de trazer para terra, quer a baleia para ser processada, quer as embarcações. **Nota:** Termo simples. No *traiol*, as baleias eram varadas através do cabrestante, enquanto na fábrica era o guincho que as puxava pela rampa. As baleeiras eram varadas recorrendo ao guindaste existente na fábrica. **Doc. oral:** “(...) a Guarda-fiscal tinha que *tar*, a gente *nã* tava, tinha que *tar* na fábrica de manhazinha e s’ela *nã* tivesse de manhazinha a gente *nã* podia varar a baleia (...)” (Inf. 1); “(...) chamava-se varar, que era tirá-lo, dez, quinze minutos, ele vinha cá *pra* cima, se a maré tivesse cheia, se a maré tivesse vazia já era um pedacinho mais (...)” (Inf. 2); “Pa varar as baleias (...)”; “As baleeiras tinham que varar às horas que chegasse.” (Inf. 3); “(...) cando havia baleias, ia-se ver eles varar baleias (...)” (Inf. 5). **Doc. lexicográfica:** No *TLPGP*, para a Madeira, documenta-se *varar* como “Transportar para terra uma embarcação. Rezende 1961: 310”. **AÇORES:** *Varados* (de *varar*). **Doc. escrita:** “Durante os meses de Verão os botes não são levados para as casas; ficam varados ao longo da rampa de pedra que leva à enseada, prontos a arrear.” (Clarke, 2001: 49). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 575) averba *varar* como “Retirar a embarcação do mar, para o varadoiro”. Ver **Baleia, Baleeira, Cabrestante, Guindaste e Rampa (da fábrica)**.

**Varrer** Ver **Vigiar**.

**Varrido** - adj. - Ato de observar o mar, à procura de detetar baleias. **Nota:** Particípio passado do verbo *varrer* que ocorre como adjetivo. **Doc. escrita:** “Desde as seis horas da manhã o mar era varrido pelos vigias com a ajuda de potentes binóculos.” (D.N. 1984). Ver **Binóculo, Vigia, Vigia (da baleia) e Vigiar**.

**Vela** - n. f. - Pano forte e resistente, içado através de mastros, utilizado para impelir o movimento das embarcações, através da força do vento, na caça à baleia. **Nota:** Termo simples. No contexto da baleação madeirense, as primeiras baleeiras eram impulsionadas à vela e a remos. **Doc. oral:** “No princípio, cando era à vela (...)”; “(...) ia-se c’ a vela no ar, ela fez o impulso (...)” (Inf. 4). **AÇORES:** *Vela*. **Doc. escrita:** “Os baleeiros dos Açores utilizam as velas sempre que há vento suficiente. A manobra à vela permite, não só a máxima velocidade em função das condições do tempo, mas também uma

aproximação muito mais silenciosa do que a que é possível a remos.” (Clarke, 2001: 37).  
Ver **Baleeira, Baleeiro e Caçar**.

**Vigia** - n. f. - Posto de observação de baleias. **Nota:** Termo formado por derivação regressiva do verbo *vigiar*. Pequeno compartimento que é o abrigo do vigia, situado em ponto alto costeiro, em diferentes localidades da Madeira, permitindo a cobertura do mar e da costa. **Doc. oral:** “(...) *aquilho* é alta, a vigia é *cuma* ali no Garajau, tamem é alta, tá em cima do cais (...)”; “(...) *tavam* ali num quartinho pequeninho, a vigia, e tinha assim uma caminha e prontos.” (Inf. 2); “(...) a vigia principal que davo o sinal era esta aqui (...)” (Inf. 4); “(...) quando se subia, já passava-se na vigia, porque a vigia ficava ali naquela zona (...)” (Inf. 5). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2016: 418) define o termo do mesmo modo que o faz para os Açores. **AÇORES:** *Vigia* com o sinónimo *posto de observação*. **Doc. escrita:** “(...) Todas as ilhas têm vários postos de observação, ou vigias, dispostos a intervalos convenientes no topo das escarpas.” (Clarke, 2001: 28). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 584) regista *vigia* como “Pequeno abrigo, geralmente de um só piso, com uma ranhura larga e pouco alta aberta para o lado do mar [– a janela –] e uma pequena porta nas traseiras, instalada em falésia sobranceira ao mar para se poder observar um vasto horizonte e detetar o bufo das baleias (...)”. No *TLPGP*, averba-se *vigia* como termo dos Açores com a aceção de “Local onde o vigia trabalha. BaptistaF 1970: 688”. Ver **Baleia, Binóculo, Vigia (da baleia) e Rede de Vigias**.

**Vigia (da baleia)** - n. m. - Aquele que ficava em terra, em ponto alto costeiro, com boa visibilidade sobre o mar e que, por meio de binóculos, procurava detetar baleias. **Nota:** Nome formado por derivação regressiva do verbo *vigiar*. Termo simples ou composto pelo nome *vigia* com o complemento de especificação *da baleia* (N+P+N). O vigia, depois de detetar as baleias, tinha de seguir o seu movimento, até que fossem alcançadas pelos baleeiros. **Doc. oral:** “(...) o vigia dava o sinal, dava o foguete (...)” (Inf.1); “(...) se o vigia, se o vigia quisesse ganhar dinheiro, tinha que trabalhar, tinha que olhar, o patrão não tava lá.” (Inf. 2); “(...) o vigia sempre a dizer onde é o local delas (...)” (Inf. 3); “O vigia ia vendo, comunicava *pa* embarcações (...)” (Inf. 4); “Seu Eleutério mandou-me *assubir* o pico e ir lá *pra* cima *pa* vigia, *pa* ver *ei* baleias *pa* donde *io* andando (...)” (Inf.1). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2016: 417) averba, para a Madeira, o termo *vigia (da baleia)*, usando a mesma definição que regista para os Açores. **AÇORES:** *Vigia (da baleia)*. **Doc. escrita:** “(...) um vigia experiente postado no alto da falésia, nas melhores

condições atmosféricas, consegue vislumbrar um esparto a 30 ou 35 milhas de distância.” (Clarke, 2001: 29). **Doc. lexicográfica:** Barcelos (2008: 584) documenta *vigia* como “Aquele que vigiava, que detectava a baleia, nos tempos da sua caça (...) Antes do aparecimento das modernas vias de comunicação, dos radiotransmissores, o *vigia da baleia* enviava para o ar um foguete, ou melhor, uma bomba, assim assinalando a descoberta de uma nova baleia, indicando a sua posição com grandes panos brancos, semelhantes a lençóis, que dispunha na relva, consoante essa posição, em código preestabelecido entre ele e os baleeiros (...)”. No *TLPGP*, regista-se *vigia* como termo dos Açores para “Homem encarregado de vigiar o mar para ver se surge baleia. BaptistaF 1970: 688”. Ver **Baleias à vista, Binóculo, Detecção de baleias e Lençol**.

**Vigiar** - v. - Ato de observar o mar, através de um binóculo, com o objetivo de detetar baleias. **Nota:** Termo simples que apresenta o sinónimo *varrer* (cf. *varrido*). **Doc. oral:** “Um vigia era vigia, tinha que vigiar.” (Inf. 2). Ver **Binóculo e Vigia (da baleia)**.

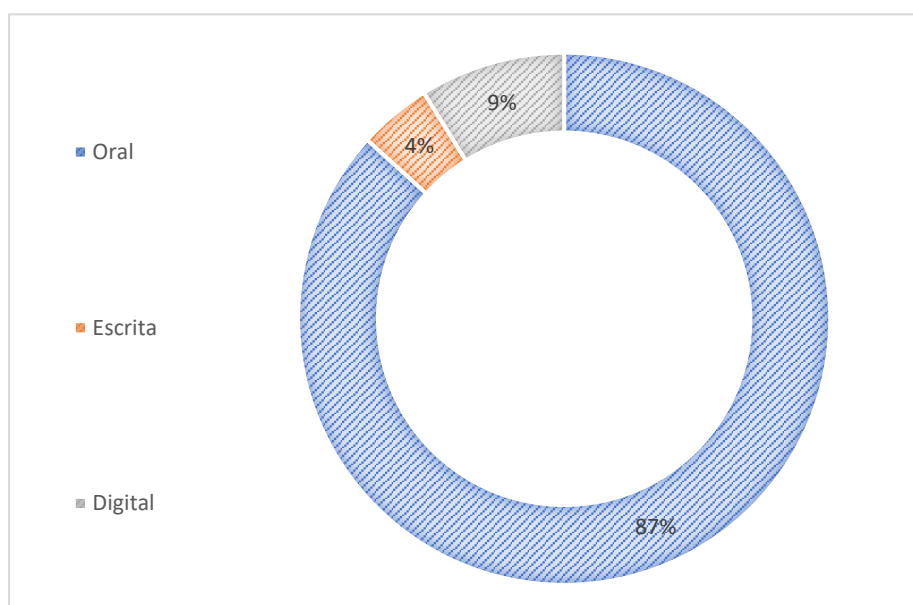
**Vigia principal** - n. f. - Aquela para onde devia ser comunicada a presença de baleias, para que assinalasse o início da caçada. **Nota:** Termo composto pelo nome *vigia* com o adjetivo *principal* (N+Adj), aplicado à *vigia* do Caniçal porque era a principal. **Doc. oral:** “(...) era a vigia do Caniçal a que *arrecebia* as ordens, que a gente... “olha, tem aqui baleias à vista, *tá* assim e assim, tantos graus”. Ele: “*tá bom*”. Ele ia à rua, mandava o foguete *pos* baleeiros avançarem (...)” (Inf. 2); “(...) a vigia principal, que *davo* o sinal, era esta aqui... As outras vigias, *cando vio*, comunicavo *pr’aqui e, adepos*, o vigia *dava* o foguete, que havia um foguete *pa* dar sinal, *pa* chamar o pessoal *atenção*.” (Inf. 4). Ver **Foguete a rebentar, Lençol, Telefone, Rede de Vigias e Vigia**.

## Capítulo IV - Discussão dos Resultados

### 1. Resultados das entrevistas

A realização das entrevistas, com a aplicação de um questionário onomasiológico (partindo dos conceitos para recolher os termos que os denominam), revelou-se fundamental para este trabalho de pesquisa. Pois, como se pode ver no glossário, a documentação oral predomina largamente em relação à documentação escrita existente sobre a cultura baleeira na Madeira, o que se constata no Gráfico 1. Ao contrário dos Açores, onde existe documentação escrita (apesar do objetivo de estudo não ser o vocabulário) e lexicográfica que regista a terminologia da atividade, na Madeira não teria sido possível elaborar um glossário conceptual do sistema de termos inter-relacionados da baleação sem as fontes orais.

Gráfico 1: Proveniência da documentação



Das 180 entradas lexicais, 156 foram recolhidas através das entrevistas, registando os termos e as respetivas definições em total respeito pelos conceitos dados pelos informantes: *acidez, alamar, amarra, amarração, amarrar, âmbar (cinzento), amostra de óleo, ampebeque, analisar óleo, aparelho, arpão (da baleia), arpoador, arpoar, arrais (da baleeira), arriar, artesanato, autoclave, baía, balança, balde, baleeira, baleeiro, baleeiro do mar, baleia, baleias à vista, banco, bandeira vermelha, barco, bateria, bica, bidão, binóculo, boca de panela, boiar, bombordo, borda do barco, bordo, brucho, cabeça do cachalote, cabeça, caça da baleia, caçar, cachalote, caldeira (da baleia),*

*canhão, carcaça (da baleia), cardume de baleias, carne (da baleia), carreira da morte, catana, cédula marítima, cercar, cerco (da baleia), cesta de vime, cheiro (da baleia), corrente, cozer, cria (da baleia), dente da baleia, derreter, encarregado da comissão (dos baleeiros), engodo (de cachalote), escritório (da EBAM), esparto (da baleia), espelho, esquartejar, estibordo, fábrica da baleia, farinha (de baleia), fêmea, finebeque, fita, foguete, foguete a rebentar, fole, forja, frigorífico, furna, gabana, gancho, goiva, grau, grelha, guincho (a vapor), guindaste, homens de terra, lança (da baleia), lançar, lancha, leme, lençol, levar a corda, lima, linha (da baleia), macho, marcador de graus, marfim (de baleia), marinheiro, maxilar da baleia, medir, mergulho, mestre da lancha, milha, motor (da baleeira), motorista das lanchas, navalhão, navio baleeiro, navio de canhão, navio de tanque, óleo (de baleia), óleo da cabeça, osso de baleia, panela, peneira, peneirar, picada, piloto, plataforma, poço, popa, prensa, proa, quico, quilo de pressão, rabo (da baleia), ração, rádio da tropa, rampa (da fábrica), raspa (da pele), ratuele, rebocador, reboque, refinar, refinaria, remador, remar, remo, rumo, saca de serapilheira, sangue (da baleia), sapatada (da baleia), scrimshaw, secador, selha, serralheiro, tanque de óleo, telefone, toicinho da baleia, tonelada, vapor, varar, vela, vigia, vigia (da baleia), vigiar, vigia principal.*

Alguns destes termos não se encontram dicionarizados por serem desconhecidos da língua geral, uma vez que correspondem ao vocabulário de uma área de atividade específica, a baleação. Os trabalhadores de terra e do mar são especialistas nesta, na medida em que têm um conhecimento especializado das suas técnicas, artefactos e respetivas denominações. A esta especialização estão associados os termos importados do Inglês, através dos baleeiros açorianos, que são formas aportuguesadas registadas em Clarke (2001) e no glossário regional dos Açores de Barcelos (2008). Ao mesmo tempo, muitos dos termos dicionarizados, nos dicionários gerais da língua portuguesa, não apresentam aceções relativas à cultura baleeira, com exceção do dicionário de Cândido de Figueiredo e do *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego-Português*, que registam termos da baleação dos Açores.

A realização de entrevistas a cinco informantes madeirenses, além de permitir resgatar uma terminologia ainda não documentada da atividade baleeira no arquipélago da Madeira, possibilitou uma aproximação de pessoas que guardam memórias duma realidade que já não tem lugar na sociedade atual. Aceitaram ir caçar baleias à procura de melhores condições de vida que tardaram em chegar, mas que puseram pão na mesa de muitas famílias. Verbalizam-nas de vez em quando, muito menos do que as vezes em que

se surpreendem a recordá-las. É da articulação e organização dessas memórias que foi possível recolher o património cultural imaterial da baleação madeirense, nomeadamente o saber fazer da atividade e, através deste, o património linguístico associado àquela, em vias de extinção com o desaparecimento da caça à baleia na Madeira e dos seus antigos trabalhadores.

Como já foi dito anteriormente, nas transcrições das fontes orais dá-se conta de vários traços fonéticos e morfossintáticos característicos do Português popular e do português falado na Madeira, além de algumas características da oralidade. No que se refere a estas, destaca-se o registo da contração de palavras: “com + a” = *c’a*, “para + a” = *pa*, “para + o” = *po* ou *pao*, “que + a” = *qu’a*, “que + eu” = *qu’eu*, e a redução silábica em *pa* e *pra* por “para”. Quanto aos traços do Português popular, salienta-se a monotongação e desnasalização da terminação verbal da terceira pessoa do plural, ou seja, alteração do ditongo final [ãw] em [u]: “caçaram” = *caçaro*, “chamavam” = *chumavo*, “cortaram” = *cortaro*, “esquartejarm” = *esquartejaro*. Regista-se a alteração por monotongação da vogal nasal final [ẽ] por [ãw]: “faziam” = *faziem* e “foram” = *forem*. Ocorre um fenómeno de hipercorreção em *cardumo* por “cardume”. Documenta-se monotongação em *olo* por “óleo” e *nã* por “não”. Encontra-se uma assimilação vocálica (a primeira vogal passa a velar [u] por influência articulatória da segunda vogal que é posterior ou velar) em *rubucador* por “rebocador”, uma alteração do timbre vocálico –a– por –e– em *lançol* por “lençol” e uma supressão da vogal inicial átona a– em *inda* por “ainda”. Relativamente aos fenómenos fonéticos do dialeto madeirense, sobressaem: a alteração do timbre da vogal pretónica –i–, “tirava-se” = *terava-se*; a alteração da vogal –a– em –e– e semivocalização da consoante final –s em [j] (semivogal palatal), “dos” = *dui*, “nas” = *nei*, “às” = *ai* e *ei*; palatalização do *l*, quando precedido de –i– “aquilo” = *aquilho* e “daquilo” = *daquilho*; alteração ou apagamento da vogal final –u > [ə], por estar em posição fraca, “aquilo” = *aquilhe* e “quando” = *cande*; ditongação da vogal tónica, “machos” = *maichos*.

Para além dos termos que compõem o glossário, nas fontes orais ainda foram registados alguns topónimos como *Ribeira da Janela*, *Garajau* e *Caniçal* que remetem para a itinerância das instalações baleeiras na ilha da Madeira. Foram igualmente registados alguns antropónimos, designadamente *Eleutério Reis*, *Jacques Soulaire*, *José Cymbron*, *Petra Deimer* e *Piloto Gouveia*. Todos eles recordam pessoas que tiveram papéis de destaque na baleação, trazendo novas perspetivas sobre a atividade, como é o caso do *Piloto Gouveia*, cujo antropónimo é composto pelo nome de profissão com o

nome de família, que foi um dos impulsionadores da caça na Madeira e o primeiro piloto a operar na baleação madeirense. Igual destaque tem o nome da bióloga alemã *Petra Deimer*, que esteve na Madeira a estudar os cachalotes. Foram ainda registadas algumas alcunhas, nomeadamente *Amigo*, *Artilheiro*, *Juanca*, *Perna Grossa* e *Tipilho*, todas referentes a baleeiros. No Caniçal, as alcunhas, enquanto formas que todos conhecem de identificar o indivíduo na comunidade, eram e ainda são muito comuns, chegando mesmo a acontecer que uma pessoa seja dificilmente conhecida pelo seu nome próprio e facilmente identificada pela alcunha. Ainda, foram feitas referências à *venda*, onde as mulheres dos baleeiros se abasteciam dos produtos que os maridos levavam para o mar, e à abertura do *furado* ou túnel (ligação terrestre ao resto da ilha). Estes elementos remetem para a realidade sociocultural do Caniçal, onde a abertura do túnel teve um papel determinante para o desenvolvimento da freguesia, bem como para a sua comunidade.

## 2. Resultados do glossário

O glossário é composto por 180 entradas lexicais, não contabilizando as remissões entre os verbetes. Estas constituem sinónimos que são tratados juntamente com os lemas correspondentes, com o mesmo significado.

A nível quantitativo, o glossário apresenta 74 termos simples: 60 nomes (*autoclave*, *baía*, *balança*, *balde*, *baleia*, *banco*, *barco*, *bateria*, *bica*, *bidão*, *binóculo*, *boiar*, *bombordo*, *bordo*, *cabeço*, *cabrestante*, *cachalote*, *calhau*, *canhão*, *catana*, *corrente*, *croque*, *espelho*, *estibordo*, *fêmea*, *fita*, *foguete*, *fole*, *forja*, *frigorífico*, *furna*, *gabana*, *gancho*, *goiva*, *grau*, *grelha*, *guindaste*, *lancha*, *leme*, *lençol*, *lima*, *machado*, *macho*, *mandador*, *milha*, *panela*, *peneira*, *picada*, *piloto*, *plataforma*, *poço*, *popa*, *proa*, *ração*, *remo*, *rumo*, *selha*, *telefone*, *vapor e vela*), 12 verbos (*amarrar*, *arriar*, *caçar*, *cercar*, *cozer*, *derreter*, *lançar*, *medir*, *peneirar*, *remar*, *varar e vigiar*), 1 adjetivo (*varrido*), 1 verbo que também ocorre como nome (*arpoar*) e um nome registado igualmente como adjetivo (*macho*).

Quanto aos termos derivados, registaram-se 22 ocorrências: 14 por derivação sufixal (*acidez*, *amarração*, *arpoador*, *artesanato*, *baleeira*, *baleeiro*, *marinheiro*, *navalhão*, *rebocador*, *refinaria*, *remador*, *secador*, *serralheiro e tonelada*), seis por derivação regressiva (*amarra*, *aparelho*, *mergulho*, *prensa*, *reboque e vigia*), duas por derivação parassintética (*esquartejar* e *refinar*).

No que respeita aos termos compostos, predominam os substantivos formados por nome + preposição + nome (N+P+N), no total de 58: *abate (da baleia)*, *amostra de óleo*, *arpão (da baleia)*, *arraís (da baleeira)*, *baleeiro do mar*, *baleia de barbas*, *boca-de-panela*, *borda do barco*, *cabeça do cachalote*, *caça da baleia*, *caldeira (da baleia)*, *carcaça (da baleia)*, *cardume de baleias*, *carne (da baleia)*, *carreira da morte*, *cerco (da baleia)*, *cesta de vime*, *cheiro (da baleia)*, *cria (da baleia)*, *dente da baleia*, *dorso (da baleia)*, *deteção de baleias*, *encarregado da comissão (dos baleeiros)*, *engodo (de cachalote)*, *escritório (da EBAM)*, *fábrica da baleia*, *farinha (de baleia)*, *guincho (a vapor)*, *homens de terra*, *lança (da baleia)*, *lides do mar*, *linha (da baleia)*, *marcador de graus*, *marfim (de baleia)*, *maxilar da baleia*, *mestre da lancha*, *motor (da baleeira)*, *motorista das lanchas*, *navio de canhão*, *navio de tanque*, *óleo (de baleia)*, *óleo da cabeça*, *osso de baleia*, *perseguição (da baleia)*, *quilo de pressão*, *rabo (da baleia)*, *rádio da tropa*, *rampa (da fábrica)*, *raspa (da pele)*, *rede de comunicações*, *rede (de vigias)*, *saca de serapilheira*, *sangue (da baleia)*, *sapatada (da baleia)*, *tanque de óleo*, *toicinho da baleia*, *tripulação das baleeiras*, *vigia (da baleia)*.

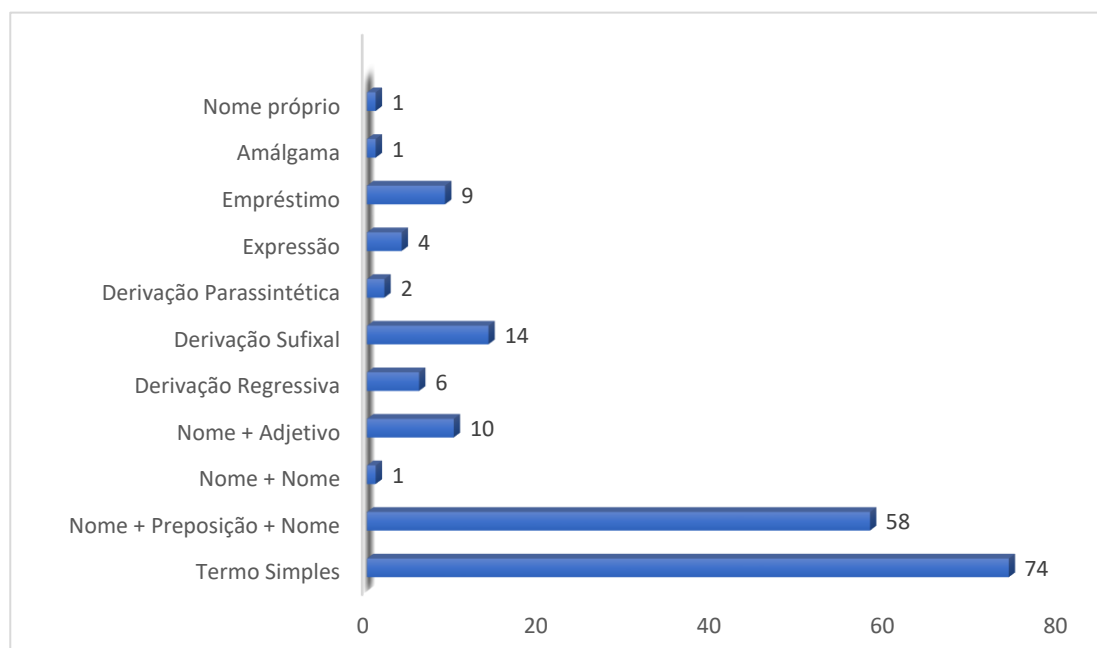
Seguem-se os 10 termos compostos por nome + adjetivo (N+Adj.): *alvará provisório*, *âmbar (cinzento)*, *armação baleeira*, *bandeira vermelha*, *cédula marítima*, *contraplacado marítimo*, *frota baleeira*, *navio baleeiro*, *técnica artesanal e vigia Principal*. Relativamente à composição nome + nome (N+N), apenas foi documentado o termo *sócio-gerente*.

Documentaram-se nove empréstimos, todos nomes que são formas aportuguesadas do Inglês, usados na Madeira: *ampebeque*, *brucho*, *esparto (da baleia)*, *finebeque*, *garapim*, *quico*, *ratuele*, *scrimshaw* e *traiol*.

Os restantes lemas são: um nome próprio *EBAM*, integrado numa categoria com a mesma designação, e quatro expressões (*analisar óleo*, *baleias à vista*, *foguete a rebentar* e *levar a corda*). Considerou-se ainda separadamente a locução adverbial *alamar* (amálgama de *além + mar*).

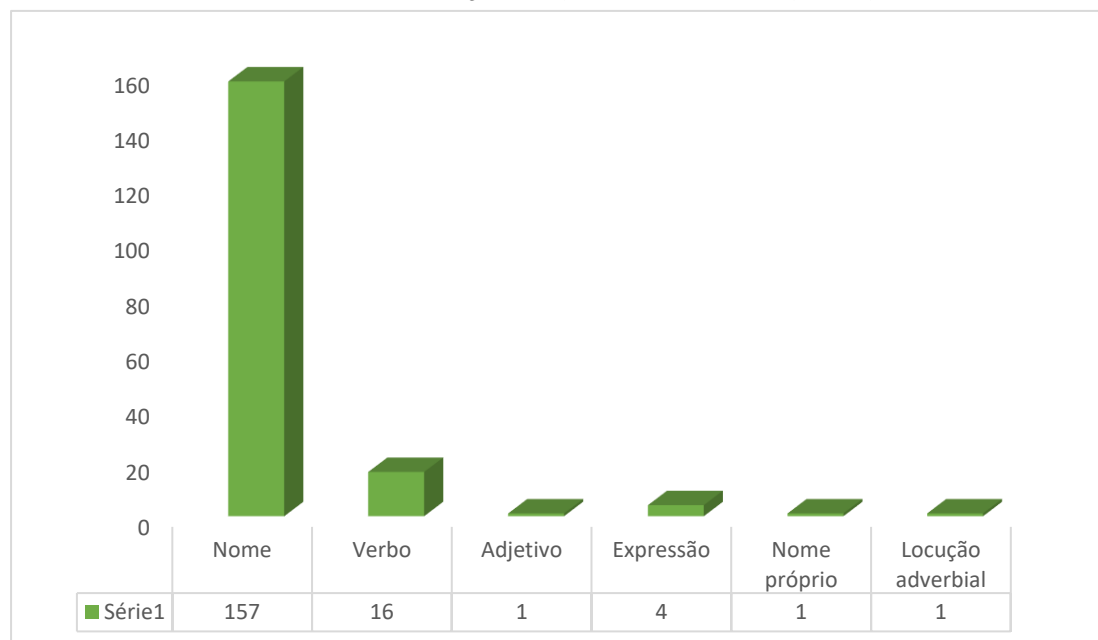
No Gráfico 2, observa-se a composição do glossário de acordo com a classificação morfológica dos lemas que o constituem. Verifica-se o predomínio dos termos simples que denominam objetos (nomes) e ações (verbos), seguidos dos nomes compostos por nome + preposição + nome. Confirma-se, assim, o grande número de substantivos simples e compostos com um complemento de especificação, que é outra das características das linguagens de especialidade.

**Gráfico 2: Composição do glossário por classificação morfológica**



No Gráfico 3, que representa a composição do glossário por categoria gramatical, confirma-se o predomínio dos nomes, uma característica das terminologias.

**Gráfico 3: Composição do glossário por categoria gramatical**



Somando o total das categorias gramaticais apresentadas no Gráfico 3, obtêm-se 180 lemas, nos quais estão incluídas as ocorrências de *arpoar* e *macho*, respectivamente como verbo (apesar de ocorrer também como nome) e como nome (apesar de ocorrer

também como adjetivo). Perfaz, assim, um total de 182 unidades lexicais, considerando os dois vocábulos registados com duas categorias gramaticais.

Como mencionado anteriormente, segundo a TCT de Cabré (1993), as terminologias ou linguagens de especialidade integram-se num processo comunicativo flexível, em que podem ocorrer sinónimos, tal como na língua geral. Ou seja, na fala dos informantes podem coexistir termos técnicos, numa situação de comunicação mais formal, e termos populares, num contexto mais informal, para denominar a mesma realidade. Por exemplo, nas entrevistas, os informantes podem usar o termo técnico *arpoador* ou o termo popular *trancador*, acontecendo o mesmo para *arpoar* e *trancar*.

No glossário, as remissões entre os verbetes, no total de 40, são termos identificados como sinónimos e são tratados juntamente com o lema correspondente, isto é, que apresenta a mesma aceção. De seguida, na Tabela 3, é apresentada a sistematização dos lemas com os respetivos sinónimos, sendo que, em quatro casos, ocorrem dois sinónimos para o mesmo termo.

**Tabela 3: Entradas lexicais e sinónimos correspondentes**

<b>Termo</b>	<b>Sinónimo</b>
<i>Amarrar</i>	<i>Atracar</i>
<i>Âmbar (cinzento)</i>	<i>Bola de borracha</i>
<i>Aparelho</i>	<i>Rádio-telefone</i>
<i>Arpoador</i>	<i>Trancador, lançador</i>
<i>Arpoar</i>	<i>Trancar</i>
<i>Arrais (da baleeira)</i>	<i>Mestre da baleeira</i>
<i>Autoclave</i>	<i>Caldeiro</i>
<i>Baleeira</i>	<i>Canoa</i>
<i>Barco</i>	<i>Embarcação</i>
<i>Bica</i>	<i>Levada</i>
<i>Bidão</i>	<i>Tambor</i>
<i>Caça da baleia</i>	<i>Baleação, Pesca da baleia</i>
<i>Caçar</i>	<i>Balear</i>
<i>Cédula marítima</i>	<i>Matrícula</i>
<i>Cheiro (da baleia)</i>	<i>Cheirete de baleia</i>

<b>Termo</b>	<b>Sinónimo</b>
<i>Cria (da baleia)</i>	<i>Feto (da baleia)</i>
<i>Deteção de baleias</i>	<i>Avistamento de cachalotes</i>
<i>Esparto (da baleia)</i>	<i>Respiro (da baleia), sopro da baleia</i>
<i>Esquartejar</i>	<i>Cortar, desmanchar</i>
<i>Foguete a rebentar</i>	<i>Sinal</i>
<i>Guindaste</i>	<i>Crena</i>
<i>Homens de terra</i>	<i>Baleeiro de terra, Pessoal de terra</i>
<i>Lençol</i>	<i>Bandeira Branca</i>
<i>Lides do mar</i>	<i>Faina</i>
<i>Linha (da baleia)</i>	<i>Corda (da baleia)</i>
<i>Maxilar da baleia</i>	<i>Queixada</i>
<i>Motor (da baleeira)</i>	<i>Machine</i>
<i>Motorista da lancha</i>	<i>Maquinista</i>
<i>Óleo (de baleia)</i>	<i>Azeite (de baleia)</i>
<i>Picada</i>	<i>Lançada</i>
<i>Quico</i>	<i>Balde de água</i>
<i>Rabo (da baleia)</i>	<i>Cauda (da baleia)</i>
<i>Serralheiro</i>	<i>Mestre</i>
<i>Toicinho da baleia</i>	<i>Gordura (da Baleia)</i>
<i>Vigiar</i>	<i>Varrer</i>

Para além dos sinónimos, alguns lemas apresentam variantes fonéticas e morfológicas dos termos, no total de 11: *âmbar (cinzento) – ambre, ambra; ampebeque – anebeque; caça da baleia – caça à baleia; cardume de baleias – cardumo; esquartejar – quartejar; lençol – lançol; maxilar da baleia – maxila; óleo da cabeça – olo da cabeça; rebocador – rubucador; remador – rumador; selha – selho.*

## **2.1. Vocabulário específico**

É importante referir que, nas terminologias, muitas palavras adquirem um complemento de especificação, passando a ser classificadas como termos específicos, o

que os inclui no sistema conceptual de determinada área de atividade, como é o caso de *fábrica da baleia* na baleação madeirense. Estas unidades terminológicas podem ocorrer com ou sem o seu complemento de especificação, visto serem usadas dentro de um contexto de comunicação especializado.

Foram contabilizados 73 vocábulos que são termos específicos da cultura baleeira madeirense (com os respetivos complementos de especificação), aos quais se juntaram os 9 empréstimos do Inglês: *abate (da baleia)*, *âmbar (cinzento)*, *amostra de óleo*, *ampebeque*, *armação baleeira*, *arpão (da baleia)*, *arpoador*, *arpoar*, *arraís (da baleeira)*, *baleeira*, *baleeiro*, *baleeiro do mar*, *baleia*, *baleia de barbas*, *boca-de-panela*, *brucho*, *cabeça do cachalote*, *cabeço*, *caça da baleia*, *caçar*, *cachalote*, *caldeira (da baleia)*, *carcaça (de baleia)*, *cardume de baleias*, *carne (da baleia)*, *carreira da morte*, *cercos (da baleia)*, *cheiro (da baleia)*, *cria (da baleia)*, *dente da baleia*, *dorso (da baleia)*, *deteção de baleias*, *encarregado da comissão (dos baleeiros)*, *engodo (de cachalote)*, *escritório (da EBAM)*, *esparto (da baleia)*, *espelho*, *fábrica da baleia*, *farinha (de baleia)*, *finebeque*, *frota baleeira*, *garapim*, *lança (da baleia)*, *lançar*, *linha (da baleia)*, *mandador*, *marfim (de baleia)*, *maxilar da baleia*, *motor (da baleeira)*, *navio baleeiro*, *navio de canhão*, *óleo (da baleia)*, *óleo da cabeça*, *osso de baleia*, *perseguição (da baleia)*, *quico*, *rabo (da baleia)*, *rampa (da fábrica)*, *raspa (da pele)*, *ratuele*, *rede (de vigias)*, *sangue (da baleia)*, *sapatada (da baleia)*, *scrimshaw*, *tanque de óleo*, *técnica artesanal (da caça à baleia)*, *toicinho da baleia*, *traiol*, *tripulação das baleeiras*, *varrido*, *vigia*, *vigia (da baleia)*, *vigia principal*. Trata-se de termos cuja particularidade e referência exclusiva à atividade por vezes está subentendida, o que é assinalado na sua composição, através do uso de parênteses. A sua omissão deve-se ao facto de as entrevistas realizadas estarem desde o início orientadas para a temática da baleação.

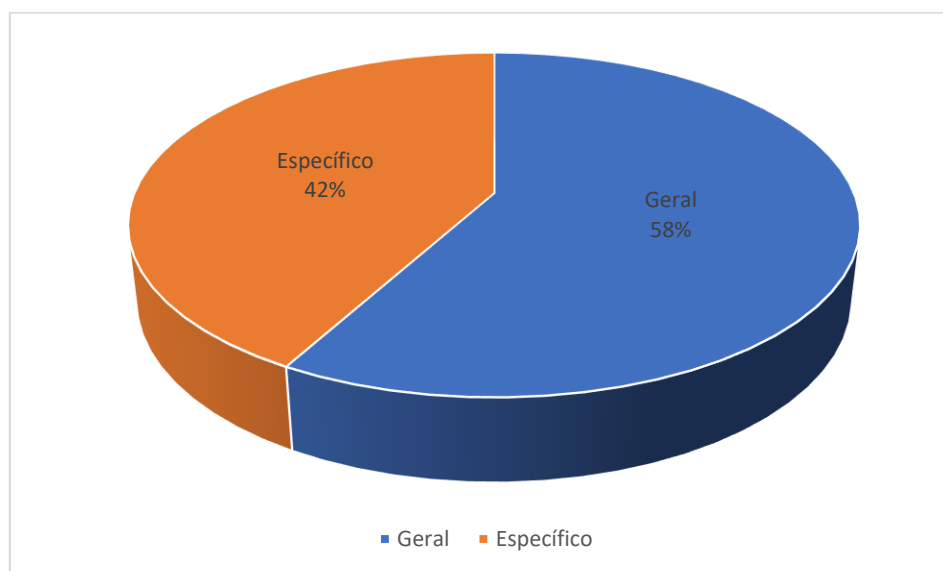
## 2.2. Vocabulário geral

A definição de termo como “uma palavra própria de certo registo da língua, campo de conhecimento ou atividade; unidade lexical de uma terminologia” (DLPC-ACL, 2001), não exclui o facto de os termos serem unidades da língua geral que ocorrem num contexto de comunicação específico para denominar um conceito dentro de uma área do conhecimento especializado. É o caso dos 101 termos do glossário que pertencem ao vocabulário geral, mas também fazem parte da atividade baleeira, sendo alguns da náutica e outros comuns a diversas atividades: *acidez*, *alvará provisório*, *amarra*, *amarração*,

*amarrar, aparelho, arriar, artesanato, autoclave, baía, balança, balde, banco, bandeira vermelha, barco, bateria, bica, bidão, binóculo, boiar, bombordo, borda do barco, bordo, cabrestante, calhau, canhão, catana, cédula marítima, cercar, cesta de vime, contraplacado marítimo, corrente, cozer, croque, derreter, esquartejar, estibordo, fêmea, fita, foguete, fole, forja, frigorífico, fuma, gabana, gancho, goiva, grau, grelha, guincho (a vapor), guindaste, homens de terra, lancha, leme, lençol, lides do mar, lima, machado, macho, marcador de graus, marinheiro, medir, mergulho, mestre da lancha, milha, motorista das lanchas, navalhão, navio de tanque, panela, peneira, peneirar, picada, piloto, plataforma, poço, popa, prensa, proa, quilo de pressão, ração, rádio da tropa, rebocador, reboque, rede de comunicações, refinar, refinaria, remador, remar, remo, rumo, saca de serapilheira, secador, selha, serralheiro, sócio-gerente, telefone, tonelada, vapor, varar, vela, vigiar.*

Se for feita uma contabilização percentual dos termos considerados específicos (42%), face aos que podem ser vistos como gerais (58%), por serem comuns a outras atividades, verifica-se o predomínio dos últimos (cf. Gráfico 4). Porém, a diferença percentual entre os dois conjuntos de termos não é grande.

**Gráfico 4: Vocabulário específico e geral**



### **3. Comparação com documentação dos Açores**

O léxico da cultura baleeira da Madeira é um património sociocultural que faz parte do património linguístico madeirense, ou seja, palavras e expressões associadas a uma realidade passada do arquipélago que importa preservar. Este património cultural

imaterial foi construído em volta da atividade baleeira, com termos e expressões recebidos dos baleeiros açorianos que, por sua vez, os tinham aprendido com os baleeiros norte-americanos.

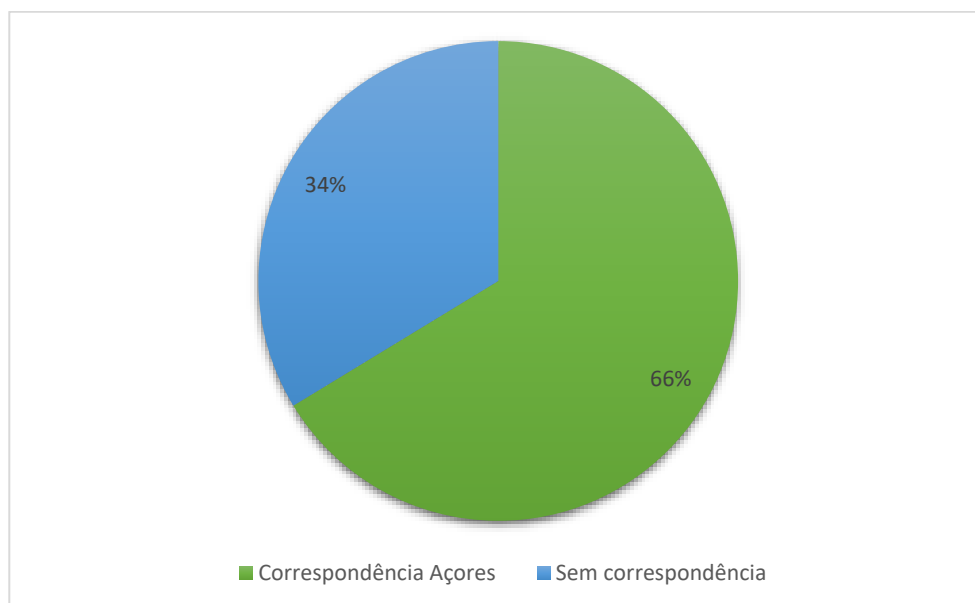
Inicialmente, dada a inexistência de recolha de documentação oral para um glossário dos termos da baleação açoriana, previu-se uma deslocação aos Açores para fazer essa recolha, contudo o contexto pandémico não permitiu a sua concretização. Em contrapartida, estabeleceram-se contactos com alguns Museus da Baleia em várias ilhas daquele arquipélago para obtenção de informação disponível, bem como de referências que permitissem um estudo comparativo com a Madeira.

A comparação será feita com a documentação escrita selecionada, que resulta de pesquisas realizadas. Não sendo do campo da linguística, o estudo de Clarke (2001), *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores* (tradução de Fernando Jorge da Silva), regista os termos baleeiros açorianos e a sua etimologia, proveniente do Inglês. Trata-se de uma obra que documenta as coisas e as palavras da atividade baleeira dos Açores, através de uma investigação científica, histórica e etnográfica que inclui um pequeno glossário (25 termos). Sobre o glossário que integra a obra, afirma: “Este glossário inclui alguns termos baleeiros de carácter técnico, que estão explicados na devida altura. As grafias destas identificações açorianas, em português, são translados fonéticos virtuais das palavras correspondentes em inglês, quando existentes.” (Clarke, 2001: 12-13). Neste sentido, constitui um *corpus* escrito fundamental, representativo e fiável, da baleação açoriana.

Além desse estudo, as obras lexicográficas utilizadas para a comparação dos termos da baleação na Madeira com os usados nos Açores são: o dicionário de Cândido de Figueiredo (1913), o *TLPGP* e o *Dicionário de Falares dos Açores. Vocabulário Regional de Todas as Ilhas* (Barcelos, 2008). Os três averbam muitos termos da cultura baleeira no arquipélago açoriano, enquanto léxico regional e antigo da língua portuguesa. Esta documentação revelou-se muito importante para este trabalho de pesquisa, uma vez que a comparação não pôde ser feita com documentação oral recolhida junto de baleeiros açorianos, tal como foi feito para a Madeira.

Da análise realizada aos 180 termos registados para a Madeira, foi possível aferir que 120 destes, que correspondem a 66% do total, são os mesmos e apresentam o mesmo significado para as ilhas açorianas (cf. Gráfico 5).

**Gráfico 5: Correspondência de termos entre a Madeira e os Açores**



Na Tabela 4, abaixo, observa-se que a obra de Clarke (2001) documenta muito mais vocabulário do que Barcelos (2008), o que se explica pela própria natureza das duas publicações, sendo a primeira especificamente sobre a baleação açoriana, enquanto a segunda é um vocabulário regional do arquipélago que abarca todas as áreas de vida da sua população. O facto de incluir tantos termos da cultura baleeira dos Açores revela bem a sua importância linguística, histórica, sociocultural e económica.

Para efeitos da comparação dos termos que ocorrem na Madeira com os dos Açores, foram considerados os lemas, os sinónimos e as variantes fonéticas/morfológicas, para que a comparação fosse o mais abrangente possível, perante o universo que se analisa. Assim, na coluna variante fonética/morfológica e sinónimo, a variante surge primeiro entre parênteses, enquanto o sinónimo ocorre depois, quando existe, destacado a negrito.

**Tabela 4: Ocorrência dos termos na Madeira e nos Açores**

Madeira	Variante fonética / sinónimo	Açores (Clarke, 2001 [1954])	Açores (Barcelos, 2008)
<i>abate (da baleia)</i>			<i>matar a baleia</i>
<i>amarra</i>		<i>amarra</i>	
<i>amarração</i>		<i>amarração</i>	
<i>âmbar (cinzento)</i>	<i>(ambre e ambra)</i> <b><i>bola de borracha</i></b>	<i>âmbar cinzento</i>	<i>ambre-pardo</i> <i>ambre-cinzento</i>

<b>Madeira</b>	<b>Variante fonética / sinónimo</b>	<b>Açores (Clarke, 2001 [1954])</b>	<b>Açores (Barcelos, 2008)</b>
<i>ampebeque</i>	<i>(anebeque)</i>	<i>ampebeque</i>	<i>ambaque ambeque ampebeque</i>
<i>aparelho</i>	<b><i>rádio-telefone</i></b>	<i>radiotelefone</i>	
<i>armação baleeira</i>		<i>armação baleeira</i>	
<i>arpão (da baleia)</i>		<i>arpão</i>	<i>arpão-da-baleia arpão-de-caixa</i>
<i>arpoador</i>	<b><i>lançador trancador</i></b>	<i>trancador arpoador</i>	<i>arpoador trancador</i>
<i>arpoar</i>	<b><i>trancar</i></b>	<i>arpoar trancar</i>	<i>arpoar a baleia trancar</i>
<i>arraís (da baleeira)</i>	<b><i>mestre da baleeira</i></b>	<i>arraís mestre oficial</i>	
<i>arriar</i>		<i>arrear</i>	
<i>artesanato</i>		<i>artesanato</i>	
<i>autoclave</i>	<b><i>caldeiro</i></b>	<i>autoclave caldeiro</i>	<i>caldeiro</i>
<i>baía</i>		<i>baía</i>	
<i>balde</i>		<i>balde</i>	<i>balde</i>
<i>baleeira</i>	<b><i>canoa</i></b>	<i>baleeira açoriana bote baleeiro canoa canoa dos baleeiros</i>	<i>baleeira bote baleeiro canoa baleeira</i>
<i>baleeiro</i>		<i>baleeiro</i>	<i>baleeiro</i>
<i>baleia</i>		<i>baleia baleia-espermacete</i>	<i>baleia</i>
<i>baleias à vista</i>		<i>baleia, baleia!</i>	<i>baleia à vista</i>
<i>bandeira vermelha</i>		<i>bandeirola</i>	
<i>barco</i>	<b><i>embarcação</i></b>	<i>barco</i>	
<i>bica</i>	<b><i>levada</i></b>	<i>rego</i>	
<i>bidão</i>	<b><i>tambor</i></b>	<i>bidão</i>	
<i>binóculo</i>		<i>binóculo</i>	
<i>boca-de-panela</i>		<i>blequefiche peixe boi</i>	<i>blèquefiche boca de panela</i>
<i>bombordo</i>		<i>bombordo</i>	
<i>borda do barco</i>		<i>borda</i>	
<i>bordo</i>		<i>bordo</i>	
<i>brucho</i>			<i>brichingue</i>
<i>cabeça do cachalote</i>		<i>cabeça</i>	

<b>Madeira</b>	<b>Variante fonética / sinónimo</b>	<b>Açores (Clarke, 2001 [1954])</b>	<b>Açores (Barcelos, 2008)</b>
<i>cabeço</i>		<i>cepo, logaiéte</i>	<i>cepo, lingalhête lògaéte, lògaête, logaiéte lògaiéte</i>
<i>cabrestante</i>		<i>cabrestante</i>	
<i>caça da baleia</i>	<i>(caça à baleia) baleação pesca da baleia</i>	<i>caça à baleia baleação pesca da baleia</i>	<i>pesca da baleia caça da baleia baleação</i>
<i>caçar</i>	<b><i>baleiar</i></b>	<i>baleiar, caçar</i>	<i>baleiar</i>
<i>cachalote</i>		<i>cachalote</i>	<i>baleia espermacete espalmacete</i>
<i>caldeira (da baleia)</i>		<i>queize</i>	<i>caise</i>
<i>calhau</i>		<i>calhau</i>	
<i>canhão</i>		<i>bomblanço</i>	<i>bombelança</i>
<i>carcaça (da baleia)</i>		<i>carcaça</i>	
<i>cardume de baleias</i>	<i>(cardumo)</i>	<i>cardume de cachalotes</i>	
<i>carne (da baleia)</i>		<i>carne</i>	<i>carne de baleia</i>
<i>corrente</i>		<i>corrente de reboque</i>	
<i>cozer</i>		<i>cozer</i>	
<i>cria (da baleia)</i>	<b><i>feto (da baleia)</i></b>	<i>cafe</i>	<i>cafre</i>
<i>croque</i>		<i>croque</i>	
<i>dente da baleia</i>		<i>dente</i>	
<i>derreter</i>		<i>derreter</i>	<i>derreter</i>
<i>dorso (da baleia)</i>		<i>ampo</i>	<i>ampo</i>
<i>engodo (de cachalote)</i>		<i>isca</i>	
<i>esparto (da baleia)</i>	<b><i>respiro (da baleia) sopro da baleia</i></b>	<i>esparto, bló, bufo</i>	<i>Bufo espalmo esparto respiro</i>
<i>espelho</i>		<i>espeide, espeiro</i>	<i>chipeiro, cepeiro, chipeira, espé, espeire, espelha, speire, espeiro</i>
<i>esquartejar</i>	<i>(quartejar) desmanchar cortar</i>	<i>desmanchar esquartejar</i>	<i>esquartejar esquivar</i>
<i>estibordo</i>		<i>estibordo</i>	
<i>fábrica da baleia</i>		<i>fábrica baleeira</i>	
<i>farinha (de baleia)</i>		<i>farinha</i>	
<i>fêmea</i>		<i>fêmea</i>	

<b>Madeira</b>	<b>Variante fonética / sinónimo</b>	<b>Açores (Clarke, 2001 [1954])</b>	<b>Açores (Barcelos, 2008)</b>
<i>finebeque</i>		<i>finbeque</i>	<i>finebaque</i>
<i>foguete</i>		<i>foguete</i>	<i>bomba da baleia</i>
<i>frota baleeira</i>		<i>frota baleeira</i>	
<i>gancho</i>		<i>gancho grampo pinguelim do toucinho</i>	<i>pinguelim pinguinho piriquito</i>
<i>garapim</i>			<i>grapelim</i>
<i>goiva</i>		<i>espeide de bordo</i>	
<i>guincho (a vapor)</i>		<i>guincho</i>	
<i>homens de terra</i>	<b><i>peçoal de terra baleiros de terra</i></b>	<i>peçoal de terra</i>	
<i>lança (da baleia)</i>		<i>lança de balear</i>	<i>lança</i>
<i>lançar</i>		<i>lancear</i>	
<i>lancha</i>		<i>lancha a motor</i>	<i>gasolina lancha-da-baleia</i>
<i>leme</i>		<i>leme</i>	
<i>lençol</i>	<i>(lançol) bandeira branca</i>	<i>bandeiriola branca, lençol</i>	<i>bandeira preta</i>
<i>levar a corda</i>		<i>levar a linha</i>	
<i>lides do mar</i>	<b><i>faina</i></b>	<i>faina</i>	
<i>linha (da baleia)</i>	<b><i>corda (da baleia)</i></b>	<i>corda linha</i>	<i>linha-da-baleia linha-do-bote linha-de-pesca</i>
<i>machado</i>		<i>machado</i>	
<i>macho</i>	<i>(maichos)</i>	<i>bulo macho</i>	<i>bule bulo macho-velho</i>
<i>mandador</i>		<i>mandador</i>	
<i>marcador de graus</i>		<i>prato azimutal</i>	
<i>marfim (de baleia)</i>		<i>marfim</i>	
<i>marinheiro</i>		<i>marinheiro</i>	
<i>maxilar da baleia</i>	<i>(maxila) queixada</i>	<i>maxila, maxilar, queixada</i>	
<i>mergulho</i>		<i>mergulho</i>	
<i>milha</i>		<i>milha</i>	
<i>motorista das lanchas</i>	<b><i>maquinista</i></b>	<i>motorista</i>	
<i>navalhão</i>		<i>faca do pico</i>	

<b>Madeira</b>	<b>Variante fonética / sinónimo</b>	<b>Açores (Clarke, 2001 [1954])</b>	<b>Açores (Barcelos, 2008)</b>
<i>óleo (de baleia)</i>	<b><i>azeite (de baleia)</i></b>	<i>óleo</i>	<i>azeite de baleia</i>
<i>óleo da cabeça</i>	<i>(olo da cabeça)</i>	<i>óleo da cabeça / espermacete</i>	<i>azeite da cabeça / espermacete / óleo da cabeça / óleo de espermacete</i>
<i>osso de baleia</i>		<i>osso</i>	
<i>perseguição (da baleia)</i>		<i>perseguição</i>	
<i>picada</i>	<b><i>lançada</i></b>	<i>lançada</i>	<i>lançada</i>
<i>plataforma</i>		<i>plataforma</i>	
<i>popa</i>		<i>popa</i>	
<i>prensa</i>		<i>prensa</i>	
<i>proa</i>		<i>proa</i>	
<i>quico</i>	<b><i>balde de água</i></b>	<i>balde / caneco</i>	<i>pèguim peguinho / queique</i>
<i>cauda da baleia</i>	<b><i>rabo (da baleia)</i></b>	<i>Cauda / rabo</i>	
<i>ração</i>		<i>ração</i>	
<i>rampa (da fábrica)</i>		<i>rampa</i>	
<i>raspa (da pele)</i>		<i>blequesquine</i>	<i>blèsequine</i>
<i>ratuele</i>		<i>raituel</i>	<i>raituel, ràtuel, raituela</i>
<i>rebocador</i>	<i>(rubucador)</i>	<i>rebocador</i>	
<i>reboque</i>		<i>reboque</i>	<i>rebocar a baleia</i>
<i>refinar</i>		<i>refinar</i>	
<i>remador</i>	<i>(rumador)</i>	<i>remador</i>	
<i>remar</i>		<i>remar</i>	
<i>remo</i>		<i>ór remo</i>	
<i>rumo</i>		<i>rumo</i>	
<i>saca de serapilheira</i>		<i>saca de serapilheira</i>	
<i>sangue (da baleia)</i>		<i>sangue</i>	
<i>scrimshaw</i>		<i>scrimshaw</i>	<i>dente marcado</i>
<i>secador</i>		<i>secador</i>	
<i>selha</i>	<i>(selho)</i>	<i>selha</i>	
<i>tanque de óleo</i>		<i>tanque</i>	
<i>toicinho da baleia</i>	<b><i>gordura (da baleia)</i></b>	<i>toucinho</i>	

Madeira	Variante fonética / sinónimo	Açores (Clarke, 2001 [1954])	Açores (Barcelos, 2008)
<i>traiol</i>		<i>traiol</i>	<i>traiol</i>
<i>tripulação das baleeiras</i>		<i>tripulação</i>	
<i>vapor</i>		<i>vapor</i>	
<i>varar</i>		<i>varar</i>	<i>varar</i>
<i>vela</i>		<i>vela</i>	
<i>vigia (da baleia)</i>		<i>vigia</i>	<i>vigia</i>
<i>vigia</i>		<i>vigia</i>	<i>vigia</i>

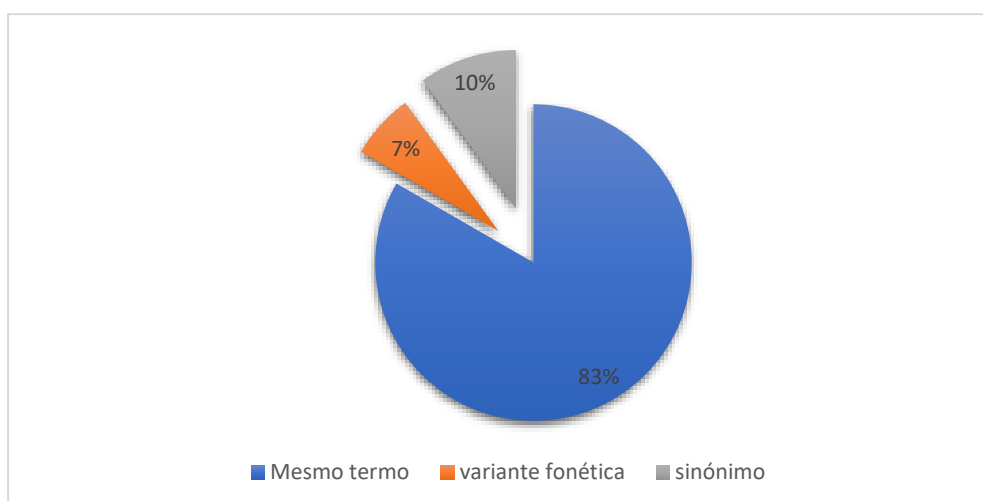
Dos 120 termos que ocorrem na Madeira com correspondência nos Açores, numa análise do significado, 117 são comuns a Clarke (2001) e 48 são comuns a Barcelos (2008), dos quais apenas 3 termos (*brichingue*, *grapelim* e *matar a baleia*) ocorrem em Barcelos com correspondência para a Madeira (*brucho*, *garapim* e *abate (da baleia)*), sem que esse termo ou sinónimo ocorra em Clarke (2001).

Em Figueiredo (1913) estão registados 20 termos com referência à baleação açoriana: *atracar*, *âmbar-cinzento*, *arpoador*, *arpoar*, *arraís (da baleeira)*, *azeite*, *baleação*, *baleeira*, *baleeiro*, *baleia*, *cabrestante*, *cachalote calhau*, *cetáceo*, *croque*, *espermacete*, *gabana*, *lançada*, *óleo* e *trancador*.

No *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, encontram-se averbados os seguintes termos para os Açores: *arpão*, *arpoador*, *arraís (da baleeira)*, *arriar*, *azeite-de-baleia*, *balde*, *baleeiros*, *baleia*, *boiar*, *baleiar*, *celha*, *lança*, *lançar*, *lancha*, *linha*, *trancador*, *trancar* e *vigia*, enquanto com referência à Madeira não se encontram termos relativos à baleação, unicamente o termo *varar* com uma aceção geral.

No Gráfico 6, é possível aferir que, dos 120 lemas que ocorrem para a Madeira com igual significado nos Açores, 83% (correspondendo a 100 conceitos) fazem uso do mesmo termo. Apesar de, em alguns casos, existir mais do que uma denominação para o mesmo conceito nos Açores, o que nem sempre ocorre na Madeira, registam-se esses termos quando existe uma correspondência com os madeirenses. 10 % (correspondendo a 12 conceitos) são termos diferentes com significados semelhantes ou sinónimos. Os restantes termos (8) são variantes fonéticas, que apresentam alguma variação no nome.

**Gráfico 6: Comparação dos termos entre a Madeira e os Açores**



Ainda dos 120 termos comuns, em Clarke (2001) foram contabilizados 98 termos iguais, 12 sinónimos e sete variantes fonéticas/morfológicas. Já em Barcelos (2008) foram registados 29 termos iguais, 13 sinónimos e seis variantes fonéticas/morfológicas.

No entanto, Barcelos (2008) regista outros termos que, nas pesquisas para o presente estudo, não foram registados para a Madeira, a título de exemplo: *espia de proa*, *remadura*, *remo da boga*, *remo do esparrelo*, *remo do bau*, *retrancar*, *choque*, *chòtuope*, *clípar*, *clipe*, *clite*, *escalho*, *escrima*, *esparrela*, *esquivar*, *estropo*, *faca de desquinar*, *faca de maciar*, *fatelingue*, *fazer o bau*, *fute-breice*, *fiel*, *guia do bote*, *janco*, *janco mole*, *labrum*, *líningue-naife*. Muitos destes termos são empréstimos do Inglês que não foram documentados na Madeira, porque se perderam com o tempo ou porque não foram introduzidos na ilha pelos baleeiros açorianos. Sendo esta segunda hipótese a mais viável, uma vez que a baleação, que foi praticada durante séculos nos Açores, quando foi transmitida aos madeirenses já algumas práticas tinham sofrido alterações, por exemplo a hierarquia de remos que nunca se verificou na região. Observou-se que, no arquipélago açoriano, os empréstimos se mantêm mais próximos do Inglês e em muito maior quantidade, sendo compreensível que tenham um vocabulário com muito mais importações, uma vez que receberam esta terminologia diretamente dos baleeiros norte-americanos, com quem lidaram durante muito tempo.

## Conclusões e considerações finais

Na Madeira, a captura e transformação do cachalote foi iniciada pelos açorianos que já conheciam as manhas da caça. Ao princípio, foram construídas duas vigias e instalado um *traiol* para extrair o óleo do cachalote. Os primeiros animais foram desmanchados na Ribeira da Janela, onde só foi aproveitado o óleo. Posteriormente, foi montado outro *traiol* no Garajau, onde o único produto aproveitado era também o óleo. Com o crescimento da atividade, foram construídas várias vigias que chegaram a cobrir toda a costa das ilhas da Madeira, do Porto Santo e das Desertas e uma fábrica que se fixou no Caniçal, com maquinarias modernas e onde era possível o aproveitamento integral dos animais.

A jornada desta atividade iniciava-se às primeiras horas de luz do dia, com a ida dos vigias, encosta acima, para os seus postos de trabalho. Da vigia, observavam o mar até onde a visão, auxiliada por uns binóculos, alcançava. Procuravam os *espartos* dos cachalotes, a baleia mais fácil de apanhar e que do seu processamento era possível extrair vários produtos. Ao avistar uma baleia, o vigia lançava um foguete ao ar, era o sinal que instalava um enorme rebuliço na vila do Caniçal, homens e mulheres, interrompiam o que estavam a fazer. Os homens corriam para a fábrica, ainda sem saber onde o sinal os levaria. As primeiras baleeiras eram impulsionadas a remos e à vela e só mais tarde foram equipadas com motores, tornando mais fácil a faina, ao contrário da técnica de captura que se manteve artesanal até ao fim da atividade.

Feita a aproximação ao animal, o trancador lançava o arpão, para trancar a baleia e de onde saía a linha que mantinha a baleeira ligada ao animal. Era o começo da caçada, por tempo indefinido. Ao início, a baleia tentava libertar-se do arpão e nadava velozmente, “levando a corda” que os baleeiros iam libertando ou recolhendo conforme o ritmo do animal. A linha dava a volta ao cabeça e tamanha era a fricção que ao desenrolar chegava a fumegar. Era indispensável ter um balde de água sempre à mão para arrefecer a linha ou mesmo um machado para cortá-la em caso de perigo. A luta continuava até que o animal acusasse cansaço, altura em que era possível atingi-lo com a lança, pondo fim ao sofrimento do animal, mas não ao dia de trabalho. No animal morto era colocada uma bandeira, para que a carcaça fosse facilmente identificada pelo rebocador. Os baleeiros dirigiam-se à caça de novo animal.

As carcaças eram levadas para a fábrica, onde eram puxadas, através de um guincho, e percorriam uma longa rampa até à plataforma de esquarteramento. Ali, eram

desmanchadas, pelos mesmos baleeiros que formavam a tripulação das baleeiras. Os homens de terra ficavam com os ofícios da fábrica, o manuseamento das máquinas e a finalização dos produtos. O animal era desmanchado e as distintas partes do seu corpo deitadas nos autoclaves, onde eram processados de acordo com o produto a que se destinavam. Ainda no percurso da rampa, a pele mais fina do animal era recolhida para ser usada como engodo. O toicinho era derretido e convertido em óleo, a carne e os ossos eram cozidos e moídos para farinha. O óleo da cabeça era um produto procurado pelas suas características particulares. O âmbar extraído do intestino do cachalote era exportado e usado para fixador de perfumes. Os dentes e ossos do maxilar eram aproveitados para *scrimshaw*, a arte baleeira. Com os outros ossos ainda eram feitas peças artesanais, para uso diário ou decoração.

Esta realidade, que teve lugar na Madeira, foi a temática de base desta investigação que se dedicou à recolha e registo do património linguístico da baleação madeirense. Partiu-se do método “palavras e coisas” para chegar à Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) que prevê a existência de sinonímia e de polissemia no uso de uma linguagem de especialidade, tendo em conta a flexibilidade comunicativa dos termos, pela sua dimensão linguística, social e cognitiva. No caso em estudo, além de variantes fonéticas e morfológicas, encontraram-se vários sinónimos ou variação denominativa dos termos (geralmente um sinónimo, mas em quatro casos registaram-se dois para um mesmo conceito). Documentou-se apenas um termo polissémico, *grau*, predominando claramente a monossemia.

Para obter *corpora* representativos da terminologia da atividade baleeira, recorreu-se sobretudo a documentação oral, resultante de entrevistas feitas a antigos trabalhadores conhecedores desta realidade. Foi utilizada também a escassa documentação escrita em formato papel e digital, com a mesma finalidade ou propósito de estudo. Embora os *corpora* não sejam extensos, procurou-se que fossem equilibrados e adequados, tendo em conta as diversas fontes de informação, de acordo com os requisitos da linguística de *corpus*.

Utilizou-se o método da entrevista com questionário (semi)estruturado como meio para a recolha de dados sobre a atividade, junto de antigos trabalhadores da baleação madeirense. Na entrevista, foi usado um questionário onomasiológico, partindo dos conceitos para recolher os termos, de forma a documentar todos os nomes das técnicas e dos artefactos usados na atividade, mas também dos produtos extraídos da transformação da baleia e das profissões associadas a esta indústria.

No glossário terminológico da cultura baleeira, foram compilados e sistematizados todos os termos recolhidos nas diferentes fontes documentais, ou seja, na documentação oral, na documentação escrita em formato papel e digital e na documentação lexicográfica existente para a Madeira e para os Açores. O glossário foi ordenado por ordem alfabética dos termos. Quanto à estrutura interna dos verbetes, estes apresentam o lema, a categoria gramatical, a definição, uma nota, documentação oral, documentação escrita, documentação digital e documentação lexicográfica da Madeira. Segue-se a indicação do termo correspondente nos Açores, com as respetivas variantes fonéticas e sinónimos. Depois, surgem as atestações dos termos açorianos na documentação escrita e lexicográfica usada para o arquipélago. Terminam com remissões para lemas de termos relacionados, sempre que pertinente.

O glossário regista 180 entradas lexicais, das quais 156 provieram da documentação oral, o que revela a sua importância na atestação dos termos da baleação madeirense. Alguns destes termos não se encontram dicionarizados por pertencerem a uma área de atividade específica, cujas técnicas são desconhecidas pela maior parte da população, sendo alguns deles importados do Inglês. Trata-se de 9 empréstimos, sendo formas aporuguesadas trazidas para a Madeira pelos baleeiros açorianos que introduziram a caça à baleia no arquipélago e que a tinham aprendido com os norte-americanos.

Da análise quantitativa dos dados reunidos no glossário, verificou-se o predomínio dos nomes ou substantivos, simples, derivados e compostos. Dentro destes, ocorrem sobretudo termos formados por N+P+N, no total de 58, apresentando complementos determinativos ou de especificação que fazem destes termos específicos da cultura baleeira. Trata-se de uma característica das terminologias, uma vez que estas denominam sobretudo objetos, operações, processos, profissões, técnicas e entidades. Os nove empréstimos do Inglês também são nomes, enquanto termos técnicos da baleação.

Dentro dos resultados do glossário, foram separados os termos, no total de 73, que se considerou fazerem parte do vocabulário específico da cultura baleeira. Termos que apresentam um complemento de especificação, embora, por vezes, este esteja omissa, por ocorrerem numa situação de comunicação sobre a atividade. Considerou-se vocabulário geral os 101 termos do glossário usados na baleação, mas comuns a outras áreas, principalmente à náutica e à pesca. Obteve-se, assim, 42% de termos específicos e 58% de vocabulário geral.

A comparação dos termos da baleação na Madeira com os dos Açores mostrou ser importante para o seu conhecimento, pois permitiu conhecer e compreender melhor o léxico da atividade. Para efeitos da comparação dos termos, foram considerados os lemas, os sinónimos e as variantes fonéticas/morfológicas ocorridas na Madeira. Da confrontação, foram identificados 120 termos com o mesmo significado para a Madeira e para os Açores, sendo 117 comuns a Clarke (2001) e 48 comuns a Barcelos (2008). Ainda, dos 120 termos comuns com igual significado, em Clarke foram contabilizados 98 termos iguais, 12 sinónimos e sete variantes fonéticas/morfológicas. Já em Barcelos, foram registados 29 termos iguais, 13 sinónimos e seis variantes fonéticas/morfológicas.

Por um lado, na Madeira, observou-se a existência de termos que não ocorrem nos Açores, provenientes de inovações introduzidas nesta região, como a motorização das baleeiras e a técnica de cerco. Por outro lado, nos Açores, foram observados termos (sem que estes fossem o alvo de estudo direto) sem ocorrências para a Madeira, quer pela longa e antiga tradição de baleação naquelas ilhas, quer pela realidade local, onde existiam várias empresas baleeiras a operar e, por conseguinte, muita concorrência, que obrigava à criação de códigos nunca observados na Madeira. Destaca-se o facto de tanto o *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* como o Dicionário de Cândido de Figueiredo (1913) apenas registarem termos da cultura baleeira dos Açores, sem referência à Madeira.

Posto isto, esta dissertação respondeu às questões de investigação propostas, mostrando que não existe nenhum glossário da baleação referente à Madeira, enquanto para os Açores existe uma pequena terminologia de 25 termos em Clarke (2001) e o registo de algum vocabulário em várias obras lexicográficas. Para a Madeira, apenas Barcelos (2016) documenta alguns termos comuns aos Açores. Provou-se que a documentação oral é um contributo para colmatar essa falta. Mostrou-se que, face à importação tardia dos Açores para a Madeira, a terminologia baleeira terá perdido alguns termos mais antigos de origem inglesa, apresentando alguma inovação.

Conclui-se também que se pode falar de uma linguagem de especialidade ou terminologia, associada ao conhecimento da atividade. Por isso, apenas os antigos trabalhadores da baleação madeirense conhecem e guardam na memória os termos e os conceitos do património cultural imaterial, linguístico e sociocultural, da cultura baleeira na Madeira. Porém, é importante referir que esta pesquisa apresenta algumas limitações, uma delas é o facto de considerar sobretudo a localidade do Caniçal na atividade da caça à baleia na Madeira, embora as entrevistas tenham contemplado informantes com ligações

a outras áreas da região, como por exemplo o Garajau, Caniço e Ponta do Sol. Pese embora, o Caniçal seja a localidade mais representativa e onde a baleação existiu até mais tarde, poderia ser possível encontrar ainda algumas memórias desta atividade nas outras localidades da Madeira onde ela existiu. No entanto, foi necessário delimitar este estudo, excluindo essas áreas geográficas.

Outra limitação do estudo advém do facto de a documentação oral ser constituída pelas informações fornecidas por cinco informantes. Estes são os que ainda têm saúde e memória, 40 anos depois do fim da baleação, para falar sobre a sua experiência e conhecimento da perigosa e desgastante atividade. Todavia, as suas profissões são diversificadas, permitindo obter uma visão global da realidade baleeira do Caniçal. Ainda outra condicionante que limitou o estudo foi a impossibilidade de entrevistar os baleeiros açorianos, através do mesmo questionário onomasiológico, a partir do qual os dados para o estudo comparativo seriam mais equiparáveis aos recolhidos na Madeira. Esta recolha estava prevista através de uma deslocação aos Açores, tendo sido cancelada devido à situação de pandemia da Covid-19.

Em suma e apesar das limitações, esta dissertação revelou ter um carácter importante e inovador, pelo facto de registar e sistematizar, no glossário da cultura baleeira, atestações dos termos usados pelos informantes nos seus contextos de uso, ao responderem ao questionário e fazerem um relato de memória sobre a atividade. Igualmente relevante foi a comparação estabelecida com os termos dos Açores, o que ajudou a conhecer e a compreender melhor o léxico da baleação madeirense. Esta pesquisa é também um contributo para a criação de mais documentação escrita sobre a caça à baleia na Madeira. Pois, é através do estudo das palavras que se conhecem as coisas, neste caso é através da sistematização dos termos específicos e dos termos gerais registados no glossário que conhecemos a cultura baleeira madeirense.

Fica a vontade de continuar a investigação sobre a cultura baleeira no Atlântico e mais além, nomeadamente nos Açores, em Cabo Verde, em New Bedford e no Brasil. Pretende-se que este estudo seja um legado que ajude a compreender o passado e a construir um futuro melhor, onde o mar continue a ser valorizado e respeitado, numa tentativa de inverter os muitos anos de má gestão ambiental.

## **FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **1. Fontes documentais**

#### **1.1. Madeira**

##### **Documentação Escrita**

Carvalho, Ricardo (2008), “Caderno: Contributos apresentados ao Colóquio “O Património Cultural Imaterial de Machico”, A Labuta do baleeiro”, *Ilharq*, nº 8, pp. 80-99.

Relvas, Rui (1984), “Cachalotes – A última pesca nos mares da Madeira – E Depois?”, *Diário de Notícias*, 20.05.1984: 3.

##### **Documentação Digital**

Freitas, Luís (2016) “Baleia (caça na Madeira)”, *Aprender Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/article/baleia-caca-na-madeira>

##### **Documentação Lexicográfica**

Barcelos, João (2016), *Dicionário de falares do Arquipélago da Madeira*, Funchal: Direção Regional da Cultura da Madeira.

Caldeira, Abel (1993 [1961]), *Falares da Ilha - Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*, Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Macedo, Deolinda Bela de (1939), Subsídios para o estudo do dialecto madeirense, Dissertação de licenciatura, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Nunes, João da Cruz (1965), *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*, Dissertação de licenciatura, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Pereira, Maria do Carmo Noronha (1952), *Tentativa de um pequeno Atlas Linguístico da Madeira e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar Madeirense*, Dissertação de licenciatura, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Pestana, Eduardo Antonino (1970), *Ilha da Madeira. II. Estudos Madeirenses*, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.

Rezende, Maria Ângela Leotte (1961), *Canhas e Câmara de Lobos, Estudo etnográfico e linguístico*, Dissertação de licenciatura, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Santos, Jaime Vieira dos (1947), “Vocabulário do Dialecto Madeirense”, *Revista de Portugal*, Série A. Língua Portuguesa, vol. VIII, nº 37, out. 1945, 61–64; vol. VIII, nº 39, dez. 1945, 145–149; vol. IX, nº 41, fev. 1946, 44–47; vol. VIII, nº 40, jan. 1946, 208–211; vol. IX, nº 44, mai 1946, 204–207; vol. X, nº 46, jul. 1946, 26–29; vol. X, nº 47, set. 1946, 68–71; vol. X, nº 48, out. 1946, 113–116; vol. XI, nº 52, fev. 1947, 64–67; vol. XI, nº 55, maio 1947, 177–180; vol. XII, nº 58, out. 1947, 80–83.

Silva, Padre Fernando Augusto da (1950), *Vocabulário Popular da Madeira*, Funchal: Junta Geral do Funchal.

Sousa, Luís (1950), *Dizeres da ilha da Madeira*, Funchal: Casa Figueira.

## 1.2. Açores

### Documentação Escrita

Clarke, Robert (2001 [1954]), *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores* (Tradução de Fernando Jorge da Silva), Ponta Delgada: Edição conjunta do autor e do tradutor/Nova Gráfica.

### Documentação Lexicográfica

Álvarez, Rosario (coord.), *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. Disponível em: <http://ilg.usc.es/Tesouro>

Barcelos, João (2008), *Dicionário de falares dos Açores: vocabulário regional de todas as ilhas*, Coimbra: Almedina.

Figueiredo, Cândido (1913), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, EBook #31552.

## 2. Bibliografia

Academia das Ciências de Lisboa (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, II Volume: G-Z, Lisboa: Editorial Verbo.

Alpízar Castillo, Rodolfo (1998), “Ideas sobre el trabajo terminográfico”, *Terminologia: questões teóricas, métodos e projetos*, Lisboa: Publicações Europa-América.

Alves, Emanuel (2012), *Túneis rodoviários antigos da Madeira*, Funchal: Universidade da Madeira.

Baldinger, Kurt (1970), *Teoría semántica: hacia una semántica moderna*, Madrid: Alcalá.

Berber Sardinha, Tony (2004), *Linguística de Corpus*, São Paulo: Editora Manole.

Biber, D., Conrad, S. e Reppen, R. (1998), *Corpus linguistics: investigating language structure and use*, Cambridge/New York: Cambridge University Press.

Cabré, Maria Teresa (Dir.) (1999), *Terminologia y modelos culturales*, Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada.

Cabré, Maria Teresa (Dir.) (1999), *Terminologia y conocimiento especializado*, Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada.

Cabré, Maria Teresa (1993), *La Terminología. Teoría, Metodología, Aplicaciones*, Barcelona: Editorial Antártida/Empúries.

Carvalho, J. G. Herculano de (1953), *Coisas e palavras: alguns problemas etnográficos e lingüísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*, Coimbra: Coimbra Editora.

Clarke, Robert (2001 [1954]), *Baleação em Botes de Boca Aberta nos Mares dos Açores* (Tradução de Fernando Jorge da Silva), Ponta Delgada: Edição conjunta do autor e do tradutor, Nova Gráfica.

Costa, Susana (2011), “Património dos Açores. Herança e Modernidade”, *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, nº 21, pp. 417-420.

Dubois, Jean (1966), “Les problèmes du vocabulaire technique”, *Cahiers de Lexicologie*, vol. ix, 2, pp. 103-112.

Dutra, Márcia (2008), *Fábrica da Baleia de Porto Pim*, Açores: OMA – Observatório do Mar dos Açores.

Gaudin, François (1993), *Socioterminologie: des problèmes semantiques aux pratiques institutionnelles*, Rouen: Publications de l’Université de Rouen.

Kennedy, G. (1998), *An introduction to Corpus Linguistics*, New York: Longman.

Mateus, Maria Helena e Correia, Margarita (1998), *Terminologia: questões teóricas, métodos e projetos*, Mem Martins: Publicações Europa-América.

McEnery, T. & Wilson, A. (1996), *Corpus Linguistics*, Edinburgh: Edinburgh University Press.

Melville, Herman (2005), *Moby Dick*, trad. de Alfredo Margarido e Daniel Gonçalves, Lisboa: Relógio d'Água.

Mendonça, Duarte (2007), *Da Madeira a New Bedford, Um capítulo ignorado da emigração portuguesa nos Estados Unidos da América*, Funchal: DRAC (Madeira).

Nóbrega, Ana (2021), *30 Anos de Memórias*, Machico: Câmara Municipal de Machico.

Nunes, Naidea Nunes (2003), *Palavras doces. Terminologia e tecnologia históricas e atuais da cultura açucareira: do Mediterrâneo ao Atlântico*, Governo Regional da Madeira: Secretaria Regional do Turismo e Cultura/Centro de Estudos de História do Atlântico.

Rebelo, Helena (2012), “Um Património Linguístico em Vias de Extinção ou a Sabedoria Linguística dos Idosos Analfabetos: o Arado, o Carro de Bois e o Linho”, in *Confluência*, Rio de Janeiro: Revista do Instituto de Língua Portuguesa, nº 43, pp. 107-137.

Rebelo, Helena (2016), “Os Nomes das Receitas: um Património Linguístico Regional, Nacional ou Internacional? Uma Análise Lexical”, in *Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-Mar*, Pinheiro, Joaquim e Soares, Carmen, (ed. lit.), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 283-312.

Renouf, A. (ed.) (1998), *Explorations in Corpus Linguistics*, Amsterdam: Rodopi.

Ribeiro, João Adriano (2001), *Machico - Subsídios para a História do seu Concelho*, Machico: Câmara Municipal de Machico.

Ribeiro, João Adriano (1998), “A pesca da baleia nos Açores: Subsídios para o seu estudo”, Separata da *Islenha* n.º 22, jan. -jun., pp. 97-116.

Ribeiro, João Adriano (1991), “A pesca da baleia na Madeira”, in *História*, n.º 139, pp. 22-27.

Roman, Joe (2006), *Whale*, London: Reaktion Books.

Sanchez, A. (1995), “Definición e historia de los corpus”. In: A. Sanchez *et al.* (org.), *CUMBRE – Corpus Linguístico de Espanol Contemporaneo*, Madrid: SGEL.

Scheer, Ulrich, Cymbron, Albano (2015), *Baleação em S. Miguel, Açores Memórias e Imagens de uma época passada*, Ponta Delgada: Coingra.

Silva, Padre Fernando Augusto da; Meneses, Carlos Azevedo de, (1998), *Elucidário Madeirense A-E*, Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais.

### 3. Recursos da internet

“ISO 1087: 1990 Terminology – Vocabulary”, *International Organization for Standardization*. Disponível em <https://www.iso.org/standard/5591.html>

“ISO 1087-2:2000 Terminology work - Vocabulary - Part 2: Computer applications”, *International Organization for Standardization*. Disponível em <https://www.iso.org/standard/32819.html>

IWC – ICRW – International Convention for the Regulation of Whaling. Disponível em <https://archive.iwc.int/pages/view.php?ref=3607&k>

Museu da Baleia da Madeira, “Missão”. Disponível em: <https://www.museudabaleia.org/pt/o-museu/missao-e-vissao.html>

New Bedford Whaling Museum, “Cronograma - De 1602 até ao presente” Disponível em: <https://museudabaleia-newbedford.org/learn/research-topics/timeline-1602-to-present>

Sinclair, John (2005), “Corpus and Text. Basic Principles”. In: M. Wynne (ed.), *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice*, Oxford: Oxbow Books, pp. 1-16. Disponível em <http://ahds.ac.uk/linguistic-corpora/>

UNESCO, *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, Paris: ONU, 17-10-2003. Disponível em <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

## **Índice de Gráficos**

<b>Gráfico 1:</b> Proveniência da documentação .....	106
<b>Gráfico 2:</b> Composição do glossário por classificação morfológica .....	111
<b>Gráfico 3:</b> Composição do glossário por categoria gramatical .....	111
<b>Gráfico 4:</b> Vocabulário específico e geral .....	115
<b>Gráfico 5:</b> Correspondência de termos entre a Madeira e os Açores .....	117
<b>Gráfico 6:</b> Comparação dos termos entre a Madeira e os Açores .....	123

## **Índice de Tabelas**

<b>Tabela 1:</b> Perfil sociocultural dos informantes .....	27
<b>Tabela 2:</b> Abreviaturas .....	35
<b>Tabela 3:</b> Entradas lexicais e sinónimos correspondentes .....	112
<b>Tabela 4:</b> Ocorrência dos termos na Madeira e nos Açores .....	117

## APÊNDICES

### Apêndice I - Questionário da entrevista



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Faculdade de Artes e Humanidades

Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas

#### Questionário da entrevista

1. Como se chama
2. Que idade tem?
3. Que estudos tem?
4. Sempre viveu no Caniçal?
5. Que trabalhos teve na sua juventude?
6. Qual era a sua função na atividade?
7. O que fazia exatamente?
8. Sempre teve esse posto desde que começou a atividade?
9. Que outro posto teve na atividade?
10. Quem ensinou a atividade aos madeirenses?
11. A atividade sempre foi feita no Caniçal?
12. Em que outros lugares da Madeira houve a atividade?
13. Chegou a trabalhar em algum desses lugares?
14. Nesse lugar, tiravam todos os produtos da baleia, como faziam no Caniçal?
15. No início, como sabiam que havia animais por perto?
16. Apareciam animais todos os dias?
17. Como se chamava o lugar onde avistavam os animais?
18. Chegou a ir às vigias?
19. O que existia dentro da vigia?
20. Qual o nome da profissão de quem trabalhava na vigia?
21. Que aparelhos usavam?
22. O vigia sabia de que animal se tratava?
23. Como é que o vigia avisava que tinham de ir para o mar?
24. Como sabiam para onde tinham de se dirigir?

25. Como preparava as idas para o mar?
26. Havia hora certa para ir para o mar?
27. O que levava na bagagem, quando ia para o mar?
28. Quanto tempo ficavam no mar?
29. Como se chamavam os barcos com que saiam para o mar?
30. Era só esse tipo de barco que existia?
31. Que outros barcos eram usados na atividade?
32. Como eram impulsionados os barcos?
33. Quantos homens iam num barco para caçar?
34. Que profissões e tarefas tinham?
35. Que ferramentas levavam dentro do barco?
36. Para que serviam essas ferramentas?
37. Que espécie de baleia apanhavam mais?
38. Que outras espécies apanhavam?
39. Lembra-se que nome davam aos animais?
40. Como conheciam de que animal se tratava?
41. De que tamanho eram os animais?
42. Como conseguiam apanhar um animal tão grande?
43. Como se chamava a ferramenta que usavam para apanhar o animal?
44. Consegue dizer como era essa ferramenta?
45. Era essa a ferramenta que matava o animal?
46. Como se chamava a ferramenta com que o matavam?
47. Como era essa ferramenta?
48. Quando o matavam, como se sentiam?
49. Que nome davam ao ato de apanhar e matar o animal?
50. Quantos animais caçavam por dia?
51. Como traziam os animais para terra?
52. Para onde os levavam?
53. Que nome davam ao lugar onde isso era feito?
54. Como transportavam um animal tão pesado?
55. Usavam máquinas para puxá-los?
56. O que faziam com o animal?
57. Havia outros trabalhadores para cortá-lo?
58. Como o cortavam?

59. Que instrumentos usavam?
60. Quanto tempo levava a cortar um animal?
61. O que faziam com as partes do animal depois de cortadas?
62. Na fábrica, havia outros trabalhadores para essas tarefas?
63. Que profissões tinham?
64. Que produtos tiravam dos animais?
65. Os produtos eram todos tratados da mesma maneira?
66. O que faziam com a gordura?
67. Sabe como era feito?
68. Para que fim era usado esse produto?
69. O que faziam com a carne?
70. Sabe como era feito?
71. Para que fim era usada?
72. E com os ossos?
73. Como era feito?
74. Para que fim era usado esse produto?
75. Dos intestinos era tirado um produto, sabe o nome?
76. Para que servia?
77. E da cabeça, que produto tiravam?
78. Para que era usado esse produto?
79. Como eram transportados para fora da Madeira?
80. A carne era boa para comer?
81. Alguma vez experimentou comer carne de baleia?
82. Aproveitavam todas as partes da baleia?
83. Alguma vez presenciou desmancharem uma fêmea que estivesse grávida?
84. Quando caçavam as baleias conseguiam perceber se se tratava de um macho ou fêmea?
85. Existe uma arte feita com os dentes, lembra-se do nome?
86. Conheceu alguém que fizesse peças em osso?
87. No final, houve melhorias na atividade, era mais fácil apanhar os animais?
88. Arranjaram uma maneira de apanhar várias baleias ao mesmo tempo, lembra-se como se chamava essa técnica?
89. Como era que faziam?
90. Conseguiam desmanchar muitas baleias no mesmo dia?

91. Que profissões tinham?
92. A comunicação entre a vigia e os barcos também ficou mais fácil, lembra-se porquê?
93. Sabe de onde vieram esses equipamentos?
94. Tem ideia de quantos animais foram caçados na Madeira?
95. Alguma vez teve algum acidente durante as caçadas?
96. Sabe em que ano acabou a caça?
97. Sabe por que acabou a caça?

## Apêndice II - Modelo da Ficha do informante



Faculdade de Artes e Humanidades  
Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas

### FICHA DO INFORMANTE

Código: .....

Nome: .....

Sexo: .....

Data de Nascimento: ..... Idade: .....

Local de Nascimento: .....

Estado Civil: .....

Escolaridade: .....

Profissão: .....

Outras Atividades: .....

Aparelho Fonador: ( ) Bom ( ) Com problemas Qual? .....

Características Psicológicas: ( ) Nervoso ( ) Tranquilo ( ) Espontâneo

Nome do entrevistador:

Local da Entrevista:

Data:

Duração:

**Apêndice III – Modelo da autorização de gravação de entrevista e tratamento de dados**



Faculdade de Artes e Humanidades  
Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas

**AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO DE ENTREVISTA E TRATAMENTO DE  
DADOS**

Autorizo, por minha livre e informada vontade, a gravação da entrevista e o respetivo tratamento dos dados, sobre a minha experiência na caça à baleia na Madeira, para efeitos de investigação no âmbito do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas, na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira.

Caníçal,

O Entrevistado

O Entrevistador

## ANEXOS

### Anexo I - Álbum fotográfico

As fotografias pertencem à coleção da caça à baleia do Museu da Baleia da Madeira.



1. Arpão (cf. glossário: *arpão (da baleia)*)



2. Arriar a baleeira (cf. glossário: *arriar e baleeira*)



3. Autoclaves (cf. glossário: *autoclave e fábrica*)



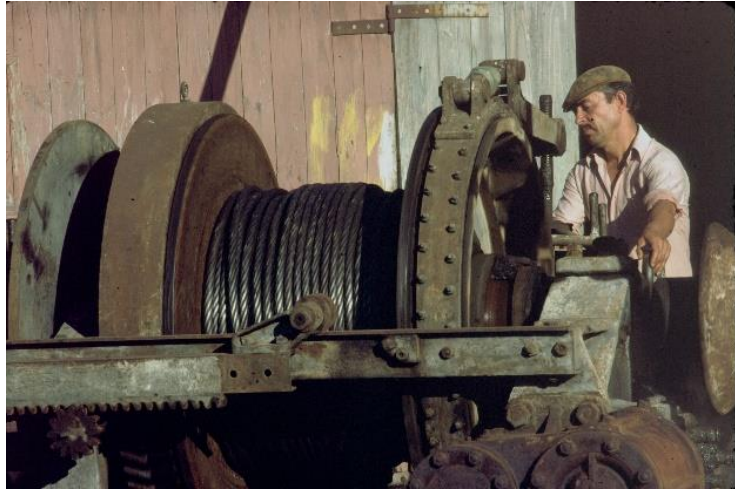
4. Baleeira à vela (cf. glossário: *baleeira à vela*)



5. Cabeço (cf. glossário: *cabeço*)



6. Cachalote na Rampa (cf. glossário: *cachalote, rampa (da fábrica) e varar*)



7. Guincho (cf. glossário: *guincho (a vapor)*)



8. Navio-tanque (cf. glossário: *navio de tanque*)



9. Rebocador (cf. glossário: *rebocador*)



10. Selha (cf. glossário: *linha (da baleia) e selha*)



11. Toicinho (cf. glossário: *toicinho da baleia*)



12. Vigia do Garajau (cf. glossário: *vigia*)